

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO

João Elói de Melo

**Configuração da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia no Estado de Rondônia –
Brasil**

PORTO VELHO
2015

JOÃO ELÓI DE MELO

**Configuração da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia no Estado de Rondônia –
Brasil**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Administração do Núcleo de Ciências Sociais Aplicadas da Fundação Universidade Federal de Rondônia, como requisito final para obtenção do Título de Mestre em Administração na Linha de Pesquisa de Gestão de Agronegócios e Sustentabilidade.

**Orientador: Prof. Dr. Theophilo Alves de
Souza Filho**

**PORTO VELHO
2015**

FICHA CATALOGRÁFICA
BIBLIOTECA PROF. ROBERTO DUARTE PIRES

M528c

Melo, João Elói de.

Configurações da cadeia produtiva da Castanha-da-Amazônia no Estado de Rondônia-Brasil / João Elói de Melo. -- Porto Velho, Rondônia, 2015.

111 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Theophilo Alves de Souza Filho

Dissertação (Mestrado em Administração) - Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

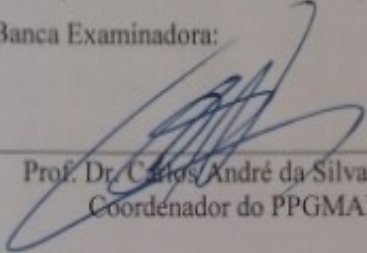
1. Cadeia produtiva. 2. Castanha-da-Amazônia. 3. Teoria de *Stakeholders*. I. Souza Filho, Theophilo Alves de. II. Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR. III. Título.

CDU 658:634.575

JOÃO ELÓI DE MELO

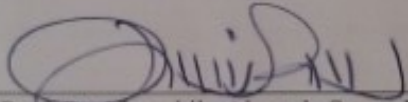
**Configuração da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia no Estado de Rondônia –
Brasil**

Dissertação de Mestrado apresentada em 23 de outubro de 2015, ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Administração da Fundação Universidade Federal de Rondônia. Como requisito final para obtenção do Título de Mestre em Administração na Linha de Pesquisa de Gestão de Agronegócios e Sustentabilidade, que foi analisada e julgada aprovada em sua versão final pela Banca Examinadora:

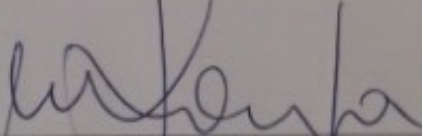


Prof. Dr. Carlos André da Silva Muller
Coordenador do PPGMAD

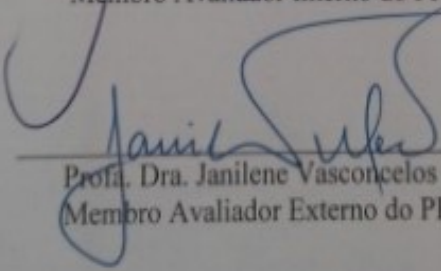
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Theophilo Alves de Souza Filho
Orientador – Presidente da Banca Examinadora



Profa. Dra. Mariluce Paes de Souza
Membro Avaliador Interno do PPGMAD



Profa. Dra. Janilene Vasconcelos de Melo
Membro Avaliador Externo do PPGMAD

PORTO VELHO
2015

Aos meus pais,
José Eloi de Melo (*in memoriam*) e
Severina Caetano de Oliveira,
com carinho e muita saudade,
que estão felizes pelo meu caminhar.

À minha família,
Lilian Mara Sodino Silva, por entender a
importância dessa etapa.

AGRADECIMENTOS

Irei dividir os agradecimentos em momentos.

As inúmeras pessoas que contribuíram, colaboraram e participaram da realização da fase de estudo de campo.

Aos colegas de curso das turmas 2013 e 2014, em destaque para o João Marcos, Iluska Lobo e Jeoval Batista, pelo apoio, sugestões e incentivos.

A todos os professores do Programa de Mestrado em Administração, colegas docentes, que sempre me estimularam em especial ao Coordenador do Grupo de Pesquisa em Gestão da Inovação e Tecnologia (GEITEC), Prof. Dr. Flávio de São Pedro Filho.

A Coordenadora/UNIR do Projeto Mudança na rota da Castanha no Arco Norte e Coordenadora do Centro de Estudos Interdisciplinar em Desenvolvimento Sustentável da Amazônia – CEDSA, Profa. Dra. Mariluce Paes de Souza, pelas suas orientações e contribuições nesse estudo.

Em destaque ao meu orientador Prof. Dr. Theophilo Alves de Souza Filho, pela paciência em perceber minhas limitações e de forma competente guiou-me no êxito dessa dissertação.

“As abelhas e as vespas sugam as mesmas
flores, mas não sabem encontrar nelas o
mesmo mel.”

(Provérbio Chinês)

ELOI DE MELO, João. **Configuração da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia no Estado de Rondônia-Brasil**. 111 fls. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração do Núcleo de Ciências Sociais Aplicadas, Fundação Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho: 2015.

RESUMO

Com a queda do ciclo da borracha, a exploração do mercado da Castanha-da-Amazônia tornou-se uma boa opção para expansão comercial gerando resultados econômicos significativos. As mudanças ocorridas nas configurações das realidades manufatureiras no decorrer do final do século XX permitem estabelecer modelos produtivos flexíveis possibilitando a substituição dos sistemas tradicionais, oportunizando estabelecer novos formatos de cadeias produtivas. Os produtos oriundos das florestas nativas, a exemplo da borracha, a Castanha-da-Amazônia passa a alterar o cenário econômico com a inclusão da temática ecológica. A percepção de preservação ambiental, originando-se a necessidade de conhecer outras formas de aproveitar recursos ou explorá-los em melhores condições, minimizando a exaustão do espécime e evitando perdas econômicas. A principal pergunta que se faz ao longo nesta tarefa é “Qual a configuração da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia no Estado de Rondônia – Brasil?”. Este fundamento origina-se no cenário observado na construção do referencial empírico. A investigação aqui exposta objetiva demonstrar e explicar a configuração da cadeia produtiva da Castanha-da-Amazônia no Estado de Rondônia–Brasil, visando demonstrar suas produções, interações e as mudanças ocorridas nos últimos 10 anos. Na direção de atingir o corolário foram colocados os seguintes objetivos específicos: levantar a produção da Castanha-da-Amazônia no Estado de Rondônia – Brasil (a); identificar os segmentos da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia no Estado de Rondônia – Brasil (b); identificar os *Stakeholders* e as interações existentes na Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia no Estado de Rondônia–Brasil (c); comparar a configuração da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia (d); demonstrar as mudanças ocorridas nos últimos 10 anos (d). Para auxiliar o delineamento do trabalho se apoia em elenco conceitual de *Filière* e a descrição de suas características enriquecendo-a com o detalhamento dos serviços agroflorestais, negócios, panorama do mercado e segmentos da cadeia produtiva, adotou-se a Teoria de *Stakeholders* na discussão da matriz teórica. Trata-se de investigação de natureza aplicada, assim, para a realização desta pesquisa foi adotado as vertentes paradigmáticas fenomenológicas e positivistas. Assim, no desenvolvimento desta pesquisa foi obedecido o Método Monográfico, com a construção do estudo exploratório-descritivo seguindo a metodologia de multimétodos, que se propõe a descrever os fenômenos com o uso das técnicas da historiografia, da triangulação e da análise de conteúdo. Foram empregados os demais procedimentos como estudo de campo e com realização de visita técnica seguida de entrevistas registradas em diário de campo e as demais diretrizes requeridas para o modelo de pesquisa em questão. Como resultado foi apurado a fragilidade operacional dos elos da cadeia produtiva da Castanha-da-Amazônia, constatou-se ainda a desarticulação das ações das classes de *stakeholders* pesquisados. A produção de Castanha-da-Amazônia no Estado de Rondônia vem apresentando constantes quedas, sendo que as oscilações promovidas pela sazonalidade do produto não têm sido o ponto preponderante para esta diminuição. A Região Norte onde se encontra os castanhais na floresta Amazônica deve utilizar seus patrimônios naturais como diferencial competitivo, apropriando-se dos elementos raros e endêmicos, para proporcionar desenvolvimento social, ambiental, econômico e institucional – juntamente com a produção de novos conhecimentos científicos.

Palavras-Chave: Cadeia Produtiva. Castanha-da-Amazônia. Teoria de *Stakeholders*.

ELOI DE MELO, João. **Configuração da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia no Estado de Rondônia-Brasil**. 111 fls. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração do Núcleo de Ciências Sociais Aplicadas, Fundação Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho: 2015.

ABSTRACT

With the fall of the rubber boom, the market exploration of Chestnut-the-Amazon has become a good option for business expansion generating significant economic results. The changes in the settings of manufacturing realities during the late twentieth century can establish flexible production models enabling the replacement of traditional systems, providing opportunities to establish new supply chains formats. Products derived from native forests, for example, rubber, the Chestnut-the-Amazon starts to change the economic scenario with the inclusion of ecological issues. The perception of environmental protection, leading to the need for other ways to leverage resources and exploit them in the best conditions, minimizing the depletion of the specimen and avoiding economic losses. The main question that is asked over this task is "What is the configuration of the Productive Chain of-Amazon-Chestnut in the State of *Rondônia* - Brazil?". This plea stems from the scenario observed in the construction of empirical reference. The research outlined here aims to demonstrate and explain the production chain configuration of-the-Amazon-Chestnut in the State of *Rondônia*, Brazil, aiming to show their productions, interactions and the changes in the last 10 years. Towards achieving the corollary the following specific objectives were placed: raise the production of-Amazon-Chestnut in the State of Rondônia - Brazil (a); identify the segments of the production chain of the-Amazon-Chestnut in the State of Rondônia - Brazil (b); identify stakeholders and the interactions in the Production Chain of-Amazon-Chestnut in the State of *Rondônia*, Brazil (c); compare the configuration of the production chain of Chestnut-the-Amazon (d); demonstrate the changes in the last 10 years (d). To assist the design work is based on conceptual cast of Filière and the description of its features enriching it with details of agroforestry services, business, market outlook and segments of the production chain, it adopted the Stakeholder Theory in the discussion of theoretical matrix. It is the nature of applied research, so for this research was adopted phenomenological and positivist paradigm strands. Thus, in the development of this research it was obeyed the Monographic method, with the construction of the exploratory and descriptive study following the multimethod methodology, which aims to describe the phenomena with the use of techniques of historiography, triangulation and content analysis. They were employed other procedures such as field study and conducting technical visit followed by interviews recorded in a field diary and other guidelines required for the research model in question. As a result it was found the operational weakness of the productive chain of Chestnut-the-Amazon links, it was found still the disarticulation of the actions of stakeholders surveyed classes. Production of-Amazon-Chestnut in the state of Rondônia has shown constant falls, and the fluctuations promoted by the seasonality of the product have not been the major point for this decrease. The northern region where the nut trees in the Amazon forest must use their natural assets as a competitive advantage, appropriating the rare and endemic elements to provide social, environmental, economic and institutional development - along with the production of new scientific knowledge.

Keywords: Local Productive Arrangement, Supply Chain, Brazil Nuts. Stakeholders.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de Figuras

FIGURA 1 – NOVO PREÇO DA CASTANHA	16
FIGURA 2– GRÁFICO DA PRODUÇÃO DE CASTANHA DE 1986 A 2013.....	16
FIGURA 3 – POLÍTICA PÚBLICA DE COMPRA DE CASTANHA.....	18
FIGURA 4 – DESCASCADOR DE CASTANHA MANUAL	24
FIGURA 5 – UNIDADE DE MEDIDA (LATA) DE CASTANHA COM CABEÇA	25
FIGURA 6 – FRUTOE FOLHAS DA CASTANHA-DA-AMAZÔNIA	26
FIGURA 7 – OURIÇO DA CASTANHEIRA VERMELHA E OURIÇO DA CASTANHEIRA BRANCA	27
FIGURA 8 – ANÚNCIO DOS SERINGAIS	43
FIGURA 9 – ANÚNCIOS DE COMPRADORES INDIVIDUAIS.....	44
FIGURA 10 – COMPRADORES DE CASTANHA COM SEDE EM MANAUS.....	45
FIGURA 11 – SÓCIOS DA RONDEX	46
FIGURA 12 – ANÚNCIO DA RONDEX	47
FIGURA 13 – COMPRADORES DE PRODUTOS REGIONAIS.....	47
FIGURA 14 – ESCRITÓRIOS DE REPRESENTAÇÕES DE EXPORTADORES DE CASTANHA.....	48
FIGURA 15 – USINA DE BENEFICIAMENTO DE CASTANHA PAULO SALDANHA	48
FIGURA 16 – ORIGEM SOCIETÁRIA DA BOLBRAS S.A	49
FIGURA 17 – ANÚNCIOS DE NEGOCIANTES NA BOLÍVIA	50
FIGURA 18 – ANÚNCIOS DE NEGOCIANTES DE CASTANHA NA BOLÍVIA.....	51
FIGURA 19 – ANÚNCIO DO MERCADO DE CASTANHA NA BOLÍVIA.....	52
FIGURA 20 – GRÁFICO O ESTUDO DA PRODUÇÃO DE CASTANHA NO PERÍODO DE 2003 A 2013 ..	58
FIGURA 21 – O PREPARO DA TAREFA UTILIZANDO A TÉCNICA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	59
FIGURA 22 – GRÁFICO DA PRODUÇÃO 1986 - 2013	62
FIGURA 23 – GRÁFICO DA VARIAÇÃO DE SAFRA 1986 - 2013	63
FIGURA 24 – GRÁFICO DA PRODUÇÃO BRASIL X RONDÔNIA 1986 - 2013	63
FIGURA 25 – GRÁFICO DA OSCILAÇÃO DA PRODUÇÃO 1986 - 2013	64
FIGURA 26 – GRÁFICO DA PRODUÇÃO 2003 - 2013	65
FIGURA 27 – GRÁFICO DA VARIAÇÃO DE SAFRA 2003 - 2013	65
FIGURA 28 – GRÁFICO DA PRODUÇÃO BRASIL X RONDÔNIA 2003 - 2013	66
FIGURA 29 – GRÁFICO DA OSCILAÇÃO DA PRODUÇÃO 2003 - 2013	67
FIGURA 30 – GRÁFICO DOS ESTADOS PRODUTORES DE CASTANHA 1986 - 2013.....	68
FIGURA 31 – GRÁFICO DA PRODUÇÃO DE CASTANHA-DA-AMAZÔNIA POR ESTADO.....	68
FIGURA 32 – GRÁFICO DO MERCADO PRODUTOR DE CASTANHA 1986 - 2013.....	69
FIGURA 33 – GRÁFICO DA PARTICIPAÇÃO NO MERCADO POR ESTADO.....	70
FIGURA 34 – CASTANHEIRA NO LIMPO.....	71
FIGURA 35 – CARGA DE CASTANHA-DA-AMAZÔNIA EM TRÂNSITO PARA A EXPORTAÇÃO.....	72
FIGURA 36 – IDENTIFICAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA DA CASTANHA NA DÉCADA DE 1960	73
FIGURA 37 – DETALHAMENTO DA CADEIA DA CASTANHA EM RONDÔNIA NA DÉCADA DE 1960	74
FIGURA 38 – CASTANHA-DA-AMAZÔNIA PELO MUNDO	82
FIGURA 39 – MAPA DO TERRITÓRIO FEDERAL DO GUAPORÉ	86
FIGURA 40 – PRÉDIO DAS INSTALAÇÕES DA RONDEX EM GUAJARÁ-MIRIM.....	89
FIGURA 41 – ANÚNCIO DE ATRAÇÃO DE INVESTIMENTOS DA RONDEX	90
FIGURA 42 – CONFIGURAÇÃO DA CADEIA DA CASTANHA EM RONDÔNIA NA DÉCADA DE 1960	90
FIGURA 43 – ANÚNCIO DO GRUPO BENNESBY	91
FIGURA 44 – CONFIGURAÇÃO DA CADEIA DA CASTANHA EM RONDÔNIA NA DÉCADA DE 1984	91
FIGURA 45 – CONFIGURAÇÃO DA CADEIA DA CASTANHA EM RONDÔNIA NA DÉCADA 2005.....	92
FIGURA 46 – CONFIGURAÇÃO DA CADEIA DA CASTANHA EM RONDÔNIA EM 2015	93

LISTA DE TABELAS

TABELA 1–ETAPAS DA PESQUISA	54
TABELA 2 – DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA.....	56
TABELA 3 – GRUPOS DE INTERESSES	57
TABELA 4 – POSICIONAMENTO	70
TABELA 5– PARTICIPAÇÃO NO MERCADO REGIONAL.....	71
TABELA 6 – PRODUÇÃO COLETADA DE CASTANHA-DA-AMAZÔNIA EM TONELADAS.....	76
TABELA 7 – PRINCIPAIS ATORES EM RONDÔNIA	77
TABELA 8 – CADASTRO DOS ATORES DO MERCADO INTERNO DA CASTANHA.....	78
TABELA 9 – EXPORTAÇÃO BRASIL - BOLÍVIA	79
TABELA 10 – CADASTRO DOS EXPORTADORES DE CASTANHA PARA A UNIÃO EUROPEIA	80
TABELA 11 – CADASTRO DE EXPORTADORES DA CASTANHA	81
TABELA 12 – REGISTRO DE ESPÉCIMES	83
TABELA 13 – REGIÃO ESTUDADA	83
TABELA 14 – INSTITUIÇÕES PESQUISADORAS	84
TABELA 15 – SERINGAIS E CASTANHAIS.....	87
TABELA 16 – SERINGAIS QUE SE TORNARAM MUNICÍPIOS.....	87
TABELA 17–ANÚNCIOS DE EMPRESASBRASILEIRAS COMPRADORAS DE CASTANHA	88
TABELA 18 – ANÚNCIOS DE EMPRESAS BOLIVIANAS COMPRADORAS DE CASTANHA.....	89
TABELA 19 – ESPECIFICAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA DA CASTANHA-DA-AMAZÔNIA EM RONDÔNIA.....	94

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	15
1.2 OBJETIVOS	17
1.2.1 Objetivo Geral	17
1.2.2 Objetivos Específicos	17
1.1.2 Justificativa	17
1.3 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	18
2 REFERENCIAL TEÓRICO e EMPÍRICO	19
2.1 REFERENCIAL TEÓRICO	19
2.1.1 Cadeia Produtiva na concepção de <i>Filière</i>	19
2.1.2 Características da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia	24
2.1.2.1 Serviço Agroflorestal da Castanha-da-Amazônia	28
2.1.2.2 Negócio Agroflorestal da Castanha-da-Amazônia	30
2.2.4 Segmento da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia	30
2.1.3 Teoria de <i>Stakeholders</i>	32
2.2 REFERENCIAL EMPÍRICO	42
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	53
3.1 TIPO DE PESQUISA	53
3.2 NÍVEL DE PESQUISA	54
3.3 TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS	54
3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	54
3.5 FONTES DE DADOS	55
3.6 DIMENSIONAMENTO DA PESQUISA E SUAS LIMITAÇÕES	57
3.7 TÉCNICA DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	57
3.7.1 Técnica de <i>Historiografia</i>	58
3.7.2 Técnica de Análise de Conteúdo	59
3.7.3 Técnica de Triangulação	60
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	61
4.1 LEVANTAMENTO DA PRODUÇÃO DA CASTANHA-DA-AMAZÔNIA NO ESTADO DE RONDÔNIA - BRASIL	61
4.1.1 Demonstração da Produção de Castanha-da-Amazônia nas safras 1986 – 2013	61
4.1.2 Demonstração da Produção de Castanha-da-Amazônia nas safras 2003 – 2013	65
4.1.3 Demonstração da produção de castanha por Estado Produtor	67
4.2 IDENTIFICAÇÃO DOS SEGMENTOS DA CADEIA PRODUTIVA DA CASTANHA-DA-AMAZÔNIA EM RONDÔNIA - BRASIL	73
4.2.1 Estados Produtores de Castanha-da-Amazônia e suas Produções	75
4.2.2 Indústrias de Processamento e Beneficiamento da Castanha em Rondônia.....	76
4.2.3 Mercado Interno	78
4.2.4 Empresas Exportadoras.....	79
4.2.5 Panorama do Mercado da Castanha-da-Amazônia	81
4.3 IDENTIFICAÇÃO DOS <i>STAKEHOLDERS</i> E AS INTERAÇÕES EXISTENTES NA CADEIA PRODUTIVA DA CASTANHA-DA-AMAZÔNIA EM RONDÔNIA.....	84
4.4 COMPARAÇÃO DA CONFIGURAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA DA CASTANHA-DA-AMAZÔNIA NOS ÚLTIMOS 10 ANOS	85
4.4.1 Configuração da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia na década de 1960.....	85
4.5 DEMONSTRAÇÃO DAS MUDANÇAS OCORRIDAS NOS ÚLTIMOS 10 ANOS	92
4.5.1 Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia na década de 2005	92
4.5.2 Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia em RO em 2015	93

5 CONSIDERAÇÕES	96
5.1 CONTRIBUIÇÕES	97
BIBLIOGRAFIA	98
APÊNDICE – A –	111

1 INTRODUÇÃO

As florestas contribuem para a produção de alimentos, em especial, por meio do extrativismo vegetal, compondo assim parte dos gêneros alimentícios que chegam ao mercado consumidor. Ao longo da evolução humana, ocorreram domesticações de sementes, permitindo a diversidade ornamental, medicinal e alimentar disponível atualmente, inserindo, entre esses produtos, a Castanha-da-Amazônia, que é a semente do fruto da *Bertholletia excelsa*, alimento característico dos povos amazônicos.

Aliada à expansão na comercialização dos produtos oriundos das florestas nativas, a exemplo da borracha, a Castanha-da-Amazônia passa a alterar o cenário econômico com a inclusão da temática ecológica e a percepção de preservação ambiental, originando-se a necessidade de conhecer outras formas de aproveitar recursos ou explorá-los em melhores condições, minimizando a exaustão do espécime e evitando perdas econômicas.

A exploração em grande escala dos recursos extrativos vegetais da Região Amazônica inicialmente aporta-se somente no látex. A exploração do potencial comercial de outras espécies como alternativa apenas acontece após o fracasso no retorno comercial do produto dos seringais, os quais eram mesclados por castanhais. Durante as incursões para sangria das seringueiras, passou-se a catar e quebrar os ouriços de castanha, que, então, surgem como ganho extra no trabalho do seringueiro frente ao patrão – dono da colocação ou pique.

Os ciclos da borracha e da castanha se completam com o povoamento da Região Norte do Brasil, especificamente com o modelo de colonização implantado pelo Governo Federal entre às décadas 1960 e 1970, coordenados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. A posse da área que atualmente compreende o Estado de Rondônia seguiu pelo viés da exploração predatória dos recursos minerais, vegetais e animais. Nesse aspecto o ciclo da Castanha-da-Amazônia representa fonte geradora de renda, concentrada no período de colheita, que ocorre nos interstícios de outubro a março.

As mudanças ocorridas nas configurações das realidades manufatureiras no decorrer do final do século XX permitem estabelecer modelos produtivos flexíveis possibilitando a substituição dos sistemas tradicionais, oportunizando estabelecer novos formatos de cadeias produtivas. Diante das atuais perturbações nos negócios, há lacunas que precisam ser preenchidas. Para tanto o ponto seminal da organização passa a ser o estabelecimento de um cenário estratégico favorável. Por conta disso se faz necessário conhecer os atores envolvidos e suas inter-relações; bem como a dialética entre este e o cenário comercial, o que se constitui fator determinante para estruturação dos elos da cadeia produtiva de alimentos valiosos como

a Castanha-da-Amazônia, suas aplicabilidades nos setores energéticos, construção civil, alimentícios, cosméticos, farmacêuticos e indústria de transformação. As ocorrências no cenário político e econômico afetam o resultado do comércio de produtos de origem florestal.

Os interessados do mercado atuam nos paradigmas dos sistemas produtivos, buscando atender suas necessidades, padrões éticos e morais, na perspectiva de alinhamento com os elos da cadeia. Ao considerar a globalização na via ecossistêmica, emerge a necessidade de novos paradigmas quanto aos meios produtivos que envolvem o sistema extrativista dos produtos não-madeiráveis. Na contemporaneidade as formações de cenários de negócios estabelecidos no segmento de produtos agroindustriais de origem não-madeirável têm sido objeto de reflexão e estudos, a fim de se estabelecer descrições precisas e permitir diagnósticos sobre mercados futuros.

As influências provocadas pelos *stakeholders* e suas respectivas interações permitem que estes afetem e sejam afetados pelas estratégias das organizações que pertencem à cadeia produtiva extrativista da Castanha-da-Amazônia. Compreender a complexidade das interações de atividades econômicas desenvolvidas de forma progressiva em torno de um produto ou serviço que constitui a cadeia produtiva, conhecer como está constituída a cadeia produtiva da Castanha-da-Amazônia e seus relacionamentos permitirá apoiar a gestão estratégica do setor.

1.1 Problema de Pesquisa

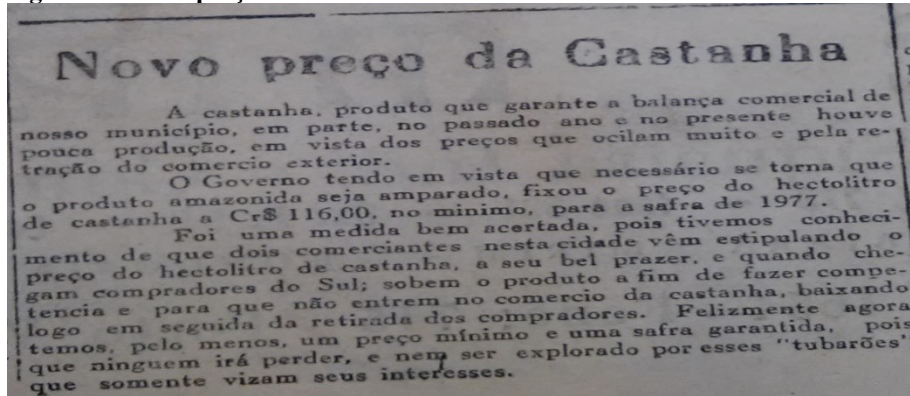
Metodologicamente conforme registrado em Gerhardt e Silveira (2009) o questionamento corresponde ao tratamento ou a compreensão teórica que se estabelece a fim de discorrer sobre tema abordado. Em particular a origem deste estudo ocorre por base na Figura 1, nela é descrita a política pública de manutenção de preço mínimo adotada pelo Governo Federal no ano de 1977, relativo à safra de Castanha-da-Amazônia do Território Federal de Rondônia.

Assim, tomando por base a nota registrada na Figura 1 pode-se pressupor a existência da cadeia produtiva daquele produto. Passado mais de 38 anos e diante deste fato tratado na Figura 1 permite estabelecer o problema norteador desta pesquisa: Qual a configuração da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia no Estado de Rondônia – Brasil?

Pretende-se demonstrar, descrever e explicar, com este estudo, qual é a atual configuração da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia no Estado de Rondônia-Brasil. Apoiando-se na concepção de *Filière*, descrevem-se suas características enriquecendo-a com o detalhamento dos serviços agroflorestais, negócios, panorama do mercado e segmentos da

cadeia produtiva. Para auxiliar no delineamento da tarefa faz-se uso da Teoria dos *Stakeholders*.

Figura 1 – Novo preço da Castanha

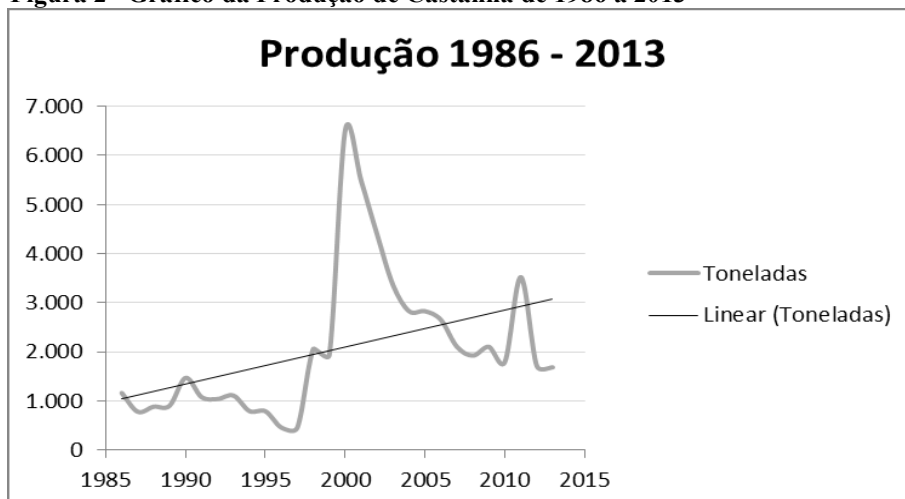


Fonte: O Imparcial

Os dados contidos no Relatório de Extração Vegetal e da Silvicultura, relativos aos estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, de acordo com a Figura 2, nos interstícios de 1986 até 2013, permitirão estabelecer o fenômeno da produção local, regional e nacional da Castanha-da-Amazônia.

Conforme a figura 2, segundo os dados do IBGE no ano de 1986 a produção de castanha registrada foi de 1.166 toneladas, no ano 2000 ocorre safra recorde 6.511 toneladas, mas inexplicavelmente o declínio da produção se manteve por até os dias atuais. A produção extrativa de castanha no ano de 2013 foi na ordem de 1.688 toneladas, isso indica que em 27 anos a safra extrativa da castanha sofreu grandes oscilações. Esta inconstância na produção da Castanha-da-Amazônia em Rondônia pode demonstrar possível fragilidade em sua cadeia produtiva.

Figura 2– Gráfico da Produção de Castanha de 1986 a 2013



Fonte: IBGE

Para completar o trabalho faz-se uso de contribuições empíricas das recentes pesquisas sobre a Castanha-da-Amazônia. Já no transcurso do estudo é estabelecido o perfil da cadeia, através de sua configuração e interação. Esta sondagem contribui como norteador para outros produtos científicos com a premissa de fomentar vicissitudes na Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Configurar a Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia no Estado de Rondônia–Brasil, visando demonstrar suas interações e as mudanças ocorridas nos últimos 10 anos.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a)- Levantar a produção da Castanha-da-Amazônia no Estado de Rondônia – Brasil;
- b)- Identificar os segmentos da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia no Estado de Rondônia – Brasil;
- c)- Identificar os *Stakeholders* e as interações existentes na Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia no Estado de Rondônia–Brasil;
- d)- Comparar a configuração da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia;
- e)- Demonstrar as mudanças ocorridas nos últimos 10 anos.

1.1.2 Justificativa

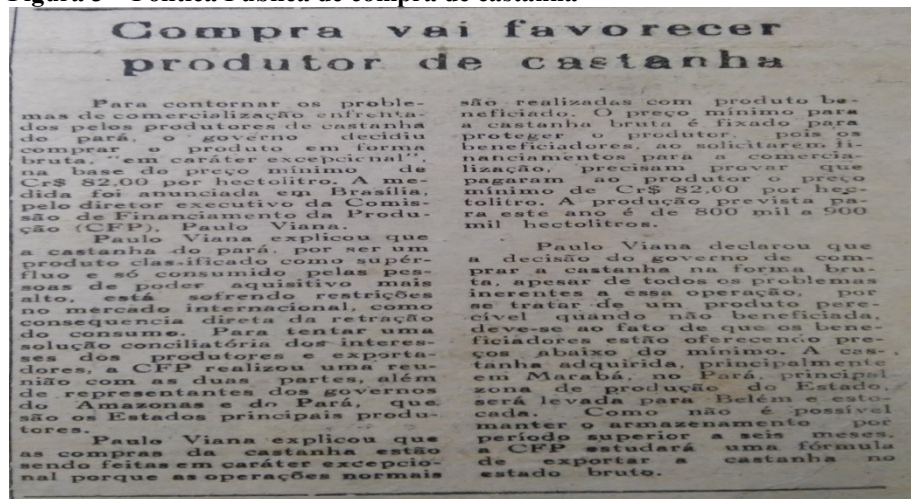
O paradigma social que abrange o advento dos contextos ambientais, sociais, institucionais e econômicos. Surge assim a ideação da gnose com base em fundamentos teóricos no campo da administração científica, contemplando a perspectiva da produtividade, sustentabilidade e pertencimento e considerando as interações identificadas na configuração da cadeia produtiva da Castanha-da-Amazônia. Não foram encontradas obras contemplando a cadeia produtiva da Castanha-da-Amazônia do Estado de Rondônia, mas apenas material que descrevia recortes temporais e espaciais específicos, como nos estudos de Erpen (2013) e Reis (2014), os quais iniciam a discussão da rede de comercialização e seus atores sociais respectivamente.

A Linha de Pesquisa de Gestão de Agronegócios e Sustentabilidade, aportadas na Área de Concentração de Gestão das Organizações desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Administração mantido pela Fundação Universidade Federal de Rondônia, permite construir e compreender o fenômeno descrito na Figura 3.

Nos registros de Santiago (1970) apontado na Figura 3, atenta-se para o caráter emergencial da intervenção governamental na compra da castanha em casca e não beneficiada, as compras são destinadas às localidades que apresentam grandes concentrações como o Estado do Pará e Acre – ressalta-se que nesse momento a produção de Rondônia não foi amparada pela medida.

Perante o episódio, é irrefutável a desarticulação dos produtores e da debilidade constitutiva da cadeia produtiva da castanha na região. A constante evolução no mundo dos negócios permite oportunidades para novos panoramas econômicos, sendo, nesse cenário, o estudo do negócio agroambiental da Castanha-da-Amazônia de suma importância visando entender este nicho e suas relações com o desenvolvimento do Estado de Rondônia.

Figura 3 – Política Pública de compra de castanha



Fonte: O Imparcial.

1.3 Organização da Dissertação

Este trabalho está organizado em cinco capítulos. Neste capítulo foi exposta a Introdução que versa sobre a configuração da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia no Estado de Rondônia–Brasil. O capítulo dois constitui-se pela contextualização, através do referencial teórico e empírico. Na construção do capítulo três trata-se dos procedimentos metodológicos, enquanto no capítulo quatro discutem-se os resultados obtidos com o uso das lentes teóricas descritas na seção dois e os achados empíricos. E finalmente o capítulo cinco destina-se as conclusões oriundas das análises do trabalho, apontando-se as principais contribuições resultantes da investigação e os desdobramentos seguidos das referências.

2 REFERENCIAL TEÓRICO e EMPÍRICO

Este capítulo assiste o referencial teórico, baseado em teses, dissertações e artigos sobre teorias que explicam o funcionamento de cadeias produtivas e assuntos correlatos. Os elementos empíricos tratam-se das pesquisas já realizadas e/ou experiências registradas que serve de suporte para o desenvolvimento desse estudo, fundamenta-se o trabalho de investigação privilegiando a Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia.

2.1 Referencial Teórico

São apresentadas as teorias que embasam para a escolha da metodologia reportada no Capítulo três. Além dessa parte introdutória que compõe o capítulo tornou-se necessário subdividir em outras cinco seções que dispõe da relação dos autores presente em cada etapa, apresentam-se os tratamentos relevantes para fundamentação teórica norteadas pelo tema.

Na seção 2.1.1 evidencia-se a Cadeia Produtiva na concepção de *Filière*, trata-se da aglomeração de tarefas que estão ligadas entre si assemelhando-se as junções de elos de corrente. Para a seção 2.2 Características da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia, foram divididas em quatro subseções respeitando as conexões lógicas necessárias, inicia-se a construção argumentativa sobre o Serviço Agroflorestal da Castanha-da-Amazônia na subseção 2.2.1, demonstram-se as experiências exitosas no uso compartilhado da cobertura de solos no cultivo simultâneo de várias espécies da flora doméstica conjuntamente com a *Bertholletia excelsa*.

Na sequência torna-se necessário enxergar os aspectos econômicos próprios através da imersão do negócio agroflorestal da Castanha-da-Amazônia examinados na subseção 2.2.2. Sequencialmente é discutido sob o tópico Panorama do Mercado da Castanha-da-Amazônia. Foi destinada a subseção 2.2.4 com o intuito de retratar o segmento da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia com o objetivo de categorizar os produtos e subprodutos já existentes e oriundos da Castanha-da-Amazônia.

O desfecho contido na seção 2.3 que trata da exposição da Teoria de *Stakeholders* se embasa na descrição dos atores ou grupo envolvido com a organização e vice-versa. Isso é a conexão preambular da indagação, tornando-se plausível articular as ideias evidenciadas no objeto de inquirição por meio dessas lentes teóricas.

2.1.1 Cadeia Produtiva na concepção de *Filière*

Na presente seção serão tratados os princípios da cadeia produtiva que foram contemplados por autores de teses de doutorados e dissertações de mestrado, cujos temas

explorados contemplam elementos da cadeia produtiva da Castanha-da-Amazônia com foco na Amazônia. Conforme os olhares de (GONÇALVES, 2010), (HASENCLEVER e ZISSIMOS, 2006), (ELIAS, 2008), (HASENCLEVER e ZISSIMOS, 2006), (PEDROSO, SILVA, *et al.*, 2011), (FURLANETTO e CÂNDIDO, 2006), (BAYMA, MALAVAZI, *et al.*, 2014), (SOUZA, 2001), (DIAS, 2000), (BATALHA e SILVA, 2011), (TIGRE, 2014), (PAES-DE-SOUZA, 2007), (SILVA, LEITE e RODRIGUEZ, 2009), (PACHECO, 2007), (SANTOS, 2011), (BARBOSA, 2011), (CORTEZ, 2011), (ERPEN, 2013), (REIS, 2014), (MENEGUETTI, 2014) e (PEIXOTO, 2014). Em síntese o material produzido pelos autores apresentam fragmentos da cadeia produtiva ou a descrevem por completo. Os autores expostos são considerados relevantes para apoiar a investigação que ora se desenvolve; dessa forma, no decorrer do segmento, explora-se a origem da cadeia produtiva.

Em particular Batalha e Silva (2011) descrevem, na França durante a década de 1960, como começam as discussões sobre o conceito de *filière* (cadeia produtiva), inicialmente era somente para esclarecer as adversidades da agroindústria. Desde então os pesquisadores brasileiros utilizam o conceito de cadeia produtiva como ferramenta de análise. Os inúmeros estudos discutem as interações e as variedades do sistema agroindustrial brasileiro, assim como, sua participação no cenário econômico globalizado.

Para Hasenclever e Zissimos (2006) o estudo do desenvolvimento econômico local é tema muito complexo e novo, no Brasil deve-se aportar em estudos de caráter exploratório. As transformações nas configurações das realidades industriais atualmente permitem modelos industriais mais flexíveis possibilitando novos tratamentos em substituição ao modelo fordista de produção. Assim, os desenvolvimentos locais constituídos por intermédio de aglomerações espaciais de empresas e organizações podem ser descritos com uma gama variada de terminologia, tais como *cluster*, configuração produtiva local, modelo de distrito industrial, sistema produtivo local, arranjo produtivo local e sistema local de produção.

Conforme estudos em Pedroso, Silva, *et al.* (2011), observa que são poucos expressivos os artigos florestais não-madeiráveis diante de conceito macroeconômicos, mas para manutenção das populações tradicionais ou agroextrativistas eles são essenciais, exige pouco investimento, suprindo o autoconsumo, consumo regional até mesmo o mercado externo.

Aponta Gonçalves (2010) em perspectiva territorial da organização da produção, a cadeia de suprimento abrange indústria e fornecedores em elos com focos mais amplos, conforme compreende. No cenário brasileiro tem-se observado a existência de duas linhas de pesquisas predominantes (*i*) o distrito industriais baseado no modelo italiano e (*ii*) o sistema

local de produção. As inovações decorrentes da introdução do conhecimento em bens e serviços. Embora não haja uma classificação de que tipo de conhecimento esteja vinculado aos modelos de configurações entre as empresas, (HASENCLEVER e ZISSIMOS, 2006) e suas redes de relacionamentos.

Como tratado por Souza (2001), a cadeia produtiva de um produto permite a vantagem competitiva no mercado, a composição da cadeia se assemelha a elos de correntes, começando pelos fornecedores e finalizando no consumidor final, cada ator quanto as interações específicas contribuem para agregação de valor e artigo de ótima qualidade. O uso de corte vertical na estrutura econômica dos produtos, iniciando na matéria prima, facilita estudos posteriores do desempenho do produto acabado, considerando os três níveis de produção (primário, secundário e terciário). O ponto central da *filière* é o mercado de consumo (último elo) seguindo pelo viés da matéria prima. Toda cadeia produtiva principal também é composta por cadeias auxiliares, geralmente elas atuam juntas, podem ser descritas como: fornecedores de insumos, de equipamentos, de serviços, de logística, de tecnologias, recursos humanos, de capacitação, entidades reguladoras e de classe.

Orientações em Elias (2008) direcionam que as organizações são os agentes propulsores do desenvolvimento sustentável, essas entidades são orientadoras do processo de formação da cadeia produtiva, os impactos gerados pelas decisões tomadas promovem sucessões de impactos diretos com outros atores, ou mesmo embates indiretos em outros atores. Independentemente do grau de importância o estudo da cadeia como um todo a fim de registrar as interações, justifica-se o uso da análise como elemento principal nas organizações em função desempenhada. O gerenciamento da cadeia e de responsabilidade da organização, que geralmente é afetada diretamente devido as varias influências externas então cabe à organização apontar as soluções para adaptar-se na direção de moldar-se ao cenário.

Explica Dias (2000), no cenário delimitado pelas incertezas do mercado leva as organizações se moldarem ao ambiente no intuito de obterem lucratividade e competitividade com o menor risco possível, uma forma rápida de superar este obstáculo é constituir-se em cadeias. A concepção de cadeia produtiva como grupo de interesses atuando de maneiras interligadas para propiciar produtos ao consumidor final já era e é prática comum. Os elos que constituem a cadeia produtiva são de suma importância e a ligação com os demais atores é imprescindível. As cadeias produtivas não planejadas, constituídas de modo empírico constroem ligações muito fragilizadas e com pouca sinergia – esperar que ocorra a maturação natural é deixa-las ao acaso. Pode ocorrer o enfraquecimento da cadeia produtiva e como

consequência de menor gravidade ela poderá perder cliente para outras cadeias e podendo chegar ao abandono ou falência.

No contexto abordado por Elias (2008) em uma análise de *filière* é possível ter tanto uma visão estática como dinâmica do processo. Por meio da análise da cadeia produtiva é possível obter dois tipos distintos de visão: visão estática, em que o foco principal é a interligações e resultante das interdependências funcionais e tecnológicas são destacadas; já na visão dinâmica, o foco é parte do modelo que deverá sofrer ajustes, na indução interna ou externa da cadeia. Grandes partes das organizações já incorporaram o conceito de cadeia produtiva frisando principalmente o sequenciamento de tarefas.

Como descrito por Dias (2000) para cada modelo de relacionamento exige desenvolver políticas de estratégias e alianças, assim como a integração entre os atores que configuram a cadeia produtiva é vital, sua visualização como organização que integra a rede de empresas. São os produtos finais que definem a cadeia produtiva, os respectivos encadeamentos partindo das extremidades para a origem relacionando todas as técnicas e operações fundamentais para a existência do produto. A cadeia genérica consiste no agrupamento das empresas comprometidas em produzir qualquer artigo, considerando desde a matéria-prima até o uso pelo cliente final, objetiva-se o desenvolvimento de todos os atores (elos) da cadeia produtiva observando o delineamento de sua área de abrangência. Já a cadeia específica (*supply chain management*) trata-se do modelo no qual existe uma organização que toma a liderança e gerencia todas as atividades e os demais atores envolvidos. As cadeias produtivas genéricas promovem o surgimento da cadeia produtiva específica.

Nos dizeres de Pedroso, Silva, *et. al.* (2011), análise de *filières* fornece perspectiva global sobre o sistema, demonstrando os vínculos entre os atores do início ao fim da cadeia. A utilização dela como ferramenta de descrição técnica-econômica, considera todo o contexto em que acontece sua aplicação. Engloba toda a cadeia produtiva que permite ainda estudar os bons resultados dos artigos no aspecto da produção, processamento e comercialização em escala respeitando a legislação. Ferramenta que propicia também perceber as todas as etapas dos procedimentos adotados na constituição central da cadeia produtiva e sua sustentabilidade.

Levantamento efetuado em Furlanetto e Cândido (2006) considera o nível conexão entre os elos e o êxito do agronegócio como resultado das mesmas ferramentas de gestão que garantem a eficiência de resposta como exigências do mercado. Todas as etapas iniciando na produção do insumo, produto, industrialização, comercialização são os elos da cadeia, o modelo de agronegócio brasileiro corresponde a 2/5 da exportação, representada uma fonte

significativa de divisa para o País. O diagnóstico das relações existentes entre os elos que constituem uma cadeia produtiva permite compor uma análise, as interações dos atores por meio de vínculos lógicos diretos e ativos. Faz-se necessário o uso de ferramentas que permitam inteirar-se e esquematizar detalhadamente a vocação dos artigos produzidos, gestão, governança. Cada cadeia possui suas singularidades que devem ser estudadas, o planejamento no negócio deve se estender a toda cadeia, de forma que todos os elos estejam integrados.

Em Tigre (2004) vamos encontrar o seguinte esclarecimento para cadeia produtiva, cadeia horizontal, ou redes não hierarquizadas, sendo que é organizada por atores ligados à produção de forma articulada buscando desenvolver a competitividade. As etapas da cadeia produtiva que propiciam melhor valor agregado geralmente são constituídas por organizações centrais, os pontos mais periféricos são desempenhados por empresas com menos poderio negocial.

Para Batalha e Silva (2011) sem grande rigor, a noção de cadeia agroindustrial no Brasil está dividida em apenas dois conceitos, para o primeiro engloba várias pesquisas analíticas concentrando-se no processo de governança e coordenação limitadas ao contorno externo da cadeia produtiva. Outra concepção pouco discutida é o uso das cadeias produtivas como ferramentas de gestão empresarial. As concepções sobre cadeia produtiva tornam-se úteis para construção de políticas privadas e públicas, o inverso ocorre no processo de indicação de instrumentos administrativos para as organizações. Todavia as contrariedades são capazes de figurar nesses atos, necessita-se adaptar os mecanismos de administração para o viés da cadeia produtiva. Sob o ponto de vista de Paes-de-Souza (2007), os estudos das análises de desempenho das organizações industriais direcionaram os fundamentos da cadeia produtiva, o processo descritivo do mercado, das políticas públicas e demais elementos atuantes nos resultados das organizações.

Na ótica de Batalha e Silva (2011), a *filière* é estruturada de fora para dentro para dentro do seguimento, as fronteiras entre elas são poucas caracterizadas, e para cada produto ou seguimento necessita-se de novas configurações. Geralmente os três elementos mais comuns são: vendas, produção em escala e exploração de matéria prima. Vamos encontrar o seguinte esclarecimento, a respeito do raciocínio empregado na conexão das ações, utilizando como ponto de partida o consumidor final até chegar o produtor primário, assim, as cadeias produtivas tornam-se dinâmicas e sinérgicas, pode-se descrevê-la ainda como um sistema aberto.

Esclarece Silva, Leite e Rodriguez (2009) a propósito, a cadeia de produção agroindustrial é designada em função do agrupamento de tarefas conversoras ou seus processos técnicos, cuja finalidade é melhorar a valorização dos processos e das mercadorias.

2.1.2 Características da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia

A cadeia produtiva da Castanha-da-Amazônia está organizada em etapas: processos, produtos e mercados, Souza Filho (2014). Orientações em Haddad, Bonelli e Prado (2006) a altura da castanheira impossibilita a colheita tradicional (*peditum*), os frutos são coletados somente quando caem no chão, o uso de terçado e machadinha para retirar a castanha de dentro do ouriço, as castanhas são armazenadas em sacos e negociadas *in natura*.

Aponta Pennacchio (2013) existem muitos fatores que interferem nas atividades extrativistas, sendo o econômico é o mais impactante. As ações governamentais de apoio provocam resultados positivos na organização do sistema de comercialização, a fragilidade da cadeia produtiva é enorme, pois são os poucos compradores que determinam o preço.

Figura 4 – Descascador de castanha manual



Fonte: Dados da Pesquisa.

Souza Filho (2014) ressalta a presença de diversos atores com interesses e apoio à cadeia produtiva da Castanha-da-Amazônia no Estado do Amazonas. Mas existe a mesma relação no Estado de Rondônia? Os povos amazônicos possuem uma relação de pertencimento construído diante de uma realidade voltada à relação de sustentabilidade social,

econômica e também ambiental. Assim, a pesquisa se justifica com o intuito de colaborar com a descrição de conceitos e complementar o entendimento sobre o tema.

Para Souza Filho (2014) onde é realizado o processo de secagem resultando no produto pronto para o consumo. Segundo Haddad, Bonelli e Prado (2006) o beneficiamento começa com a desidratação da semente, na etapa seguinte realiza-se o descascamento. Para o descascamento manual exige-se mão-de-obra volumosa, pois o processo é moroso, a quebra é semente a semente – a Figura 4 apresenta equipamento manual descascador de castanha – e posteriormente segue o processo de embalagem. A principal unidade de medida utilizada nas negociações entre os comparadores e os coletores é a lata, tem localidade que é utilizada a medida com cabeça, vide Figura 5, e sem cabeça. A lata sem cabeça trata-se de encher o latão ao máximo, mas sem sobrar castanha acima do limite da borda. Na Figura 6, exara ilustração da folha, fruto e sementes da castanheira; na Figura 7 registram-se, da direita para a esquerda, os frutos da castanheira vermelha e da castanheira branca.

Nos estudos da Embrapa (2004) registra-se que a cadeia produtiva da castanha-do-brasil possui baixo nível tecnológico e juntamente com o manejo inadequado propiciam pontos de contaminação por fungos produtores de *aflatoxinase* bactérias do grupo coliforme, em função da exposição direta aos elementos ambientais – causadores de risco à saúde. Esses fatores implicam na não comercialização para o mercado externo.

Figura 5 – Unidade de medida (lata) de castanha com cabeça



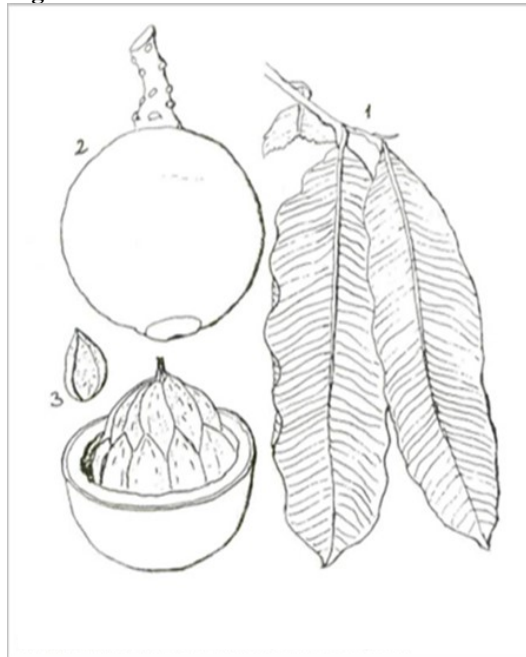
Fonte: Dados da Pesquisa.

Como tratado por Souza Filho, Pedrozo e Paes-de-Souza (2011) o aperfeiçoamento dos produtos oriundos da Castanha-da-Amazônia demanda a superação de grandes obstáculos

em decorrência do mercado, processos, insumos, gestão da informação e institucional. O princípio de comercialização decorre em atender ao desenvolvimento sustentável. Apesar disso, entender o papel estratégico do ator principal é fundamental, principalmente a sistemática de organização, das informações e articulações de negociações em Rondônia, compreendendo que eles atuam de acordo com o rito da floresta.

Como é indicado por Souza Filho, Pedrozo e Paes-de-Souza (2011) o novo modelo de progresso é considerável, o dinamismo desempenhado pelos atores econômicos nos negócios locais, promovendo renda, gerando novos empregos na sociedade, a cadeia produtiva de artigos tradicionais já se alinha neste novo formato. Indivíduos, grupos, comunidades, associações, cooperativas, organizações e empresas modelam-se em arranjos produtivos, o funcionamento em cadeia intensifica o desenvolvimento sustentável como método de entrada para os produtos disponibilizados pelos elos da cadeia.

Figura 6 – frutoe folhas da Castanha-da-Amazônia



Fonte: FAO 1982

Autores como Pacheco (2007) conta no seu trabalho de doutorado a descrição genérica da cadeia produtiva da Castanha-do-Brasil, relatando todas as etapas iniciando na colheita até a finalização com comercialização. No contexto, Santos (2011) descreve o papel das Comunidades Extrativistas de São Carlos e Cuniã no Baixo Madeira, em sua dissertação de mestrado; além disso, alguns dos elos da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia com o foco nos contexto social e ambiental.

Na dissertação de mestrado de Barbosa (2011) se produz quadro comparativo relativo à organização da cadeia produtiva da castanha na Reserva Extrativista Chico Mendes no Acre

e Reserva Extrativista Rio Ouro Preto em Rondônia no capítulo de conclusão. O ponto central da pesquisa é a organização e as boas práticas de manejo das reservas e o desenvolvimento sustentável. Já Cortez (2011) aborda em sua dissertação de mestrado os aspectos da sustentabilidade socioambiental da produção extrativista da Castanha da Amazônia realizada pelas populações de duas comunidades tradicionais no município de Manicoré no Amazonas - nesse trabalho ocorre a descrição de parte dos elos da cadeia produtiva.

Explica Erpen (2013) em seus estudos da dissertação de mestrado sobre a região de fronteira Brasil-Bolívia descreve a rede de comercialização com lentes teóricas a respeito da rede social, um dos elos da cadeia produtiva, neste recorte geográfico do Estado de Rondônia. A pesquisa que desenvolveu Reis (2014) para sua dissertação de mestrado apresenta a Cadeia Extrativista da Castanha-da-Amazônia envolvendo os atores da região de Ji-Paraná no centro do Estado de Rondônia. Vale frisar que neste trabalho também explora o uso das lentes teóricas sobre as redes sociais.

Figura 7 – Ouriço da Castanheira Vermelha e Ouriço da Castanheira Branca



Fonte: Dados da Pesquisa.

Similarmente Meneguetti (2014) debruça sua análise sobre a realidade das comunidades de assentamentos rurais da região central do Estado de Rondônia, especificamente no município de Ariquemes, neste estudo foi adotada a perspectiva conceitual do *macromarketing*. Peixoto (2014) volta sua tarefa para o Estado do Acre onde a cadeia produtiva está mais claramente definida, ele aborda na sua dissertação de mestrado explora as políticas públicas que proporcionam o incentivo a produção e promovendo a qualidade de vida dos povos da floresta.

2.1.2.1 Serviço Agroflorestal da Castanha-da-Amazônia

O Serviço Agroflorestal trata-se de aproveitar a sinergia do uso combinado dos espécimes para o melhor aproveitamento da cobertura vegetal do solo, promovendo a diversificação biológica; além disso, garantindo a menor exaustão, ambiental, social e econômica das áreas exploradas.

É indicado por Bentes-Gama, Silva, *et. al.* (2005), a crescente demanda por pesquisa agroflorestal na região Amazônica, em busca de inovações tecnológicas visando o desenvolvimento socioeconômico regional, a recuperação ambiental para as diversidades de produções e renda é fundamental. O serviço agroflorestal permite reduzir o grau de risco do investimento e minimizar as incertezas. O uso consorciado do solo com a cultura da Pupunha, Cupuaçu e Castanha-do-brasil e também da combinação da exploração da cultura Castanha-do-brasil, Freijó, Pupunha, Cupuaçu, Banana e Pimenta-do-reino, são experiências exitosas em Nova Califórnia e Machadinho d'Oeste, respectivamente, são modelos de serviço agroflorestal implantado em Rondônia.

Como vem tratando Costa, Castro, *et. al.* (2009), nos países subtropicais e tropicais a escassez de informações relativa à sua ecologia e silvicultura apresenta inúmeras dificuldades no momento de escolha de espécies nativas para uso em reflorestamento. Isso é mais grave na região amazônica, a castanha-do-brasil seja protegida legalmente no Brasil os castanhais silvestres derrubados, a fragmentação florestal não permite as condições para polinização. O cultivo de castanheira no sistema agroflorestal tem resultado em boas respostas para restauração de áreas degradadas e reflorestamento.

No estudo de Ferreira e Tonini (2009) a forma agressiva de exploração das regiões de florestas primárias é danosa ao seu efetivo desenvolvimento, os estudos dos sistemas agroflorestais propiciam oferecer resultados acertados sobre o aproveitamento da terra. Atualmente existem poucas pesquisas sobre o cultivo associado de espécies madeiráveis. Observando os benefícios relativos das combinações utilizando a castanha-do-brasil no sistema agroflorestal permitindo assim melhor distribuição dos nutrientes.

O que é indicado por Lunz e Melo (1998) como uma alternativa excelente aos sistemas de exploração tradicional baseada na queimada e derrubada em pequenas áreas agrícolas em áreas topicais são os sistemas agroflorestais. Este se tornou objeto de pesquisa contemporânea especialmente na Amazônia. Os sistemas agroflorestais quando bem delineado permite benefícios em relação aos usos do solo, água, luminosidade, e dos nutrientes decorrentes do aproveitamento da biomassa, inclui aos benefícios a heterogeneidade de espécies e redução dos distúrbios nas ocorrências de doenças ou infestações de pragas, baixo risco econômico. O

Projeto de Reflorestamento Econômico Consorciado Adensado (RECA) é um modelo de sistema agroflorestal implantado na Região Amazônica, ele se desenvolve em uma área de 650 hectares distribuído para 274 famílias associadas, foi plantado castanha-do-brasil, cupuaçu e pupunha. É um empreendimento bem-sucedido.

A partir de estudos em Gama (2003) conquistou-se resultados positivos por parte dos estudiosos do assunto na zona tropical úmida quanto ao desmatamento e a produção agrícola migratória, as destruições da floresta primária para a monocultura, que são características típicas da exploração do solo nessa região, provocando o desaparecimento da biodiversidade. A carência econômica da zona rural é provocada pelo uso de técnicas inadequadas de utilização da terra principalmente na Região Amazônica, as intensificações da pecuária extensiva juntamente com a agricultura migratória promovem o empobrecimento do solo e dos recursos naturais. Os sistemas agroflorestais na Amazônia incluem gamas de espécies vegetais incluindo a castanheira, organizadas em grupos de acordo com a cultura local. Em teoria os sistemas agroflorestais são sustentáveis, o que se observa na prática também.

Diante disso Silva (2013) aponta a demanda por geração de alimentos está diretamente ligada às opções econômicas, fazer uso de modelo que quase não causa danos é crucial para manutenção do ecossistema amazônico, o prisma adotado nos sistemas agroflorestais apropriando-se das práticas agrícolas das populações caboclas, ribeirinhas e indígenas da região. As experiências consorciadas do mogno com a castanha-do-brasil mesmo em fase inicial de produção e de produção estabilizada já podem ser consideradas como arranjos que alcançaram ótimos resultados. Os habitantes ancestrais da região aprimoraram as experiências do manuseio destes ambientes ajustando-os as variações regionais das fases climáticas e das dinâmicas dos igarapés, lagos e rios – esta sabedoria repassada de geração para geração. Os sistemas agroflorestais são muito mencionados como modelo singular e factível para aproveitamento do solo na Amazônia, mas ainda é incipiente estudos sobre a fotossociologia, a composição florística e socioeconômica dos sistemas agroflorestais que se efetivaram nas pequenas propriedades rurais da região. Produzir frutos e alimentos destinados ao consumo humano é o ponto forte do sistema agroflorestal, o investimento é garantido, os riscos são mínimos, assim, ele tem sido considerado economicamente viável, a compreensão do uso das técnicas de manejo dos sistemas agroflorestais adequadas as diversidades da região. Assimilar sua socioeconômica ligada às tarefas de funcionamento é vital para elaboração de políticas públicas específicas para o ecossistema.

2.1.2.2 Negócio Agroflorestal da Castanha-da-Amazônia

Em seus estudos Ribeiro (2011), descreve a crescente procura por produtos ambientalmente corretos contribuindo para a qualidade de vida das populações tradicionais e a conservação da Floresta Amazônica. Logo, significa uma oportunidade para a comercialização da castanha. Mas, para a realidade local a produção de Castanha-da-Amazônia ainda é decorrente do sistema de extrativismo de produtos agroflorestais.

Considerável parte da produção de Castanha-da-Amazônia é transportada pelo meio fluvial, singrando os igarapés até a chegada às localidades para ocorrer as negociações. Geralmente irão garantir a subsistência por mais algum período, conforme é apresentado em estudos recentes de Siena, Oliveira, *et al.*, (2011), que abordam a subsistência da economia extrativista com produção sem valor agregado e com pouca utilização de recursos tecnológicos.

Leitura em Souza Filho, Pedrozo e Paes-de-Souza (2011) permite afirmar que o mercado de consumo é algo dinâmico, gerando a inversão da rota comercial da castanha no início deste milênio, agregação de novos mercados, ampliação das cadeias já estabelecidas, geração de novas tecnologias e inovação em subprodutos e seus derivados.

2.2.4 Segmento da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia

Segundo Bayma, Malavazi, *et al.* (2014), o produto principal da castanheira é a amêndoa, porém, a espécie em si possui múltiplos usos, a indústria alimentícia e cosmética possui interesse muito peculiar sobre o aproveitamento da castanha. O aumento da capacidade industrial proporciona agregação de valor que coopera para a sustentabilidade da cadeia produtiva. No contexto abordado por Haddad, Bonelli e Prado (2006), Nelson e Fujiwara (2002), o grande potencial de consumo da castanha para uso na alimentação pode ser consumida diretamente (*in natura*) ou após processo de desidratação (castanha *dry*). Para Nelson e Fujiwara (2002) é possível extrair o óleo para uso na indústria cosmética, outras variantes como torta, podem ser aplicadas na elaboração de bolo, biscoito e doces. A casca pode ser utilizada para ração animal, aplicação do ouriço no seguimento de artesanato ou mesmo no setor energético com possibilidade de produção de biodiesel.

Levantamento em Embrapa (2004), As indústrias de alimentos, cosméticos e equipamentos de informáticas tem intensificado o desenvolvimento de produtos a base de Castanha-do-Brasil. No seguimento alimentício destacam-se amêndoas em *snacks*, coberturas de sorvetes, biscoitos, bombons e farinhas. A Castanha-do-Brasil é considerada orgânica por ser de origem extrativista e sua coleta ambientalmente adequada.

Felberg, Antoniassi, *et. al.* (2009) embora a Castanha-da-Amazônia seja bem apreciada devido ao sabor, mas a adição dela na alimentação básica dos brasileiros requer ajustes no processo de industrial. O uso da castanheira na alimentação ainda é acanhado na região amazônica, nos países para onde ocorre a exportação a castanha é consumida como uma iguaria. Com a aplicação do extrato de castanha-do-brasil à bebida, a base de soja proporciona uma alternativa para popularizar o consumo da castanha-do-pará na dieta do nacional.

Para Souza e Menezes (2008) o uso de inovações tecnológicas aplicadas na produção de alimentos extrusados à base de Castanha-da-Amazônia e farinha de mandioca torna-se viável para obtenção do produto pronto para o consumo, similar aos cereais matinais, porém, ricos em selênio, carboidratos, lipídios, fibras e proteína vegetal. Garantindo diversificação no seguimento de alimentos proteico-energéticos.

2.1.3 Teoria de Stakeholders

Serão demonstrados no presente subcapítulo os conceitos fundamentais sobre a Teoria de *Stakeholders*, iniciam-se expondo os conceitos discutidos pelos autores seminais (FREEMAN, HARRISON, *et al.*, 2010) e (FASSIN, 2009). Acompanhados por outros autores que debateram ou aplicaram a referida teoria em seus estudos (ELIAS, 2008), (LADEIRA, 2009), (MELO e PEDROZO, 2012), (SOUZA FILHO, PAES-DE-SOUZA, *et al.*, 2014), (CORADINI, SABINO e COSTA, 2010), (MELO, 2013), (JONES, 2010) (TORRES, 2013), (PAES-DE-SOUZA e SILVA, 2013) e (AZEVEDO, MALAFAIA, *et al.*, 2013).

A construção segue a lógica necessária a fim de permitir que os autores referenciados possam construir um diálogo prazeroso para elucidação dos conceitos fundamentais contidos na teoria em debate.

A Teoria de *Stakeholders*, adotada no mundo corporativo, poderá servir como norteadora para que seja possível estabelecer elementos significativos na análise do arranjo produtivo local contido na cadeia produtiva da castanha considerando os aspectos de responsabilidades socioambientais. Existem várias abordagens para tratar sobre o conceito de *stakeholders*, iniciando pela sua categorização histórica apresentada por Adam Smith (1959), Berle e Means (1932), Barnard (1938), seguindo pelo conceito discutido no *Standford Research Institute* (1963), e que logo se ramificou dentro das seguintes Teorias: do Planejamento Estratégico; dos Sistemas; Responsabilidade Social Corporativa e Organizacional, direcionando assim para a Administração Estratégica, (FREEMAN, HARRISON, *et al.*, 2010), (LADEIRA, 2009), (CORADINI, SABINO e COSTA, 2010).

Estudos em Torres (2013) aponta a terminologia e derivante de duas palavras inglesas *stake* (fatia) e *holder* (possui), por definição é alguém que tem parte na empresa. Os investidores, fornecedores, funcionários, clientes, sociedade e governo podem ser citados desse modo como *stakeholders*. O termo foi utilizado a partir de 1970 para descrição de procedimentos organizacionais de planejamento, considerando a atuação dos *stakeholders* dentro da entidade, foi associada diretamente aos êxitos empresariais. No início predominava a relação de influência desempenhada pelos *stakeholders* nas empresas.

Conforme explica Melo e Pedrozo (2012) os pesquisadores adotaram o tema dos *stakeholders* de forma significativa, após o trabalho de Freeman em 1984, os estudos focaram os processos organizacionais, planejamento e a capacidade de captar novos parceiros alinhados às intenções sociais, políticas e econômicas. O papel dos gerentes em administrar as pretensões dos grupos de interesses internos e externos e suas divergências devido à

multiplicidade de realidade e considerando as organizações como sistema aberto e mantendo o foco nas relações entre os *stakeholders*.

Vamos encontrar o seguinte esclarecimento em Fassin (2009), Torres (2013), concebe-se por *stakeholders* indivíduos ou agrupamento que têm responsabilidades recíprocas com a instituição, existe uma relação de troca de benefícios proporcionais às obrigações devido ao processo cooperativo e voluntário. Foi discutida sumariamente no *Standford Research Institute*, pessoas ou grupo de indivíduos estão envolvidos de alguma forma com o mercado da organização, sem este relacionamento não haveria a empresa.

Apontamento de Coradini, Sabino e Costa (2010) descreve que inicialmente o conceito de *stakeholders* refere-se aos atores de maior relevância, ou seja, sem a presença destes atores a organização não existiria mais. Para o sucesso da organização é primordial que seja estruturada uma forte ligação com os *stakeholders*, por meio de uma comunicação de fluir com efetividade entres os *stakeholders*. Assim, as organizações prioritariamente em suas áreas de atuação e seus respectivos *stakeholders*, de modo a evitar conflito entre os interesses da organização e dos *stakeholders* envolvidos, a construção da confiança e receptividade. Vale reforçar que os *stakeholders* possuem objetivos próprios, a presença deles auxilia genuinamente para o desenvolvimento sustentável (LADEIRA, 2009) e respeitabilidade da organização no ambiente externo.

Na visão de Elias (2008) a responsabilidade social foi incluída nos objetivos das organizações, com papel vital na conversão de concepções intangíveis em bens tangíveis para os *stakeholders*. Os agentes externos merecem atenção especial no tocante ao relacionamento entre instituição e os *stakeholders* principalmente quando os interesses são divergentes e podem ocorrer conflitos, poderão surgir rivalidades em relação às ações da organização ou nas técnicas desenvolvidas e possíveis questionamentos legais ou operacionais da entidade.

Conceitua Fassin (2009), qualquer grupo ou indivíduo que pode afetar ou ser afetado conduz a uma necessidade de observar com mais atenção todas as partes envolvidas e interessadas. Quanto maior as interações e suas variações de influência e poder implicam em interpretações gerenciais, trata-se de um conceito muito amplo por parte das partes interessadas levando a implicações de análise de gestão estratégicas.

Pesquisa em Ladeira (2009) descreve que é essencial conhecer os *stakeholders* como afirma Laderia (2009), a teoria em questão permite compreender melhor o processo produtivo objetivando diferenciação diante de um panorama mais competitivo e garantindo assim a sobrevivência da cadeia produtiva. Determinar as relações saudáveis entre os *stakeholders* comprometidos é o ponto central do estudo da Teoria de *Stakeholders*, permitindo garantir sua

autenticidade junto à organização, propiciando melhores ações cooperativas entre os elementos.

Na opinião de Fassin (2009) o diagrama em sua genuinidade permitiu a popularidade do modelo de participação, o gerenciamento de *stakeholders* tornou-se instrumento para transmitir ética para administração e gestão estratégica. Apesar disso, existem opiniões que buscam explicitações e reforça a característica requintadas do modelo.

Conforme pesquisa em Elias (2008) constatou-se em estudos que examinaram os insucessos de empresas que não souberam ajustar os conflitosos objetivos da empresa com os interesses dos *stakeholders*. Sem embargo significativo exposto para as entidades e pelo traquejo adquirido, o ingresso de novos entrantes provocando pressão no contexto socioambiental e tencionando as questões estratégicas da entidade não é um evento com estudos relevantes na administração científica principalmente nas publicações nacionais a respeito do assunto.

Como vem tratando Fassin (2009) tomando por base à configuração da Teoria de *Stakeholders* proposta por Freeman, apropriando-se de revisão adequada das críticas e acompanhada das devidas análises da classificação dos *stakeholders*. A obscuridade dos conceitos é conhecida a partir do ponto de vista legal e gerencial. É possível perceber as falhas estruturais no meio empresarial e sua imprecisão como grupos de regulação e pressão. Seguindo as formalidades, o uso de novas nomenclaturas permite deslindar os agrupamentos tendo como ponto central as expectativas no campo organizacional e gerencial. Versão aperfeiçoada do modelo de *stakeholders* não fugindo do conceito proposto por Freeman permite definir as organizações substancialmente no seu meio, e a identificação de suas inter-relações.

Para Elias (2008) esporadicamente, os *stakeholders* que contestam a empresa objetivam embaraçar as negociações da organização que estão na contra mão de suas convicções. O desenvolvimento recente da Teoria de *Stakeholders* decorre com destaque na previsão e descrição do funcionamento da organização e seus relacionamentos. Apesar da concentração de pesquisas estarem direcionadas na análise do relacionamento entre organização e *stakeholders*. Os acionistas e os clientes são *stakeholders* importantes, mas não são somente eles que têm a obrigação de ser atendidos em seus interesses pelas instituições.

Conforme estudos em Fassin (2009) os ganhos apresentados através do modelo refinado de *stakeholders* permite direcionar as ações a aspectos fundamentais da gestão. Ele ilustra claramente os vínculos dos autores envolvidos na organização. Aportando na gama de obras existentes que tratam da teoria das organizações, estratégias e estudos de casos,

Freeman desenha o modelo de participação na organização de forma muito simples. No modelo tradicional os *stakeholders* internos estão ligados ao amago da organização que podem ser descritos como os financiadores, clientes, fornecedores e funcionários, já o governo e a comunidade são *stakeholders* externos. Inúmeras interpretações gerenciais fundamentam distintos conceitos de *stakeholders*, eles são adicionados de forma pouco evidente, os principais conceitos são: sem os eles as organizações não conseguiriam existir e eles afetam bem como são afetados pela organização. Existe ambiguidade para última definição, considerando que não trata de reciproca verdadeira, levando em conta que quem é afetado pela organização nem sempre foi que a afetou inicialmente. A inferência gerencial distribui a intensidade do poder de influência.

Ladeira (2009) considera qualquer entidade que deseje estabilidade existencial está obrigada a deferir atenção a todas as partes que possua interesse e / ou participem em seu mercado. Geralmente isso ocorre com a agregação de valor e redução de custos totais, desse modo, caracteriza os *stakeholders* como indivíduos, grupos, empresas ou organizações, onde as ações são preponderantemente entre si. A categorização dos *stakeholders* em três grupos: acionistas alimentadores do mercado de capitais objetivam o retorno do que investiram; o consumidor compõe o mercado de produtos e empregados responsáveis pelo setor operacional.

Observa Fassin (2009), os pontos de vista expostos direcionam para uma mesma realidade observada em duas dimensões distintas, permitindo a construção de outra (terceira) dimensão, respeitando a mesma realidade, com diversos escopos teóricos e práticos. Na sua origem, a teoria não propôs a identificação dos envolvidos, apenas como primeiro passo de análise estratégica. Foi tácita a anuência na clareza dos elementos descritos no modelo de Freeman visto como valiosa aproximação da realidade. Os *stakeholders* não apreciam o envolvimento verdadeiro com a organização trata-se de empreendimentos independentes, opera-se pressões para um foco em diversas áreas da organização, essencialmente os *stakeholders* são interdependentes no modelo clássico.

No contexto abordado por Ladeira (2009) a viabilidade dos negócios e a participação dos demais *stakeholders* somente ocorrem com a existência de investimentos financeiros oriundos dos acionistas. O monitoramento, aferição e definição dos interesses dos *stakeholders* são vitais para a correta associação dos resultados da organização. Os *stakeholders* podem ser pessoas, empresas, grupos, organizações, empresas de interesses que mantenham relacionamento com a organização, influenciando-a e sendo influenciados. Para o desenvolvimento de habilidades e conduta da organização se faz necessário posicionar a

organização no centro estratégico e estruturar os relacionamentos com os *stakeholders* a fim de poder estabelecer um ponto de vista globalizada da instituição. A reciprocidade na confiabilidade entre os *stakeholders* são os pilares que sustentam essas realizações.

Dessa forma, segundo Fassim (2009) a repercussão direciona-se para os pontos evidentes das partes envolvidas da organização. Os acionistas, investidores e auditores são representados pelos fundos de investimentos, já os sindicatos atuam nos interesses dos funcionários, podendo desempenhar a função de agente de pressão. Desenvolver a gestão estratégica dos *stakeholders* implica não somente a categorização dos entes pertencente ao grupo. Logo, o reagrupamento em três classes: os constituintes internos participam diretamente na gestão da organização e reclamam diretamente seus interesses; reguladores participam do controle externo e impõe controle e não possui qualquer direito de reivindicações; e grupo de pressão é responsável pelo poder de influência da entidade, suas reivindicações são indiretas.

Consoante Ladeira (2009) as estratégias devem ser definidas de forma que possam atender o interesse de todos os *stakeholders* no decurso da tomada de decisão. As prioridades devem ser identificadas e suas relações com os *stakeholders* conservando as reivindicações. A afinidade mútua estabelecida entre a organização e os seus *stakeholders* destacam-se principalmente as que decidem a vida da empresa. Os administradores hábeis em auferir retorno financeiro devem satisfazer também os desejos dos *stakeholders* para que a instituição possa ter êxito empresarial.

Na perspectiva de Fassim (2009) com o propósito de desassociar a incerteza na nomenclatura, incorporo novos termos na concepção de intervenção que é mantida do modelo original além dos já conhecidos *stakeholders*, sendo que operam diretamente sobre a organização, porém, não é a organização. Os *stakewatchers* atuam observando (vigiando) a organização, são os atores intermediários que não possuem interesses sobre a organização, mas podem provocar pressão a fim de preservar os interesses das *stakeholders* internos (reais). Este grupo pode ser composto pelo mais variados interesses como associações de consumidores, sindicatos, associações de investidores, ativistas etc. Os *stakekeepers* dedicam sua atuação na base de investimento do negócio, são os mantenedores do grupo, eles possuem influências direcionadas, o contato com os *stakeholders* são limitados ou inexistentes. E para finalizar, existem os não *stakeholders* que são compostos por elemento ou grupos que não são influenciados ou mesmo controlados pela organização, mas seus atos podem prejudicar a organização. Como todo modelo apresenta de modo simplificado a realidade, o modelo

refinado de *stakeholder* não foge a esta regra, mas quando tratado de forma adequada na práxis cotidiana e perceptível a minuciosa graduação que cada caso requer.

Assegura Melo e Pedrozo (2012) quando as organizações não levam em conta a presença dos *stakeholders* será conduzida para extinção no mercado. A empresa carecerá estimar os *stakeholders* da esfera transacional e esfera interacional, compreendendo as suas constituições nas três dimensões: poder - diz respeito à totalidade de interferência que os grupos de interesses têm sobre a organização; legitimidade - estende-se sobre as atitudes entre os segmentos relativos às suas reivindicações; e por fim a urgência - tem a ver com a prioridade de atendimento diante dos demais atores da organização.

São descritas as categorias do modelo refinado de *stakeholders*: empregados, fornecedores, acionistas, comunidade, clientes, mercado e resto do mundo, cada qual com seu respectivo *stakewatcher*, a sociedade civil, governo, mídia, outros e os não *stakeholders* estão contidos como *stakekeepers*; desse modo, todos os atores descrito no modelo clássico estão devidamente representados. Lembrando que os atributos de todos estão bem declarados, nessa arena os *stakeholders* podem ser afetados intensamente pela organização e a organização é diretamente afetada pelos *stakewatchers* e *stakekeepers*, (FASSIN, 2009). Os *stakeholders* que por conveniência nos dividendo de longo prazo, retorno do investimento e valorização do capital, é designado como proprietário investidor. Já os *stakeholders* que participam da realização dos resultados, remuneração, bonificação, redistribuição de bases fixas ou variáveis, salários, benefícios, oportunidades, (LADEIRA, 2009) são definidos como conselho administrativo, órgão de governança e colaboradores.

Pesquisa em Fassin (2009) encontra que no modelo clássico de *stakeholders* proposto por Freeman à organização é somente um nó de rede em relação a todos cenário, e o conceito de rede trata-se de pressuposição, interpretação mais voltada para os negócios e sociedade do que para a administração estratégica da organização. Facilitando na compreensão dos conceitos de *stakewatchers*, grupo de pressão é espectador dos eventos, de *stakekeepers*, grupo regulador, responsável para ocorrência dos eventos. O modelo refinado de *stakeholders* disponibiliza novo conceito de organização, seu meio e suas inter-relações entre os entes. O diagrama que descreve os *stakeholders* é próximo do modelo heliocêntrico, deseja-se eliminar as contestações, deixando os debates ao ponto fundamental da fronteira gestão.

Argumenta Ladeira (2009) a rotina operacional da organização é composta por todos os *stakeholders* que compõem a governança corporativa. A efetividade organizacional é obtida por meio do conhecimento e verificação das necessidades de cada *stakeholders*, propiciando ótimo meio corporativo direcionado ao mesmo cerne. Diversos homens de

negócios pressupõem que a responsabilidade social inclui a governança corporativa, vale lembrar que a comunidade é um dos *stakeholders* da organização, mas é importante quanto à sociedade, aos empregados, aos fornecedores, aos financiadores, ao governo e ao consumidor a necessidade de todos devem ser atendidas. É primordial que haja proporcionalidade de base com todos os *stakeholders* para que seja possível estabelecer a governança corporativa abrangente, visto que todos se relacionam com a organização e conseqüentemente suas expectativas e escopos devem ser estudados. O uso de indicadores qualitativos aportados na teoria de *stakeholders* incorpora os parâmetros: meio ambiente, fornecedores, consumidores, colaboradores, governo, sociedade, princípios e perspicuidade. O uso de capital externo é comum no seguimento empresarial, mas torna-se fundamental que o relacionamento com os *stakeholders* seja perspicuo possibilitando oportunidades de novos empreendimentos. Diante disso, a produção de uma análise apropriada dos interessados recorrendo a tratamento coerente, é considerável para a entidade conseguir atender os *stakeholders*, aplicando essa técnica, possivelmente a empresa garanta êxito nos empreendimentos. O uso da empatia permite facilmente atinar a conduta dos *stakeholders* participantes. Posto que relacionar-se com o *stakeholders* é fundamental para garantir a validade da organização e seus vínculos, essa é imprescindível para subsidiar aptidão de transformação e interação para a existência da organização em longo prazo.

Salienta Paes de Souza e Silva (2013) que Fassin expõe sua definição de “*stakemodel*” a confusão oriunda da ambigüidade entre quem afeta e é afetado pela organização, destaca-se a existência interpelações distintas, na primeira geralmente relacionada aos aspectos positivistas legais e administrativos, na outra envolvem postura das políticas de relacionamentos. Os grupos interessados possuem legítima pretensão sobre a organização, são classificados em três grupos: *stakewatchers* (observa a partida), são protetores dos *stakeholders* (administra a organização dos membros na partida) e dos interesses concretos da organização, provocam influência, mas são pouco influenciados devido à sua independência; *stakeepers* (defende as regras da partida), são grupos que compõem os elementos de regulação, provocam as restrições e norteiam as regras da organização.

É indicado por Ladeira (2009) nos pactos acordados entre os *stakeholders*, sucede a divisão da gestão e posse. Os outorgados ficam responsáveis pela direção executiva com o foco nos negócios e estratégias comerciais, aos outorgantes cabem às imputações financeiras e decisões de risco, assim, um supre o outro com dados essenciais, com essa devida separação evita-se o conflito de agência. Os clientes são consideráveis *stakeholders*, as metas da

organização devem ser harmônicas com os objetivos destes, quando a entidade consegue atender satisfatoriamente aos objetivos dos clientes, o resultado é reduzir as perturbações provocadas por novos entrantes. A conversão de fornecedores em parceiros é elemento que distingue estrategicamente a organização, a fidelização por meio de contrato são pontos a ser estudado nesse *stakeholders*. Os fornecedores possuem papel seminal dentro da Teoria de *stakeholders*. A obtenção de capital de investimento geralmente é empecilho para os novos entrantes, neste cenário engloba o *stakeholders* financiador, acionista e agente financeiro, a presença deles proporciona novos projetos e aplicações desde que seja construído um relacionamento sincero. Outra ferramenta que permite impulsionar a empresa trata-se da gestão do conhecimento, o capital intelectual propiciado pelos *stakeholders* funcionários, porquanto aprimoram as aptidões e experiências garantindo de forma eficaz o resultado da organização. É fundamental evidenciar que *stakeholders* são empresas, comunidades, grupos e indivíduos de interesses, que possuem algum relacionamento paulatino e permanente com a organização.

Como trata Melo e Pedrozo (2012) a forma como a organização enfrenta as exigências dos *stakeholders* e também as solicitações do desenvolvimento sustentável na esfera social, ambiental e econômica, e denominada de Gestão de Relacionamento dos *Stakeholders*, que podem ser discriminados do ponto de vista normativos, descritivos e instrumentais; diante da concepção conceitual, heurística e corporativa. Compreender as Redes de *Multi-Stakeholders*, estruturas institucionais que criam alianças de modo a encontrar solução que atenda a todos em condições específicas, constitui sistematizar a gestão das empresas e seus vínculos organizacionais, por obra da dinâmica social e mercadológica.(MELO e PEDROZO, 2012).

Para Torres (2013) nos dias de hoje a teoria dos *stakeholders* está classificada em três categorias: descritiva, explica como é; prescritiva, explica como deveria ser; e instrumental, explica as possíveis aplicações em função de específicas. Destaca-se então a existência de outras versões sobre a teoria.

Como descrito por Azevedo, Malafaia, *et. al.* (2013) as mutações dos negócios e do ambiente levam os *stakeholders* a serem indutores ou induzidos no processo de mudanças. Os grupos de interesses por meio de germinação da consciência ecológica ou por defender interesses primários provocam modificações em relação à conceituação coletiva dos ambientes e das organizações. Reforça a maneira convencional de realizar negócios, esta sofrendo ampla discussão – isto já é fato. O reconhecimento da sustentabilidade das organizações e a valorização do futuro da instituição tratam-se de uma nova perspectiva lógica que está em desenvolvimento.

Como vem tratando Paes-de-Souza e Silva (2013) existe triangulação entre os elementos de interesse, podem existir vários grupos interessados dentro de cada subgrupo de interesse, o procedimento é dinâmico levando em conta as infinitudes de combinações possíveis originários das influências ou pressões decorrentes dos grupos de interesses. Ora, o autêntico *stakeholders* (elementos centrais) podem facilmente ser agrupados em três estilos organizacionais ou em arenas distintas, isto é, arenas de financiadores, estruturais (operacionais) e político-sociais. O aspecto microeconômico está ligado diretamente à organização, assim, no enfoque macroeconômico está a sociedade. Os domínios públicos (*stakekeepers*) estão contemplados no modelo. Há indeterminação entre os grupos que provocam pressão e os que provocam a regulação, com efeito, as fronteiras organizacionais são governadas pelos *stakeholders*, já os *stakewatchers* estão ligados aos relacionamentos externos da entidade.

A bibliografia em Azevedo, Malafaia, *et. al.* (2013) um banco de informações é de fundamental importância para permitir entender as inter-relações entre os *stakeholders* nos seus variados níveis hierárquicos dentro do processo produtivo. E dos que atuam diretamente nos ambientes externos com os sistemas políticos, sociais e econômicos, permitindo apurações de dados precisos e específicos sobre as estratégias sustentáveis e dos recursos naturais. Retratam as organizações através de uma visão sistêmica, possibilitam a inclusão dos *stakeholders* e a gestão ambiental no contraste dos fatos incompreensíveis e que estejam localizados em um novo patamar no qual predomina a diversidade, a multiplicidade ou mesmo a incompatibilidade de pensamentos e opiniões. As investigações sobre *stakeholders* permitem expor de vários enfoques, o grau de importância que as organizações dão e o que os diferenciam. Examina-se a analogia entre a relevância dos diversos *stakeholders* ligados ao objeto de pesquisa que atravessa as interdependências através dos elos do sistema.

Ensino de Souza Filho, Paes-de-Souza, *et. al.* (2014) os grupos de fornecedores, clientes, colaboradores, sociedade e governo são analisados por Edward Freeman no desenvolvimento da Teoria de *Stakeholders* em 1984. Mais adiante Freeman ajusta o modelo distinguindo em dois grupos centrais *stakeholders* internos (grupo de financiadores, fornecedores, clientes, colaboradores e sociedade) e *stakeholders* externos (ONG's, mídias, críticos, governos, ambientalistas e outros). Porém, no modelo não foi incluído os concorrentes.

Já em 2009 os trabalhos de Freeman recebe uma significativa contribuição de Yves Fassin através do “*stakemodel*”, assim ele melhora, aprofunda e redesenha a teoria, por meio dos três grupos: *Stakeholders*: participam diretamente na organização, há reciprocidades

verdadeiras nos poderes; *Stakewatchers*: defendem os *stakeholders* que estão ligados diretamente com a organização, exerce influência sobre a organização, mas é pouco influenciado por ela; *Stakekeepers*: impõem as normas e condicionam as organizações, são atores de bastidores, independentes e não tem participação direta na entidade.

Levantamento em Azevedo, Malafaia, *et. al.* (2013) a disciplina deve ser a fundação das organizações, concomitantemente acolher os *stakeholders* no propósito de sobreviver ao mercado, à adoção de novos modelos devido às mudanças comportamentais do mercado deve estar alinhado com a ética e responsabilidade social. Simultaneamente as oportunidades e as ameaças de curto, médio e longos prazos decorrentes dos relacionamentos estão presentes nos *stakeholders*.

Com efeito Elias (2008) afirma que hoje em dia, os consumidores finais são visto em curto prazo pelas entidades como a parcela da sociedade representada, assim, as inclinações dos acionistas e dos consumidores são valorizadas. Em longo prazo a cadeia produtiva por meio de uma perspectiva diversificada, está incorporada no seio de uma comunidade que estabelece a aceitação da empresa e de suas operações. Todos os grupos ou indivíduos que querem influenciar ou ser influenciado estão contidos dentro desta sociedade na qual pertencem os *stakeholders*.

A propósito Ladeira (2009) certamente os *stakeholders* que constituem a cadeia produtiva, nos pontos de obter melhores resultados, regularidade, desenvolvimento conjunto, produtos seguros, preços justos, geração de emprego, desenvolvimento socioeconômico, crescimento, preservação ambiental e provisões, são identificados como credores, fornecedores, consumidores, comunidade, sociedade, governo e organizações não governamentais respectivamente.

Ao passo que Paes-de-Souza e Silva (2013) salienta que os *stakewatchers* e os *stakekeepers* afetam as organizações, deve-se adotar a concepção estratégica no que se refere aos *stakewatchers*. Toda organização tem o dever ético com os envolvidos em sentido mais amplo e não pela lógica dos *stakewatchers*. A consciência da continuidade das relações de confiabilidade entre as organizações é primordial, no contato cotidiano (planejamento, reuniões e tomada de contas) das empresas fica evidente o grau de confiança já estabelecido, o nível de cooperação é articulado em função das dificuldades enfrentadas por cada um na organização. Quando uma entidade está desarranjada facilmente reverbera em todos os elos da cadeia.

2.2 Referencial Empírico

Neste capítulo é destinado ao preparo do referencial empírico. Em termos metodológicos necessitamos denotar o que significa conhecimento empírico ou ciência empírica, para tanto, buscamos em Volpato (2007) que antes do século XVII da era cristã não existia a necessidade de construir o pensamento crítico. Mas durante o século XVII as novas expansões e domínios de novos fundamentos e aprofundamento do conhecimento humano predomina a fundamentação da ciência empírica ainda se estabelece na contemporaneidade a fim de condicionar a humanidade a compreender as construções científicas e suas teorias.

Aprofundamento nos estudos de Dicken (2010) discute se os fenômenos foram corretamente examinados pode-se conceituar com teoria empiricamente adequada. Porém, o empirista acredita em teorias que apresentem as verdades sobre qualquer manifestação não interessando os aspectos filosóficos e sim os essenciais em relação e existência do fato. Dado que o empirista concilia com o científico em relação ao mundo físico, se bem que os empiristas aceitam as novas teorias como adequadas e não como verdade.

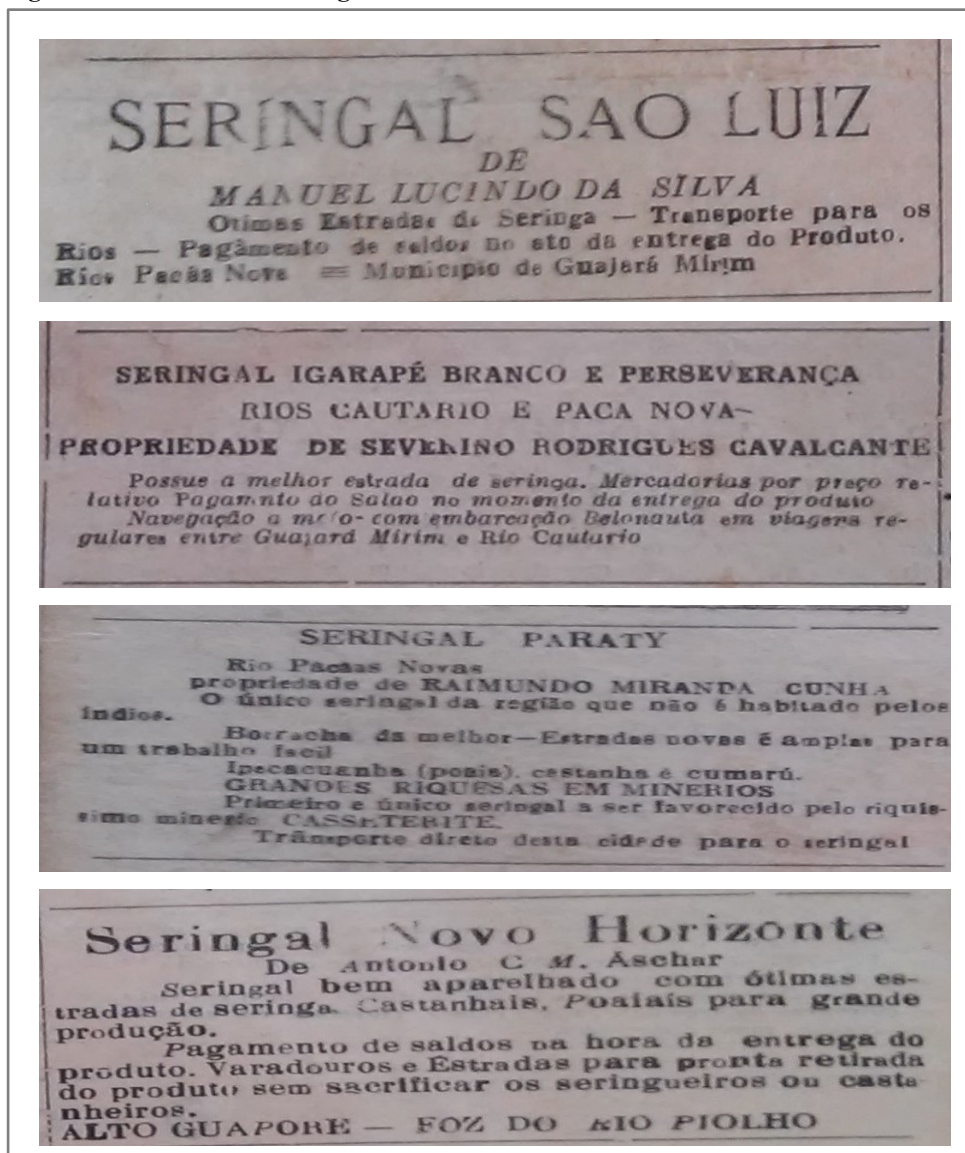
A construção desta parte da dissertação repousa em leituras e observações dos dados secundários obtidos através das reportagens, artigos jornalísticos, anúncios no jornal “O Imparcial”, e os registros contidos na obra *Nicolás Suárez El Rey de la Goma*, escrito por José Luís Durán Mendonza.

O referido periódico foi a principal ferramenta de comunicação durante o desenvolvimento do Território Federal do Guaporé e do Território Federal de Rondônia. A abrangência do semanário era singular, capaz de realizar cobertura jornalística de toda a região geográfica na qual compreendia o território federal incluindo alguns assinantes na cidade do Rio de Janeiro/RJ, as edições eram semanais com data de circulação aos domingos. Nas datas comemorativas alusivas ao sete de setembro e quinze de novembro observa-se nas publicações o registro de propaganda dos compradores ou mesmo empresas beneficiadoras de castanha com sede na Bolívia conforme representação na Tabela 15. O hebdomadário permaneceu em circulação desde sua criação no ano de 1960 até o final de 1983.

Observa-se, na época em questão, que a região onde hoje é o Estado de Rondônia possuía volume de extração de castanha, mas todas as cargas seguiam para os portos de Manaus e Belém, embora existissem duas companhias beneficiadoras (SANTIAGO, 1961) e inúmeros compradores que revendiam o produto para os locais dos mesmos portos. Assim, Rondônia não entra no programa de compras por não possuir produção estocada.

Os principais seringalistas ou patrões como eram conhecidos anunciavam no jornal local as suas propriedades para exploração, seus seringais, conforme Figura 8, estas propagandas sempre eram no intuito de conseguirem novos seringueiros para explorar o látex e outros produtos da floresta. O anúncio informa sobre o pagamento no ato da entrega, o transporte embora informado geralmente o seringueiro custeasse sua subida e descida do rio, a retirada da carga do meio da floresta, seringal nativo, até à beira do igarapé ou do rio é tudo por conta do extrator. A atratividade das colocações sempre decorria das benfeitorias ou fácil acesso, como toda a safra de seringa e castanha é extraída no lombo, logo, as colocações que anunciavam a existência de boas estradas e varadouros para escoar a produção.

Figura 8 – Anúncio dos Seringais



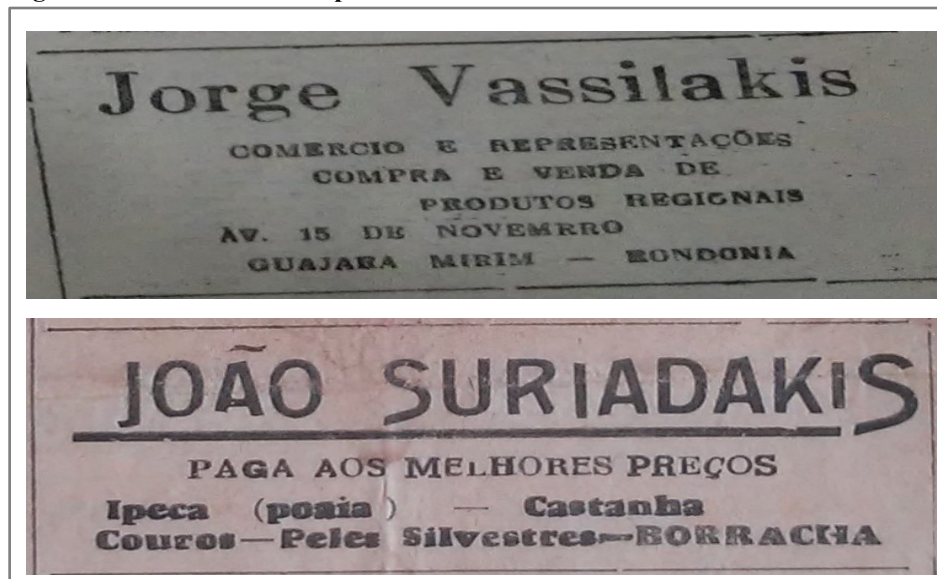
Fonte: O Imparcial

É possível observar nos anúncios as informações prioritárias a fim de garantir a atratividade de novos seringueiros ou mesmo novos negociantes para a safra de seringa, e demais produtos regionais visível na Figura 8. Outra preocupação comum desta região naquela época era a existência de conflitos com as tribos indígenas, assim, os seringais e castanhais em que não se apresenta existência de habitação indígena, possibilitava a contratação de mão de obra com certa rapidez.

Os produtos regionais como a borracha, ipecacuanha, poalha, castanha, camarú e os minérios como cassiterita (estanho), Figura 8, geralmente os seringalistas eram os primeiros compradores atuando diretamente como atravessador. Na época dos anúncios o perfil econômico da região era exclusivamente a exploração extrativista mineral e vegetal, o processo de produção extrativa não respeitava qualquer regra de preservação e de conservação com o meio ambiente. Geralmente o caboclo, o seringueiro, o ribeirinho e as comunidades típicas realizavam a atividade de exploração predatória como meio de sobrevivência.

Os compradores de castanha (brasileiros), também conhecidos pela comunidade local como “marreteiro”, promoviam anúncios no jornal local, “O Imparcial”, que estão retratados nas ilustrações descritas nas Figuras 12 a 19, similarmente naquela ocasião existia a presença do “marreteiro boliviano”, eles estão representados nas Figuras 17 a 19.

Figura 9 – Anúncios de Compradores Individuais



Fonte: O Imparcial

De forma a permitir a melhor condução do estudo, foi adotado no momento da construção das tabelas decorrentes do tema somente os atores que mantinham publicações regulares. De forma resumida a Tabela 14 apresenta os principais compradores nacionais de

castanha que operavam em Guajará-Mirim entre os anos de 1960 até 1978 no mesmo período em que o jornal manteve-se em circulação.

Como os portos de Manaus e Belém são os principais meios de escoamento da castanha *in natura* para exportação, a Figura 10 registra a presença dos negociantes da cidade de Manaus participantes no processo de negociação da castanha. No início das atividades comerciais com os negociantes locais ou seus representantes ocorre de forma harmoniosa.

O negociante retratado na ilustração da Figura 10 anunciava como comprador e não como representante, embora que a presença de representante era inevitável seja ela com a representação direta e indireta era algo comum naqueles tempos, mesmo porque, a região não possuía a definição da sua cadeia produtiva. Logo, considerando o modelo tradicional de cadeia, os negociantes de Rondônia apenas apresentavam o segundo elo, e não garantindo assim o desenvolvimento local o regional. Este formato é alterado com o surgimento das empresas de beneficiamentos conforme está descrito ao longo deste estudo.

Figura 10 – Compradores de castanha com sede em Manaus



Fonte: O Imparcial

Na Figura 10 estão agrupados os anunciantes com sede no Estado do Amazonas que promoviam propaganda na época e marcavam sua presença. Com o avanço destas empresas em outras praças se faz em função da expansão dos volumes de negociantes. A C I E X S I A é a

única empresa que atualmente se mantém no mercado conforme nas Tabelas 7, Tabela 9 e Tabela 10. A atuação da referida empresa em questão mantém-se em destaque, visto que ela está no mercado a mais de 50 anos. Vale observar que o mercado de castanhas, amêndoas e frutas secas é um oligopólio, que atualmente vem apresentando interesses de novos entrantes.

Figura 11 – Sócios da RONDEX

VASSILAKIS Comercio e Indústria S/A.
IMPORTADORES E EXPORTADORES
 ARMAZEM ARESTELLA—: Estivas, Ferragens, Tecidos — Vendas a grosso e retalho
 ESTAMPARIA ARESTELLA—: Vasilhões para combustíveis, Baldes, Tigelas para borracha e similares
 USINA ARESTELLA—: Beneficiamento de arroz
 POSTO TEXACO—: Combustíveis e Lubrificantes
 REPRESENTANTES DE—: A. FONSECA & CIA.
 BRASIL — CIA. DE SEGUROS GERAIS
 CIA ANTARCTICA PAULISTA
 CIA PROGRESSO NACIONAL
 DUBAR SA
 Avenida 15 de Novembro Nos 210,70 — Telefones— "ARESTELLA" — CAIXA POSTAL N. 2 — GUAJARA-MIRIM — TER. DE RONDONIA

C I M E X
 CIA. DE IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO
 78980 — Avenida Dr. Macedo Lima 267 — Guajará Mirim — Rondônia
 PAGANDO OS MELHORES PREÇOS DA PRAÇA, COMO SEJAM:
 BORRACHA
 CASTANHA
 IPECACUANHA E OUTROS.

COMERCIO IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO LTDA DE MASSUD JORGE BADRA
 Guajara Mirim — Seringal em Costa Marques (Rio Guaporé)
 Aviamentos para seringal. Estivas, fazendas e miudezas COBSEVA
 Bebidas e Ferragens
 Compram Borracha, Castanha, óleo de copaíba couro de animal silvestre e peia (ipecaçuanha) aos melhores preços da praça
 CAIXA POSTAL 7—TEL MASSUD KALIL —AV. Presidente Dutra 6
 Guajará Mirim T Federal do Guaporé

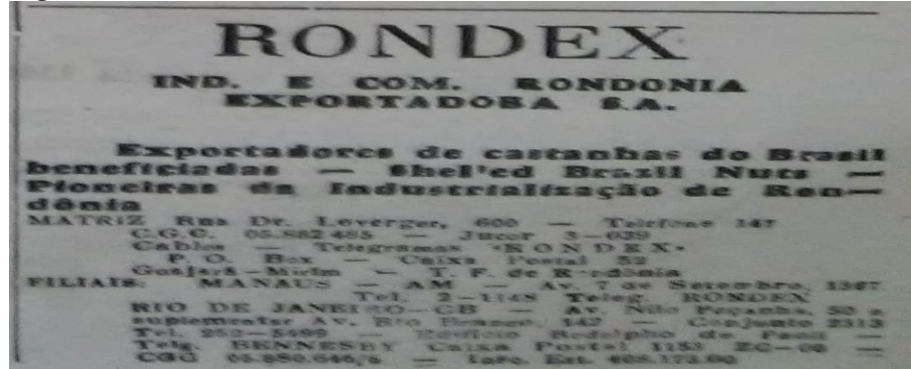
Saul Bennesby & Cia.
 Avenida Leopoldo de Matos N.º 148 — Endereço Telegráfico
 Caixa Postal — Território Federal de Rondônia
 Guajará — Mirim — X — X — X
COMPRA E VENDA DE: Castanha — Couros — Ipecaçuanha — Borracha e demais produtos regionais
POSTO DE GASOLINA OLI: Gasolina — óleo combustível, — óleo lubrificante e querosene
SERINGAIS: Nos Rios Negro — Yats — Cautário e Guaporé
VENDAS A GROSSO E A VAREJO: Mercadorias em geral — abastecimentos de seringais e castanhas.

Fonte: O Imparcial

A presença destes negociantes e o direcionamento de seus representantes junto à região com potencial de produção fez despertar a participação dos comerciantes locais em explorar o produto Castanha-da-Amazônia. Devido a dificuldades em conseguirem melhores preços de venda na safra de castanha, um grupo de empresários locais incluído o sr. João Suriadakis, Figura 9, juntamente com outros donos de lojas comerciais locais, Figura 11, os donos de seringais que também possuíam suas participações, decidem criar uma usina

beneficiadora de castanha, o resultado deste empenho é o surgimento no formato de sociedade anônima da empresa RONDEX no meados da década de 1970, Figura 12.

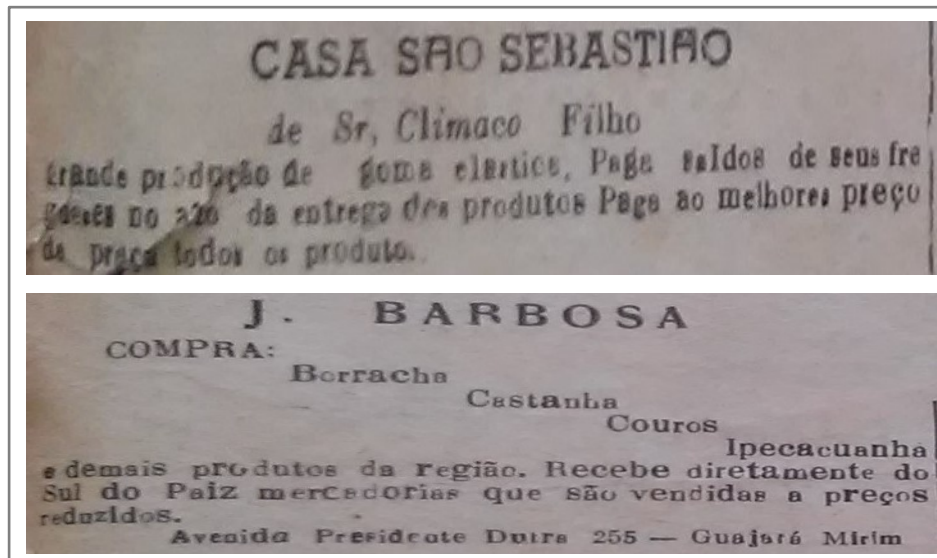
Figura 12 – Anúncio da RONDEX



Fonte: O Imparcial

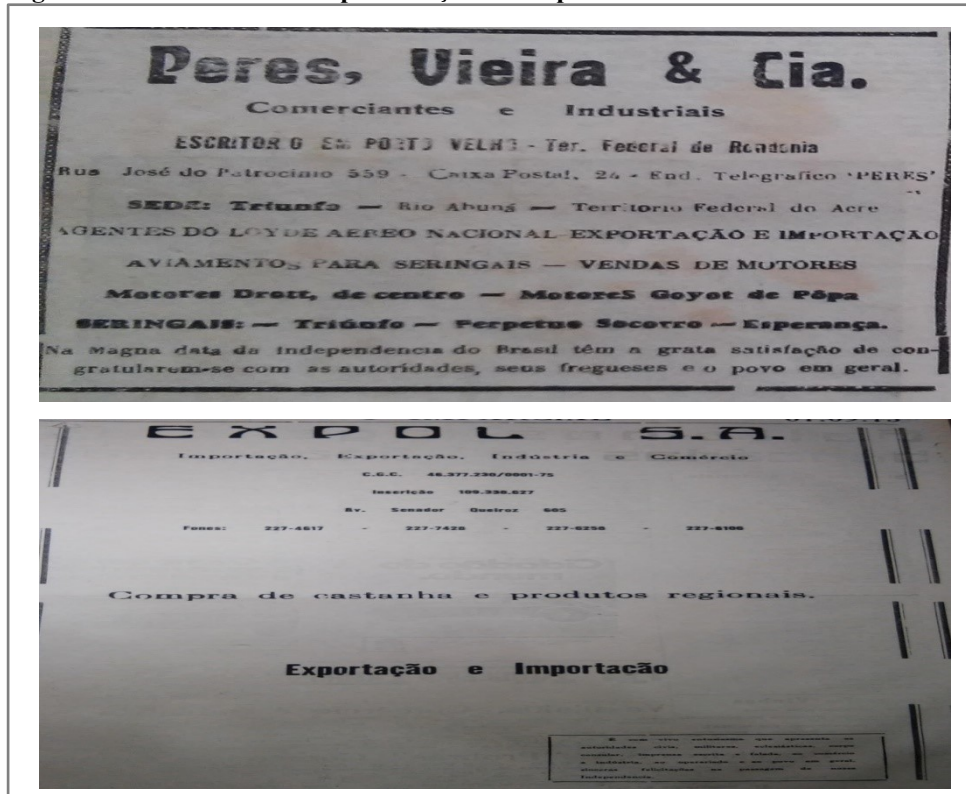
É notável a presença de outros negociadores de produtos regionais que também se faziam presentes na cidade de Guajará-Mirim, conforme a Figura 13 e Figura 14, eles geralmente possuíam escritórios ou representantes responsáveis pelas compras de castanha e outros produtos regionais em outras localidades. Empresas com sede no Território Federal do Acre e no Estado de São Paulo marcavam presença garantiam sua participação no compra de castanha.

Figura 13 – Compradores de Produtos Regionais



Fonte: O Imparcial

Figura 14 – Escritórios de Representações de Exportadores de castanha



Fonte: O Imparcial

Pesquisa em Santiago (1960 a 1978) confirma a implantação de três usinas de beneficiamento de castanha, o primeiro registro foi da Usina de Beneficiamento de Castanha Cel. Paulo Saldanha, que lançou sua pedra fundamental em 1959 e inaugurada em 1961, inicialmente utiliza a mão-de-obra de 150 mulheres para tocar as atividades de quebra manual. Os fundadores são Mayer Hoggraf e Francisco Pereira Torres. O resultado desta iniciativa culminada com a expansão do processo exploratório da castanha e a necessidade de ampliação do negócio levou a inclusão de novas participações societárias.

Figura 15 – Usina de Beneficiamento de Castanha Paulo Saldanha

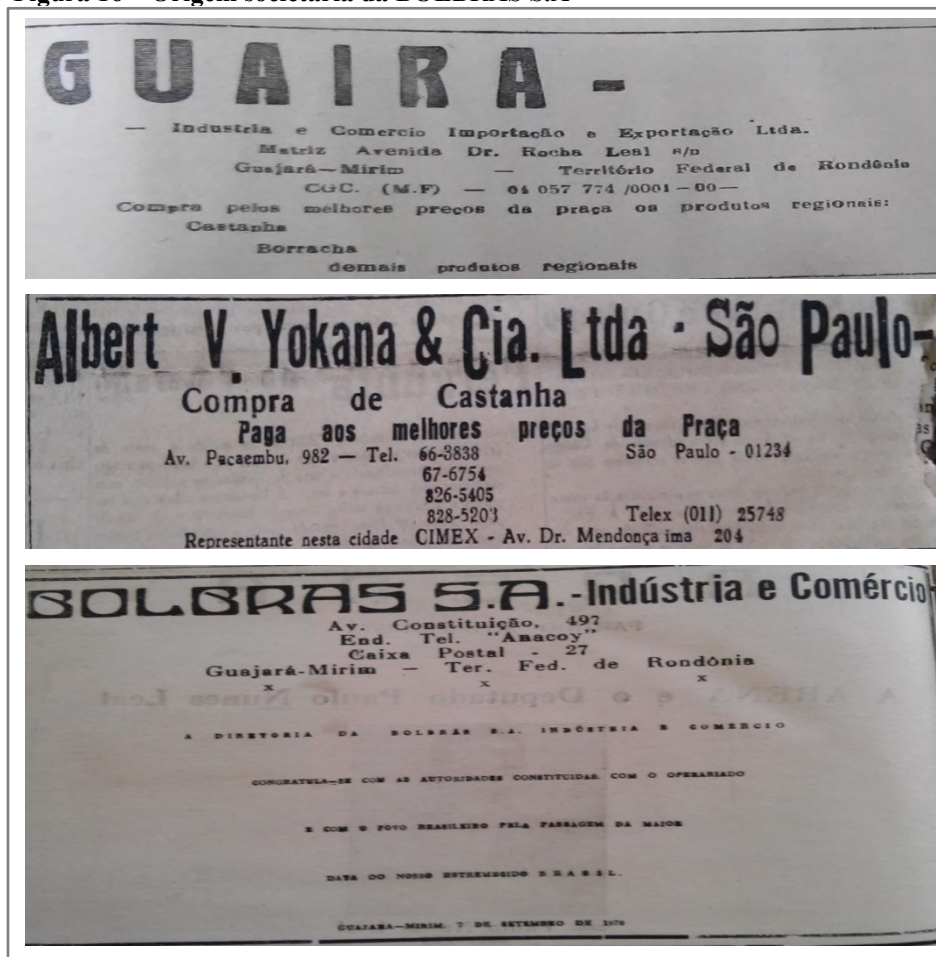


Fonte: O Imparcial

Através das Figuras 15 e 16 é possível observar as influências dos cenários econômicos decorrentes da época provocaram mudanças estratégicas e societárias permitindo a criação da empresa Bolbrás S.A Indústria e Comércio no ano de 1963. O sr. Francisco Torres constitui nova sociedade e cria a Bolbrás S.A.

Posteriormente a organização funde-se com a Yokana Bozzo S.A – Importação, Exportação, Indústria e Comércio e passa a ser chamada de Bolbrás-Bozzo S.A - Indústria e Comércio. A empresa somente realizava a compra, encaminhava a castanha para se beneficiada na unidade de São Bernardo dos Campos em São Paulo, a empresa possuía escritório de compra em Rio Branco/AC, Ji-Paraná/RO, Guajará-Mirim/RO e em Riberalta na Bolívia – ela possuía escritório e Beneficiadora sob o nome de BrásBol S.A.

Figura 16 – Origem societária da BOLBRAS S.A



Fonte: O Imparcial

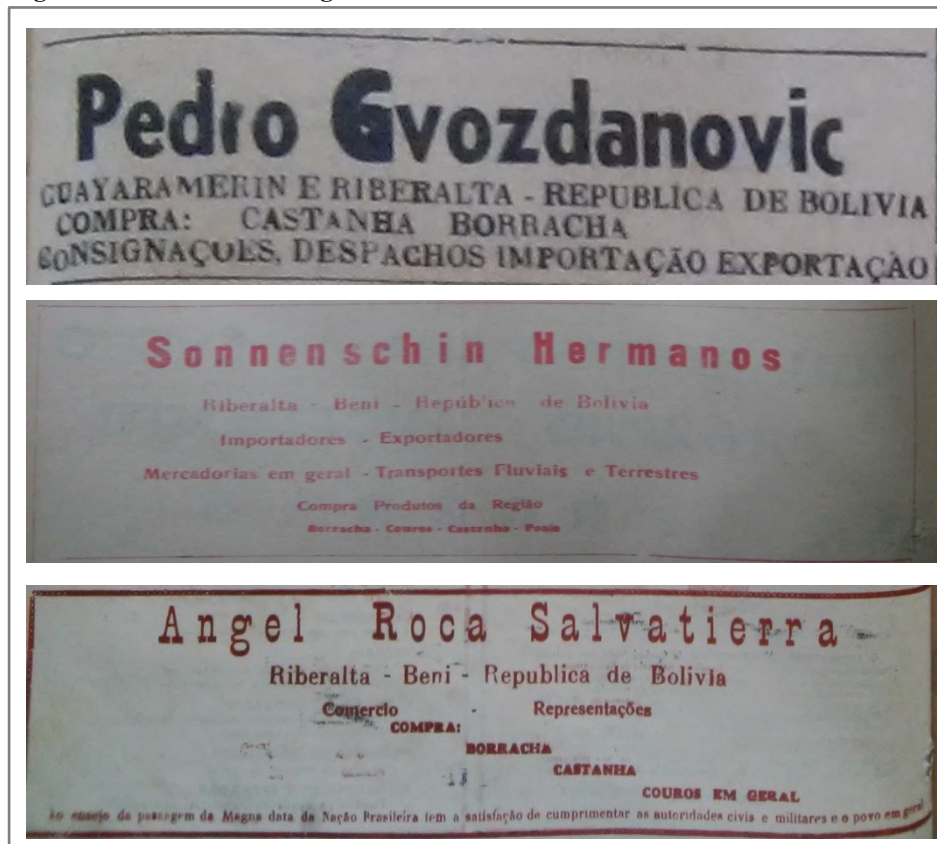
Todos os volumes de Castanha-da-Amazônia imediatamente adquiridos já possuíam compradores garantidos, os valores negociados eram determinados pelo comprador e não pelo vendedor; desse modo, a castanha poderia ser comercializada pelo valor de interesse do comprador e como o vendedor não tinha outro comprador ou mesmo não possuía outra forma

de aproveitar o produto, ficava refém dos preços praticados pelos negociantes mais experientes.

Mesmo o mercado boliviano de castanha demonstrando-se seu potencial de forma tímida, marcava presença no periódico brasileiro. As investidas em anúncios ocorriam somente nas principais datas comemorativas – Aniversário de Guajará-Mirim, Dia da Independência e Dia da República. Na Bolívia assim como no Brasil a Castanha-da-Amazônia somente passa a ser explorada em condições comerciais logo depois que a goma elástica entra em decadência.

Durante as décadas de 1960 até 1980 existia um fluxo de importação não oficializada da safra de castanha do Território Boliviano para o Estado Brasileiro. O motivo para o registro deste fenômeno é simples: os negociantes brasileiros praticavam os melhores preços de compra e existia uma padronização na unidade de medida – a lata. Até os dias atuais a mesma unidade de medida é utilizada pelos extrativistas e negociantes de Castanha-da-Amazônia.

Figura 17 – Anúncios de negociantes na Bolívia



Fonte: O Imparcial

Na Figura 18 e 19, está registrado o anúncio da primeira empresa exploradora e exportadora de castanha – *Hecker*. Conjuntamente com a *Casa Suárez*, a *Hecker* possuía representantes responsáveis por adquirir castanha no Acre. Juntamente com o látex a castanha era exportada passando pelo território brasileiro, todo o seu carregamento seguia pela ferrovia madeira-mamoré até Porto Velho, de lá seguia nas embracações até o porto de Belém para atender aos contratos com os exportadores.

Figura 18 – Anúncios de negociantes de castanha na Bolívia

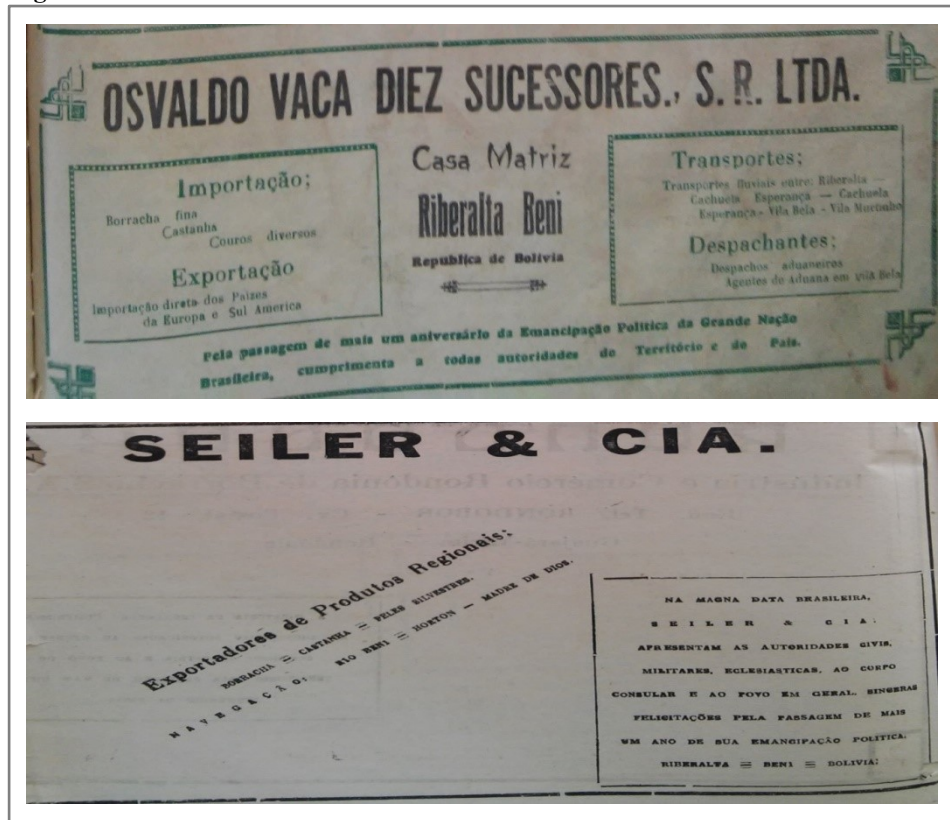


Fonte: O Imparcial

Diante dos registros existentes observam-se que os exploradores da castanha na Bolívia seguiram o mesmo modelo praticado pelos negociadores de castanha no Brasil, o dono do seringal geralmente possuía sua casa comercial na qual o coletor recebia aviamento de mantimentos como forma de adiantamento sobre a produção de castanha a ser entregue ao patrão.

Parte das empresas que exploram a comercialização da castanha na Bolívia possui sua origem nos tempos áureos da exploração da goma elástica – látex. A empresa “Osvaldo Vaca Diez”, Figura 18 e 19, é constituída por descendente da família Vaca Diez, que juntamente com outros comerciante e Nicolás Suárez Callaú desbravaram o Departamento do Beni e Pando na Bolívia na promoção da exploração do ouro branco da floresta – a goma elástica (látex).

Figura 19 – Anúncio do mercado de castanha na Bolívia



Fonte: O Imparcial

As Figuras 1 e 3 registram a iniciativa do governo e praticar políticas públicas no seguimento da castanha. Descrevem timidamente a presença de intervenções governamentais no mercado da Castanha-da-Amazônia. As ações são direcionadas e pontuais e não estão contidos em planos de políticas públicas do governo brasileiro, os assentamentos demonstram evidências de atendimentos privilegiados, não se esquecendo da atuação políticas dos negociantes no mercado de Castanha-da-Amazônia.

Conforme Santiago (1975) o Governo Federal através da Comissão de Financiamento da Produção realizou duas compras de castanha, garantindo assim a safra no ano de 1975. A primeira leva foi assegurada pela compra da produção de 800.000 a 900.000 hectolitros¹ de Castanha do Pará em Marabá – PA a região é denominado como a principal zona de produção do produto. Já a segunda leva de compra atendeu o Acre confirmando a compra de 350 toneladas de Castanha do Pará. A presença da ação governamental é meramente política a fim manter o preço mínimo da safra de castanha.

¹ Trata-se da massa de 100 litros de castanha, que corresponde a um saco com capacidade de 60 kg.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Conforme Babbie (1999) a metodologia é apresentada como introdutório aos aspectos tradicionais da ciência, considerando o conjunto de etapas que supostamente levam à verdade. Os procedimentos científicos operam de forma racional e objetiva, assim, condiciona-se à ideia que possuem mais qualidade.

Considera Thiollent (2011) que a metodologia é o elemento direcionador das técnicas empregadas no auxílio do produto de pesquisa e sua estrutura lógica. Ela permite ainda nortear as condições de riscos permitindo inventar meios desejáveis.

Nas subseções que seguem são apresentados os fracionamentos da metodologia em tipo de pesquisa, nível de pesquisa, método de pesquisa, técnica de coleta de dados, instrumentos e fontes de dados constituindo assim o delineamento do estudo.

O primeiro estágio de desenvolvimento de qualquer investigação científica de caráter aplicado é aportado pelo levantamento bibliográfico em dissertações já concluídas, teses, artigos, livros, websites, jornais e revistas eletrônicas tomando por base os temas correlatos, conforme estudo em Siena (2007) que propõe o uso de inúmeras formas de conteúdo em seu contexto. Para o segundo estágio temos a revisão da literatura do referencial empírico-teórico contemplado pelo assunto discutido, que serve de sustentáculo para o desdobramento da tarefa.

Depois de ter executado as fases relatadas julgo estar exibindo uma definição própria das características do processo de conformação de cadeia produtiva da Castanha-da-Amazônia, que é o propósito desta dissertação. A utilização de recursos computacionais, como editores de texto, processadores de texto, planilhas eletrônicas, serão fundamentais para promover registro e permitir a mineração posterior dos dados.

3.1 Tipo de Pesquisa

É declarado por Carvalho (1988), que todo alicerce de pesquisa é através do Método Monográfico, que motiva a obtenção dos resultados a partir dos objetivos proposto.

Trata-se de investigação de natureza aplicada, assim, para a realização desta pesquisa foi adotado as vertentes paradigmáticas fenomenológicas e positivistas, com a construção do estudo exploratório, seguindo pela abordagem da pesquisa multimétodos. Estudos em Hernández Sampieri (2011) evidenciam que o método misto utiliza os pontos fortes dos métodos qualitativo e quantitativo.

3.2 Nível de Pesquisa

Com esta pesquisa objetivo descrever a Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia. O estudo exploratório-descritivo propõe-se a descrever os fenômenos e os fatos diante de uma determinada realidade.

3.3 Técnicas de Coleta de Dados

Na Tabela 1, são apresentados resumidamente os procedimentos adotados para o desenvolvimento da pesquisa, iniciando-se com o protocolo de coleta de dados (pesquisa bibliográfica, visita *in loco* e entrevista) e finalizando com a mineração e interpretação dos dados (análise descritiva, análise crítica, estatística descritiva e elaboração de relatório).

Tabela 1—Etapas da Pesquisa

DADOS	ELEMENTOS	DESCRIÇÃO
1 Coleta	1 Dados Secundários	Ferramenta de busca de dados em fontes secundárias trata-se da busca de textos na dissertação de mestrado, teses, artigos e livros, <i>websites</i> , jornais e revistas eletrônicas tomando por base os temas correlatos.
	2 Visitas <i>in loco</i>	Caracteriza-se pela atividade de campo (entrada no ambiente) de desenvolvimento dos estudos, procedendo ao registro no diário de campo.
	3 Entrevistas semiestruturadas	Ferramenta para coleta de dados de fontes primárias, geralmente por meio de interações entre entrevistador e entrevistado guiados por um tema central, procedendo ao registro no diário de campo.
2 Estudo	4 Sistematizações dos dados	Consiste na etapa de tratamento dos dados, categorizando-os para gerar as informações relevantes à essência da pesquisa.
	5 Análises descritivas	Fundamenta-se na descrição nas especificidades do caso, estabelecendo-se relações para validação ou não das hipóteses.
	6 Análises crítica do material	Remete-se à interpretação dos elementos encontrados. O tratamento aplicado aos dados contidos em tabelas gerando informação que permite gerar comparações ou mesmo representações visuais a cerca do objeto.
	7 Elaboração do relatório	É o processo de finalização da pesquisa, através do relatório de apresentação dos elementos e seus constructos, os quais condicionaram o resultado do estudo.

Fonte: Dados da Pesquisa.

3.4 Instrumentos de Coleta de Dados

Realizou-se o levantamento Bibliográfico em dissertações, teses, artigos, livros, *websites*, jornais e revistas eletrônicas tomando por base os temas correlatos, procedida de anotações e construção de Banco de Dados próprio para auxiliar posteriormente no procedimento de tratamento dos dados obtidos nesta fase.

Os registros das anotações de campo foram realizados por meio do uso do diário de campo permitindo proceder às anotações e observações relevantes decorrentes do uso da

técnica de entrevista semiestruturada para identificar os pontos, norteadas pela revisão da literatura sobre a temática, que orientou o estudo de campo.

Nesta vertente, Bauer e Gaskell(2010) aconselha o uso de diário de campo para sistematizar os comentários informais e conteúdos de memória, de modo a não perder informações importantes. Hernández Sampieri (2013) afirma que o diário de campo consiste em um instrumental para registro das anotações gerais de descrição do ambiente ou contexto, representação de mapas, diagramas, quadro, esquemas e listagem de artefatos (fotografias, gravações audiovisuais).

Adotou-se a técnica de entrevista para coletar e tratar as fontes de dados primárias. Em Vergara (2009), emprega-se o uso da técnica de entrevista para convalidar, corroborar ou confrontar os dados obtidos na fase anterior. Se o pesquisador planejar, executar e interpretar adequadamente o instrumento de pesquisa acertadamente proporcionará conclusões apropriadas. Na entrevista permite-se detectar conceitos fundamentais, melhorar o entendimento sobre as variáveis, conhecer o erro que outros cometeram anteriormente, corrobora (HERNÁNDEZ SAMPIERI, 2013).

Todas as entrevistas independentemente dos seguimentos foram adotadas os mesmos procedimentos, ou seja, a forma de abordagem a ser realizadas junto aos respondentes foi padronizada. Em casos singulares foram adicionadas questões que não afetam substancialmente o resultado; porém, permite lançar novo olhar sobre o cenário.

3.5 Fontes de Dados

Este processo de estudo foi desenvolvido em duas etapas distintas. Na primeira etapa, foi utilizadas fontes de consultas secundárias para construção adequada das informações pertinentes ao tema que envolve os ambientes de trabalho. Iniciamos os estudos utilizando as fontes de dados secundários com o papel de norteadora da tarefa dos levantamentos bibliográficos através de livros, teses, dissertações, artigos de periódicos científicos, artigos jornalísticos, entre outros de acordo com cada etapa na Tabela 1. O caráter gnosiológico da pesquisa é de cunho descritivo, Oliveira (2008) afirma que se deve utilizar elementos qualitativos para atender situações particulares de pesquisa quando visa entender os acontecimentos, as relações, os significados e as interações entre indivíduos.

Segundo Creswell (2010), uma técnica é relacionar as variáveis, as questões ou hipóteses de pesquisa e os itens no instrumento do levantamento. Desse modo o estudo pretende estabelecer a cadeia produtiva da Castanha-da-Amazônia. Nessa etapa ainda permite-se detectar conceitos fundamentais, melhorar o entendimento sobre as variáveis,

conhecer o erro que outros cometeram anteriormente, como explana (HERNÁNDEZ SAMPIERI, 2013).

Para a segunda etapa, adotou-se o estudo de campo para coletar dados primários, através de entrevistas semiestruturadas com os atores envolvidos na constituição da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia, para isso utilizou-se roteiro de entrevista com questionário semiestruturado permitindo que a condução da conversa se desenvolvesse de modo natural. O entrevistador permitiu que o entrevistado expressa-se com liberdade, foi mantido o mesmo roteiro para todos os entrevistados. Na Tabela 2, encontra-se a distribuição geográfica em que ocorreram as 63 entrevistas entre os meses outubro de 2014 a junho de 2015.

Tabela 2 – Distribuição geográfica

Localidade	Ind.	Comp.	Extr.	Gov.	Est.	Org.	Div.	Total
Alvorada d'Oeste	-	1	-	-	-	-	-	1
Ariquemes	-	-	-	-	-	-	-	0
Buritis	-	2	1	-	-	-	-	3
Costa Marques	-	3	2	-	-	1	-	6
Extrema*	-	3	1	-	2	-	2	8
Guajará-Mirim	-	6	1	2	1	-	7	17
Ji-Paraná	1	-	-	-	-	-	-	1
Nova Califórnia*	-	2	6	-	2	-	-	10
Nova Mamoré	-	-	-	-	-	-	1	1
Porto Velho	-	-	-	-	-	-	1	1
São Francisco do Guaporé	-	1	-	-	-	-	-	1
São Miguel do Guaporé	-	1	-	-	-	-	-	1
Seringueiras	-	-	-	-	-	-	1	1
Vista Alegre do Abunã*	1	4	3	1	2	-	1	12
*Distritos Urbanos pertencentes ao Município de Porto Velho								63

Fonte: Dados da Pesquisa

Categorizamos os *stakeholders* entrevistados durante o estudo de campos em sete grupos descritos na Tabela 3. Durante a coleta de dados executada no estudo de campo, constatou-se que a maioria dos empresários não gosta de participar ou fornecer entrevista, adicionado inúmeras desculpas para não participar, ou quando participam limitam algumas respostas ou não respondem alguns pontos da pauta, ficou evidente que eles temem que seja espionagem. No grupo de compradores aproximadamente 83% possuem estabelecimento comercial, beneficiadora de café e arroz, cerealista ou mercearias, não dependem unicamente da comercialização da castanha.

Os entrevistados no segmento empresarial da indústria correspondem a 3,17% do universo da investigação, o grupo dos compradores equivale a 36,51%, durante as visitas técnicas de estudo de campo foram coletados 22,22% de entrevistados vinculados como extrativistas.

Tabela 3 – Grupos de Interesses

Grupo de Stakeholders	Descritiva
Compradores	C001, C002, C003, C004, C005, C006, C007, C008, C009, C010, C011, C012, C013, C014, C015, C016, C017, C018, C019, C020, C021, C022, C023
Diversos	D001, D002, D003, D004, D005, D006, D007, D008, D009, D010, D011, D012, D013
Extrativista	E001, E002, E003, E004, E005, E006, E007, E008, E009, E010, E011, E012, E013, E 014
Estatual	P001, P002, P003, P004, P005, P006, P007
Governo	G001, G002, G003
Indústria	I001, I002
Organizações	O001

Fonte: Dados da Pesquisa.

3.6 Dimensionamento da Pesquisa e Suas Limitações

A unidade em que se desenvolveu o estudo foi no Estado de Rondônia onde já ocorreram e ocorre atividades de extração (colheita), comercialização e transformação de produtos e subprodutos derivados da Castanha-da-Amazônia, a fim de permitir a descrição da configuração da cadeia produtiva.

Durante a realização desta pesquisa foi observado que ainda existe limitação no que se refere a constituição das cadeias produtivas no Estados de Rondônia. O cerne deste estudo é somente a análise da configuração da cadeia produtiva da Castanha-da-Amazônica no Estado. Assim, vale ressaltar que a cadeia produtiva de cada produto possui características suficientemente peculiares – desse modo, se aplicado o mesmo modelo aqui desenvolvido a outros produtos ou a outras regiões, recomenda-se apurar análise cuidadosa.

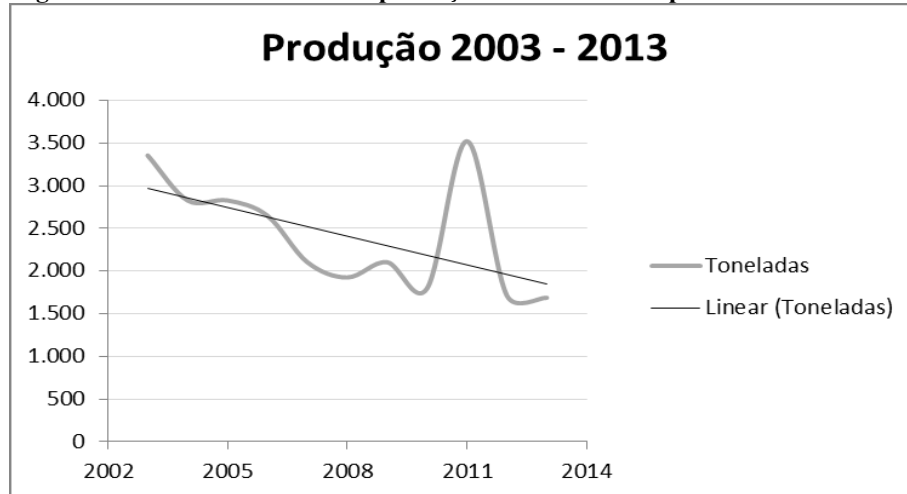
3.7 Técnica de Análise e Interpretação dos Dados

A parte dos conceitos em Lakatos (2003) é possível afirma que a análise é a fase em que o pesquisador trata de conseguir averiguar a seus questionamentos iniciais procurando construir os vínculos com os dados achados e fim de responder a pergunta de pesquisa. Já, a interpretação, é o momento em que o pesquisador expõe seus significados sobre o objeto estudado, apresentando sentido aos dados obtidos permitindo assim a construção do conhecimento e aclarar os dados argumentados.

O uso de elementos visuais gráficos a fim de elucidar os resultados para compreender o volume de colheita da castanha, por meio dele foi trabalhado os seguintes recortes

temporais: a) inicialmente apuraram-se as safras no interstício iniciando em 1986 e finalizando em 2013, considerando a produção do Estado de Rondônia e a brasileira; b) safra no período de 2003 a 2013, conforme Figura 41, considerando a produção do Estado de Rondônia e a brasileira. Em ambos os períodos foi utilizado à linha de tendência a fim de permitir a melhor leitura dos gráficos.

Figura 20 – Gráfico o estudo da produção de castanha no período de 2003 a 2013



Fonte: IBGE

Embora as imagens gráficas apresentem retas descendentes (não ascendentes), é importante salienta que não existe produção negativa (safra negativa) e sim produção menor ou inferior à colheita do ano anterior, como é facilmente verificada na Figura 2 e Figura 41.

3.7.1 Técnica de Historiografia

Na administração científica existem pautas que necessitam buscar explicações do fenômeno no decorrer do espaço temporal longo. As circunstâncias em que sobrevêm os acontecimentos, que são peculiares e irreproduzíveis, coadunam com suas origens. Assim, os episódios deverão ser observados em sua característica ímpar. Com certa reserva, utiliza-se a interpretação equiparando seu enredo histórico harmonicamente em suas dimensões sociais, econômicas, políticas, geográficas, ambientais, etc., para constituir as deliberações organizacionais, decaí o mérito dos fatos ser for explorado de maneira desarticulada (PIERANTI, 2008).

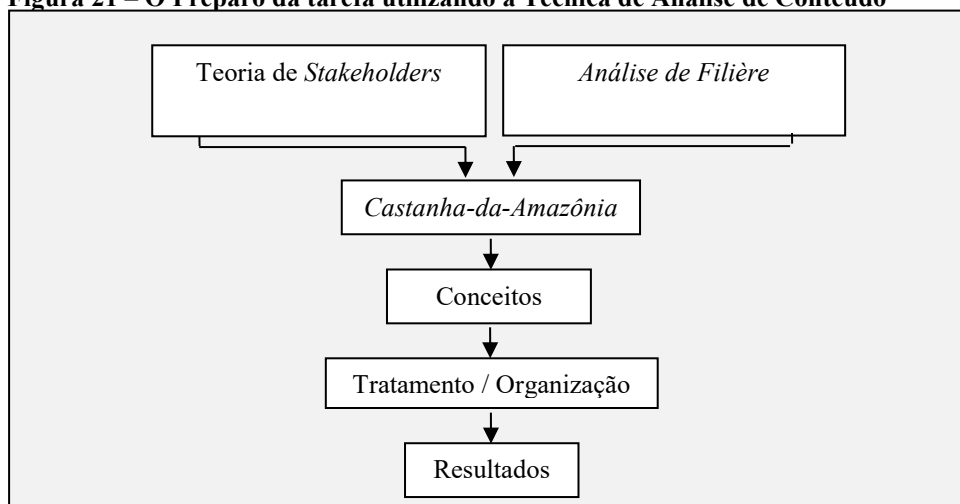
Pesquisa em Vergara (2009) aponta o uso do Paradigma Tradicional para proporciona a preservação das conjunturas antropogênicas no decorrer dos anos, oportunizando esclarecer as transformações sociais. Intervém Pieranti (2008) em seus estudos que a historiografia retrata impreterivelmente o passado. Através da abordagem histórica o pesquisador orienta o rumo e a caracterização das observações coerente entre os vários fatos. Ela provoca a

sondagem dos eventos de forma integral, a persuasão fundamentada na intervenção de ideologias, elementos, culturais e econômicos. Consegue ser compreendida como inconveniente ao acerto da investigação propriamente por contar com a idiossincrasia do pesquisador; permite assim, estudar dados diversos e tratá-los por meios únicos proporcionando condições excepcionais no progresso da pesquisa.

3.7.2 Técnica de Análise de Conteúdo

Tudo que seja texto é passível de análise utilizando a técnica de análise de conteúdo. O sentido de um texto pesquisado (semântica) é de suma importância para o desenvolvimento do método de análise de conteúdo. Pode-se classificar em duas formas distintas a análise de conteúdo: de uma forma, por meio da hermenêutica (interpretação do sentido das palavras), são feitos tratamentos puramente semânticos, priorizando as conotações e estruturas semânticas; de outra, através da linguística, caminho pelo qual se estuda a lógica estética e retórica, buscando os aspectos típicos do texto e do autor. Não se deve vincular unicamente à técnica ou ao texto a análise de conteúdo a fim de evitar um formalismo que venha a prejudicar a capacidade intuitiva do pesquisador ou sua criatividade, mas não seja de toda subjetiva ao ponto de apresentar somente seus valores ou ideias. A análise de conteúdo é uma importante ferramenta para análise dos dados qualitativos, seu valor como condutor e não como resultado de um trabalho científico (CAMPOS, 2004). A Figura 21 descreve claramente a estrutura lógica das etapas utilizadas na aplicação da Técnica de Análise de Conteúdo.

Figura 21 – O Preparo da tarefa utilizando a Técnica de Análise de Conteúdo



Fonte: Dados da Pesquisa.

A técnica de Análise de Conteúdo permite representação objetiva de forma rigorosa sobre o teor da mensagem aportado na inferência interpretativa do investigador (AMADO,

2000). Neste sentido, Vergara (2009) afirma a utilidade no uso do método de análise de conteúdo para aplicar no tratamento dos dados obtidos pelo instrumental da entrevista.

3.7.3 Técnica de Triangulação

No estudo aqui desenvolvido aplicou-se o uso da técnica de triangulação estudos das fontes de dados e no emprego do método conforme descreve Vergara (2005) e Teixeira, Nascimento e Carrieri (2010) na concepção da cadeia produtiva da Castanha-da-Amazônia em Rondônia.

Ao considerarmos que em Vergara (2005) discute que na triangulação faz-se o uso de diferentes fontes de dados, assim, recomenda-se observar os eventos ponderando sobre as condições de ocorrências e os informantes em relação ao fenômeno. No emprego da técnica de triangulação observa-se a aplicação de distintas técnicas e método único a fim de elucidar o fenômeno estudado; permite-se ainda estudar o mesmo episódio com efeito de outros métodos. A Abordagem Multimétodos é outro nome dado a técnica de triangulação.

Teixeira, Nascimento e Carrieri (2010) registram que o uso combinado de vários métodos é recorrente a fim de tornar harmoniosos os resultados através da ótica científica. Nas pesquisas em administração a aplicação da metodologia de triangulação vai ao encontro de direcionar para o multiparadigmático, que se justifica pelo uso perante a multiplicidade em favor da compreensão dos fenômenos modernos. O pesquisador deve orientar seus estudos e observar o universo pelas mesmas lentes paradigmáticas. Além disso, o diálogo entre os vários pensamentos, as percepções através da triangulação permitem visão ampla do fenômeno, não absolutamente a mais clara.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste penúltimo capítulo, apresentam-se os resultados sustentados na Teoria de *Stakeholders*, visando demonstrar suas interações decorrentes e os atores envolvidos na configuração da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia no Estado de Rondônia. O campo principal de investigação é a Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia iniciando no setor primário através da exploração do cultivo ou extrativismo vegetal da castanheira com sua interação na indústria de transformação e a inquietação sobre a cadeia produtiva e as inter-relações na entidade ou grupos de interesse.

4.1 Levantamento da produção da Castanha-da-Amazônia no Estado de Rondônia - Brasil

O estudo trabalha com os dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, sendo que essas informações foram concatenadas do interstício de 1986 a 2013, permitindo assim filtrar de forma adequada os dados e moldá-los para o atingimento do objetivo proposto nesta investigação. O recorte temporal da produção é considerado suficiente para corroborar no desenho da configuração da cadeia produtiva da Castanha-da-Amazônia.

Para o levantamento da produção da Castanha-da-Amazônia em Rondônia, será considerado primeiramente os registros de fontes secundárias. Os elementos gráficos distribuídos ao longo desta dissertação são resultantes da concatenação dos dados relativos à produção nacional da Castanha-da-Amazônia.

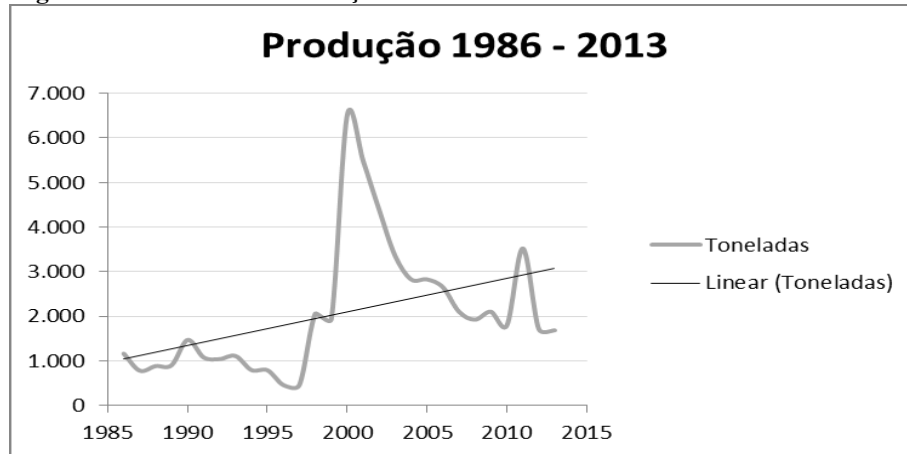
A sequência constituída pelas Figuras 24 e 25, Figuras 28 e 29 decorre da análise da produção nacional e a da produção do Estado de Rondônia, considerando ainda a oscilação entre as safras dentro do período já apontado anteriormente neste estudo. Os Estados brasileiros produtores da Castanha-da-Amazônia estão tratados nas Figuras 30 e 33, e os elementos que constituem os gráficos são decorrentes do desmembramento da produção nacional de castanha.

4.1.1 Demonstração da Produção de Castanha-da-Amazônia nas safras 1986 – 2013

No Gráfico da Variação de Safra 1986 – 2013, relacionado na Figura 22, descreve-se a redução constante da oferta de produção na ordem percentual de cinco por cento a cada ano, porém a produção está crescendo de acordo com a Figura 22. O trabalho de refinamento dos dados da produção desenvolvidos na Figura 22 analisa período de 27 anos e foi angulado também, conforme Figura 26 entre 2003 a 2013. Neste interim de 11 anos oportunizou-se a construção ajustada do período produtivo e suas oscilações sazonais em decorrência de fatores

climáticos ou naturais e de fatores meramente econômicos. A produção registrada na Figura 22 apresenta grandes oscilações nas safras principalmente entre os anos 1988 a 1989; entretanto, por um lado, o mesmo fenômeno é recorrente em 1994 a 1997, por outro, volume observado apresenta quantidade inferior na ordem de 28,42% a 41,87%.

Figura 22 – Gráfico da Produção 1986 - 2013



Fonte: IBGE.

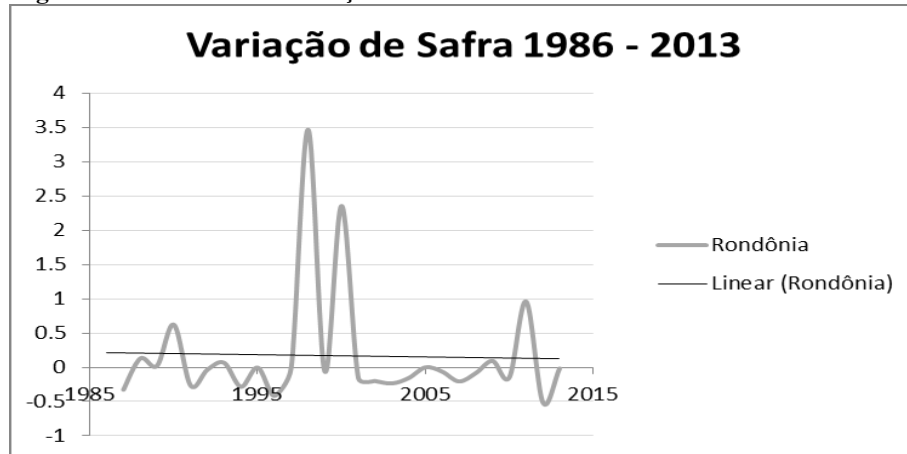
O registro da Figura 22 aponta o ano de 1986 em que a produção foi de 1.166 toneladas de castanhas, já o volume permanece próximo da mesma média até 1993. E nos quatro anos seguintes ocorre redução da oferta na ordem de 41%. A partir de 1992 a produção retorna com incremento de aproximadamente 236%, o ápice produtivo ocorre nos anos de 2000 e 2001. Por isso diante dos dados, tal resultado pode ser descrito como fenômeno isolado - sendo que no decorrer dos últimos 27 anos não ocorreram repetições de novos picos de produção.

Para tornar mais claro os dados explorados na Figura 23, apresenta-se o resultado decorrente da variação do resultado produtivo, observa-se ainda que a linha de tendência conserva-se estável para o período de 1986 a 2013. A Figura 26 contém o recorte dos últimos 11 anos mencionados nos relatórios do IBGE. No ano de 2003 a produção foi de 3.357 toneladas de castanha, o triplo de que fora registrado para o ano de 1986; diante disso, observa-se a inversão constante da média de produção ofertada no patamar de 5%.

Desenvolvendo a sobreposição dos dados de registros de produção de safra-a-safra do Estado de Rondônia relativo ao interstício de 1986 a 2013, desse modo proporcionou o resultado registrado na Figura 23. No período em questão, observam-se quatro picos de produções acima da média de tendência central de 16,88%. A primeira subida surge na safra de 1990 com nível de 62,47% maior em relação a 1989; o segundo registro ocorre em 1998 com aumento de 347,29% na safra em comparação com 1997; o terceiro em 2000 registra-se

o incremento de 235,96% em relação a 1999; e o quarto em 2011 aponta evolução de 96,21% em nexa à safra de 2010. Os registros mais críticos de queda de produção são apontados nas safras de 1996 na ordem de 41,87% em relação ao ano de 1995, nota-se que em 2012 a queda de produção atinge o nível de 51,33% em simetria a 2011.

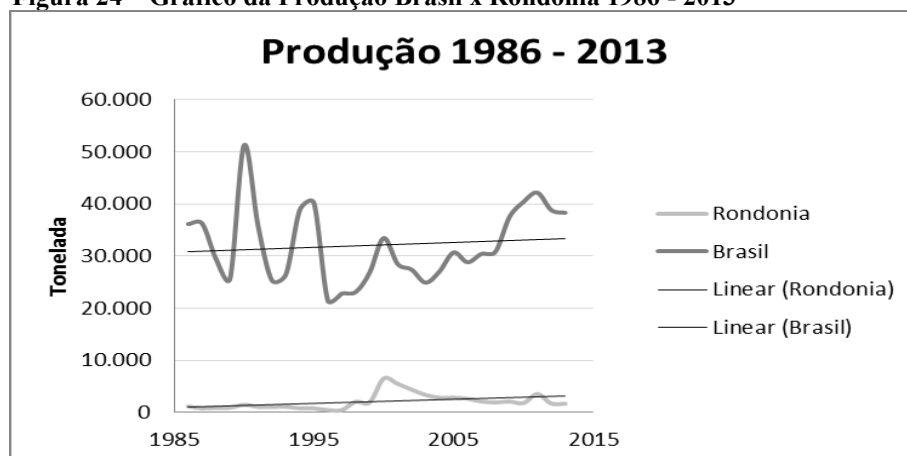
Figura 23 – Gráfico da Variação de Safra 1986 - 2013



Fonte: IBGE.

É necessário proceder a comparativos mais substanciais entre a produção de Rondônia e a correlação com a produção nacional a fim de comprovar os resultados produtivos das safras. Na Figura 24, em que foi trabalhado o ajustamento dos dados do período de 1986 a 2013, é relevante observar a linha de tendência de ambos os elementos Rondônia e Brasil que, como se pode afirmar, é significativamente positiva e crescente. A variação da produção desempenha a média de 2.066 e 32.094 toneladas da Castanha-da-Amazônia em Rondônia e no Brasil respectivamente, descrevendo a mediana de 1.755 em Rondônia e 30.540 no Brasil.

Figura 24 – Gráfico da Produção Brasil x Rondônia 1986 - 2013



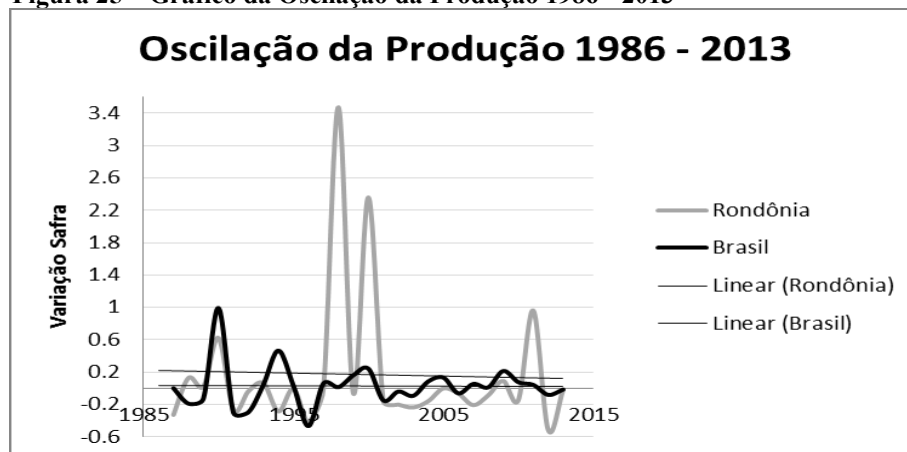
Fonte: IBGE.

A mutabilidade da produção da Castanha-da-Amazônia apresenta mais intensidade na produção nacional na safra de 2000. Rondônia elevou sua produção em 336%, sendo que este reflexo é facilmente observado na reocupação da produtividade brasileira. Porém, após o ano de 2005 ocorre inversão na produção, a safra de Rondônia inicia processo de declínio enquanto a safra nacional apresenta franca recuperação na ordem de 5,99% acima da produção de 1986.

As safras dos últimos 11 anos apresentam oscilação regular, no entanto, as colheitas de castanha entre 1986 a 2002 torna presente grande instabilidade na carga de castanha, como está facilmente identificada na Figura 29. Os valores percentuais trabalhados no gráfico da oscilação da produção 1986 – 2013 são decorrentes das comparações entre safras com interesse em estabelecer a diminuição da sazonalidade ou a manutenção do volume mínimo de castanha a cada ano.

Assim, com as variações ocorridas entre os anos de 1986 a 2002 é claramente perceptível a grande sazonalidade entre as safras. Após a safra de 2003 até 2013 observa-se na produção da castanha nacional uma flutuação muito próxima da linha de tendência central que mostra o equilíbrio na produção. No mesmo período a safra da castanha em Rondônia ainda demonstra intercorrências acentuadas permitindo observar a ausência de equilíbrio. A oscilação da produção nacional na Figura 29 apresenta certa uniformidade em relação à safra de castanha no Estado de Rondônia, por conta disso a tendência é mantida próximo de zero.

Figura 25 – Gráfico da Oscilação da Produção 1986 - 2013



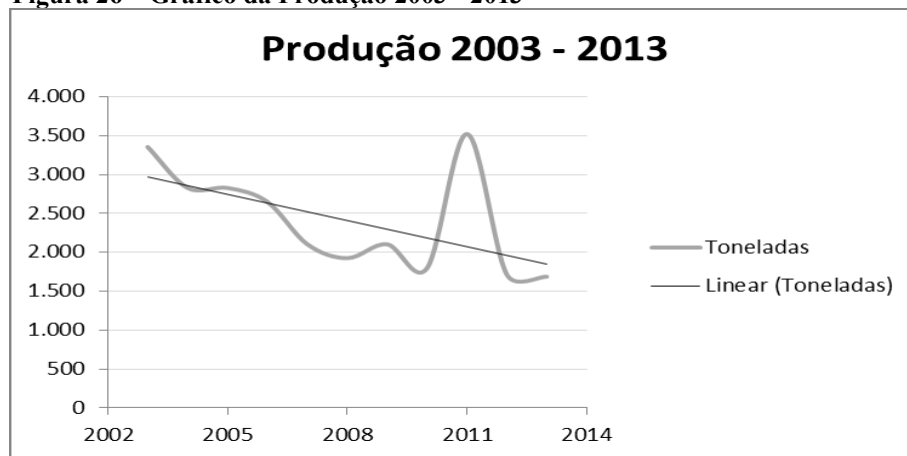
Fonte: IBGE.

Para a série Rondônia, a tendência aproxima-se de zero, mas a oscilação ocorrida na produção em 1998 resultou em 347,29%. E na safra de 2000 o efeito foi de 235,96%, que proporcionou a recuperação e manteve a tendência positiva.

4.1.2 Demonstração da Produção de Castanha-da-Amazônia nas safras 2003 – 2013

Mesmo com o aumento de 96,21% da safra de 2011, a produção mantém-se em queda. Comparativamente a produção de 2011 supera o resultado da safra de 2003 em apenas 5%. Independente do declínio produtivo na margem de 50,28% entre a safra inicial e final do interstício registrado, observa-se que a média geral foi de 2.412 toneladas de castanha produzidas no Estado de Rondônia entre os anos de 2003 a 2013, já a média aritmética do resultado da safra é apenas 9%. A redução do volume extrativo da Castanha-da-Amazônia apresenta uma média de variação entre a média geral é de 2% a 9%.

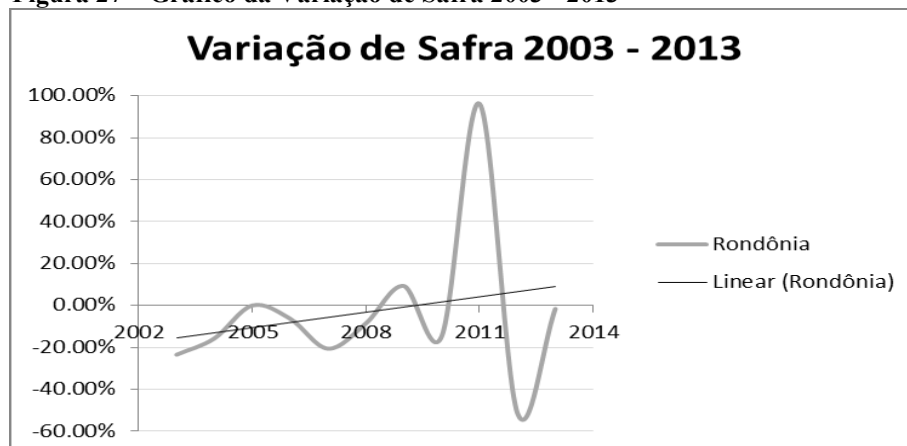
Figura 26 – Gráfico da Produção 2003 - 2013



Fonte: IBGE.

O mesmo modelo de análise também se aplica na Figura 27, sendo que no decorrer dos 11 anos, as oscilações mais significativas estão ao final do período. Na safra de 2011, apresentou resultado superior se aproximando em quase o dobro da produção do ano 2010 e 2012.

Figura 27 – Gráfico da Variação de Safra 2003 - 2013

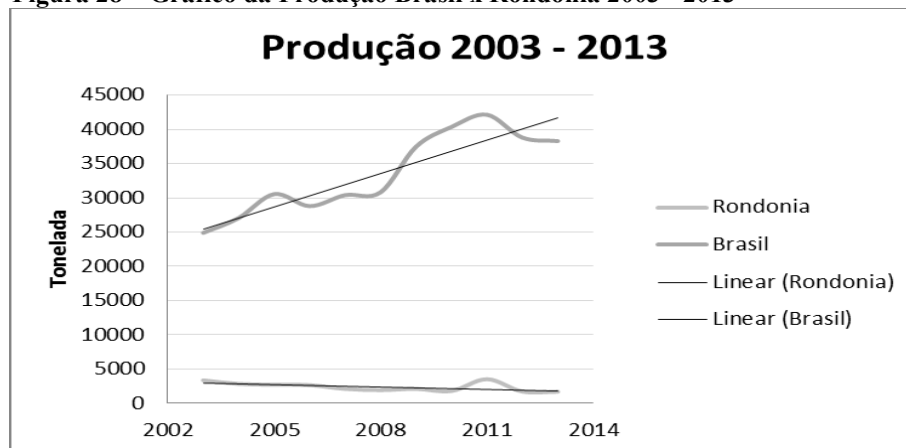


Fonte: IBGE.

Da safra de 2003 até a safra de 2007 ocorreu perdas graduais na faixa de 10,23%. Seguindo a linha de análise, é possível focalizar a tendência positiva da produção, a majoração média em queda de 3,33%; apesar do crescimento visível, a série inicia com perda de 23,48% e finaliza em 1,57%. Entretanto, a tendência central apresenta resultado ascendente em 5,17% na graduação, tornando evidente a recuperação da capacidade de safra da cadeia produtiva da Castanha-da-Amazônia.

O recorte de análise aplicado na Figura 28 assemelha-se aos pontos já tratados na Figura 28, apesar disso é possível perceber na série da produção do Brasil a angulação ascendente que revela a recuperação acima da média, constatando-se que nos últimos 11 anos o país sai de uma produção de 24.896 para 38.300 toneladas de castanha. No gráfico da produção Brasil x Rondônia 2003-2013 apresenta uma média aritmética produtiva equiparada ao volume de 33.601 toneladas de Castanha-da-Amazônia, no Estado de Rondônia. A safra de 2011 demonstrou recuperação com 3.523 toneladas, resultado acima da média em 46,73% do volume produzido. Comprovadamente a produção da castanha tem demonstrado redução significativa: a produção em 2013 é 50,31% menor que a safra de 2003, embora exista sazonalidade no volume produtivo de castanhas geralmente estes valores não são superiores a 10% pela média de oscilações entre safras.

Figura 28 – Gráfico da Produção Brasil x Rondônia 2003 - 2013

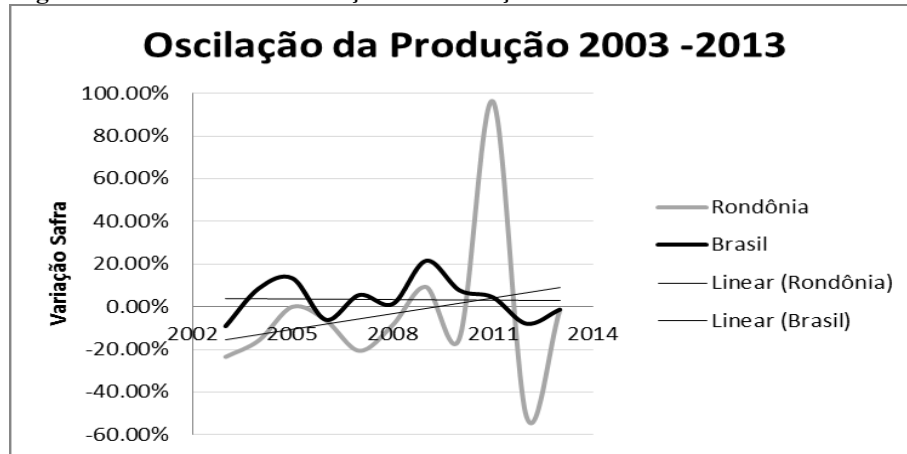


Fonte: IBGE.

Na Figura 29 os comportamentos similares desenvolvidos pelos elementos nos períodos 2003 a 2005 e 2009 afetam as duas séries (Rondônia e Brasil), de igual modo deixando evidente a influência econômica no aumento de produção. Permitindo assegurar que a melhor safra em Rondônia proporcionou incremento na colheita da castanha no Brasil. O movimento atípico registrado no gráfico em relação à atividade produtiva em Rondônia em 2011 não causou reflexo com a mesma intensidade na série alusiva à produção nacional, mas

a queda dela apontada em 2012, na série Rondônia, reflete o declive na ordem da safra do Brasil. A tendência média demonstra a atividade na produção da Castanha-da-Amazônia do Estado de Rondônia, enquanto a tendência linear descreve um comportamento equilibrado bem próximo dos 3,48% para a produção nacional.

Figura 29 – Gráfico da Oscilação da Produção 2003 - 2013



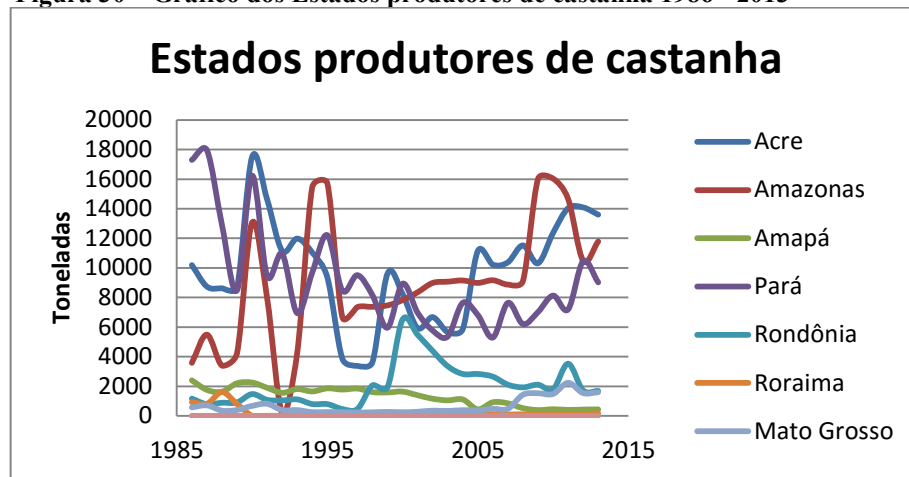
Fonte: IBGE.

A partir das Figuras 30 a 33 encontra-se registrada a safra nacional de Castanha-da-Amazônia considerando a participação de cada Unidade da Federação Brasileira responsável pela produção de castanha. Nos dados estudados existe no ano de 1999 o registro de cinco toneladas de castanha associada ao Estado de Minas Gerais, este fenômeno não é repetido em outro período, vale ressaltar que não existe cultivo de *Bertholletia excelsa* na unidade da federação em questão. A nota permite realizar comparações entre os Estados que possuem castanhais incluindo Rondônia.

4.1.3 Demonstração da produção de castanha por Estado Produtor

No Gráfico dos Estados Produtores de Castanha 1986-2013 indicado pela Figura 30, os Estados do Pará e Acre na safra de 1986 apresentam produções superiores a 10.000 toneladas, nos demais Estados as cargas não superam a 4.000 toneladas. O Estado do Amazonas sempre se mantém entre os três Estados com maior volume de produção de castanha. No período de 1992 até 1997, o Estado de Roraima deixa de apresentar resultados de produção. Somente após o ano de 1998 é retomado o registro de produção; entretanto, os valores representam 7,77% da média aritmética das produções anteriores. O Estado de Rondônia desenvolve avanço em sua resposta produtiva a partir da safra de 1998, ele sai de sexto para o quarto lugar no posicionamento nacional.

Figura 30 – Gráfico dos Estados produtores de castanha 1986 - 2013

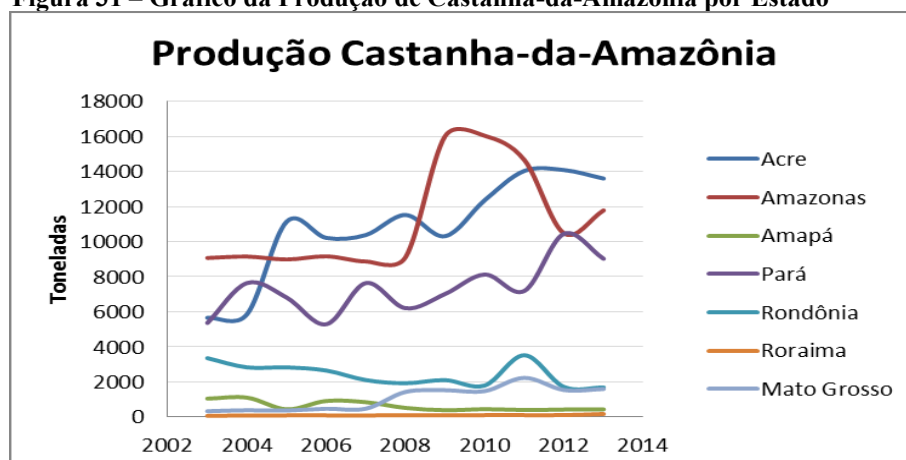


Fonte: IBGE

Na Figura 31 expressa o resultado de produção por unidade da federação para os interstícios de 2003 a 2013. Vale observar que em 2003 os Estados do Acre e do Pará desempenharam resultado 50% superior na safra de Castanha-da-Amazônia em relação a Rondônia; mas no intervalo o Pará e o Acre mantiveram seu desempenho produtivo elevado, enquanto Rondônia indica decadência.

O destaque fica para os Estados do Acre, Amazonas e Pará, que são os três maiores produtores da castanha, conjuntamente apresentam excelentes volumes da Castanha-da-Amazônia correspondendo a 84,75% da safra total, os outros 15,25% restantes são divididos entre os Estados de Rondônia, Amapá, Mato Grosso e Roraima. Percebe-se nas Figuras 31 e 33 semelhança entre as linhas dos gráficos, isso indica que os elementos são correspondentes, logo, a participação está relacionada à quantidade de produto e não ao valor de produto.

Figura 31 – Gráfico da Produção de Castanha-da-Amazônia por Estado

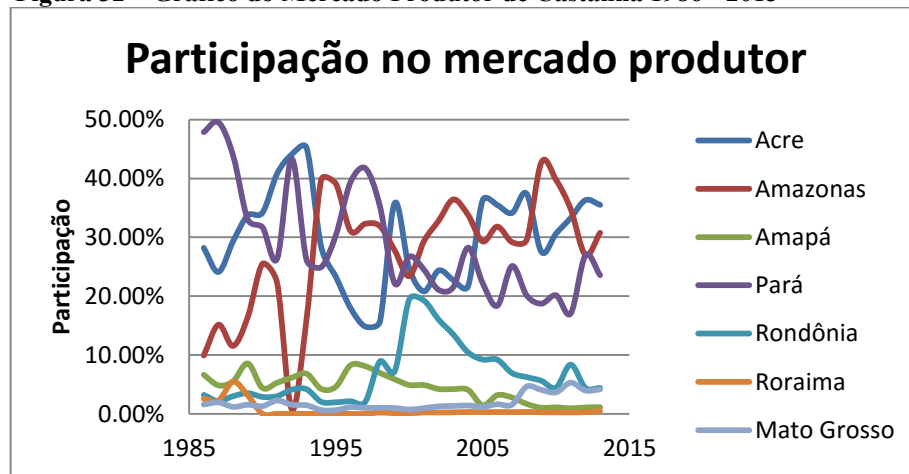


Fonte: IBGE.

Todos os Estados produtores de Castanha-da-Amazônia estão localizados na Região Norte do Brasil e são pertencentes ao Bioma Amazônico. O processo exploratório desses castanhais não está relacionado ao tamanho territorial e sim ao aproveitamento e configuração adequada da cadeia produtiva. Na Figura 32 está descrita a participação no mercado produtor no Brasil, o Estado do Pará já foi responsável por 49,54% da produção nacional de castanha em 1987.

Na safra de 1992 o Amazonas apresenta resultado produtivo inferior ao de Mato Grosso, mas nas safras seguintes o Amazonas se reposiciona novamente entre os três principais produtores e mantendo participação em torno de 32,80% como na safra de 2002, a média aritmética da participação do Estado do Amazonas é de 27,51%.

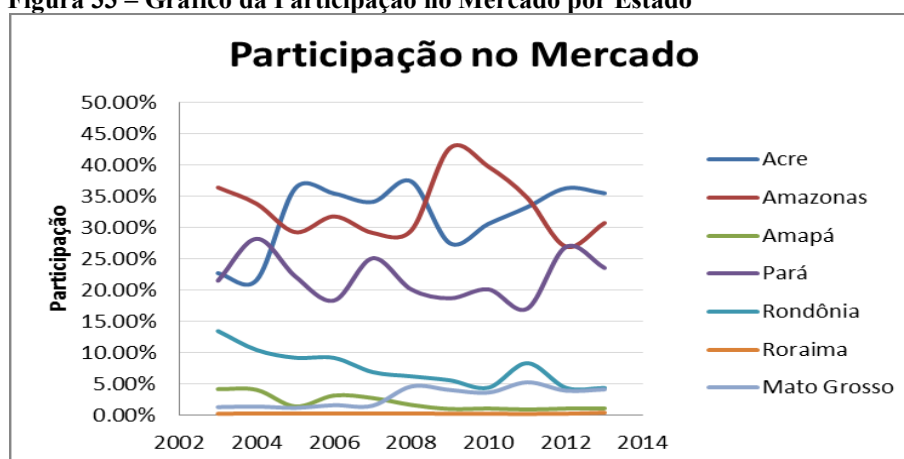
Figura 32 – Gráfico do Mercado Produtor de Castanha 1986 - 2013



Fonte: IBGE

O Gráfico de participação no mercado compreende o período de 2003 a 2013 representado na Figura 33. De acordo com os dados contidos na Figura 33, nos últimos 11 anos, é notório as novas redefinições, a saber: o Acre deixa o segundo lugar para assumir a liderança com 35,51% do mercado; o Amazonas perde a liderança e se reposiciona em segundo colocado detendo 30,77% do mercado no ano de 2013; o Pará mantém-se em terceiro assumindo 23,56% da produção; o Amapá perde e reduz sua capacidade de produção em 72,92%; Roraima amplia sua produção em 66%, neste mesmo sentido e o Mato Grosso melhora sua eficiência produtiva em 311,19%; Rondônia diminui seu processo extrativo da castanha em 67,28%, no decorrer dos últimos 11 anos. Os melhores anos de produção da Castanha-da-Amazônia em Rondônia foram durante as safras de 2000 a 2004. No ano 2000 o resultado correspondeu a 19,47% do volume nacional, já na safra de 2004 a participação foi de 10,46% no mercado produtor de castanha no Brasil.

Figura 33 – Gráfico da Participação no Mercado por Estado



Fonte: IBGE.

Foi apresentada nos gráficos representados pelas Figuras 26, 30 a 33 a produção extrativa da Castanha-da-Amazônia, nelas fica evidente a diminuição do volume de castanha extraída no Estado de Rondônia. A Tabela 4 descreve resumidamente os conteúdos das Figuras 30 a 33, porém ao mesmo tempo não são apresentados resultados numéricos em relação ao volume da produção ou faixa percentual de participação. Apenas se faz uma exposição simples do posicionamento direto identificando os Estados produtores de castanha durante as safras de 1986, 1995, 2004 e 2013. Na safra de 1995 ocorre a participação de somente seis Estados. O Estado de Roraima não apresenta resultado produtivo durante cinco anos consecutivos, entre os anos de 1992 a 1997. Roraima recomeça a produção de castanha em 1998, mas se mantém em último colocado participando com apenas 0,27% da produção nacional.

Tabela 4 – Posicionamento

Posição	Safra 1986	Safra 1995	Safra 2004	Safra 2013
1º	Pará	Amazonas	Amazonas	Acre
2º	Acre	Pará	Pará	Amazonas
3º	Amazonas	Acre	Acre	Pará
4º	Amapá	Amapá	Rondônia	Rondônia
5º	Rondônia	Rondônia	Amapá	Mato Grosso
6º	Roraima	Mato Grosso	Mato Grosso	Amapá
7º	Mato Grosso		Roraima	Roraima

Fonte: Dados da Pesquisa

Como a produção da Castanha-da-Amazônia no Estado de Rondônia foi comparada com a safra das demais unidades federativas produtoras, agora se pode iniciar a identificação dos municípios produtores em Rondônia. Assim, necessita-se de melhor refinamento dessa informação, destarte, realiza-se o levantamento por cidade produtora no Estado, chegando ao resultado na Tabela 5. Os seis maiores municípios produtores corresponde a 96,44% da

participação da cadeia do estado, as outras 28 cidades correspondem a 3,56% do volume de produção do estado.

Tabela 5– Participação no Mercado Regional

Município	Participação
Porto Velho	73,16%
Guajará-Mirim	15,78%
São Francisco do Guaporé	2,48%
Costa Marques	1,98%
Nova Mamoré	1,57%
Ji-Paraná	1,47%

Fonte: IBGE, adaptado pelo autor.

Dos 52 municípios que compõem o Estado de Rondônia somente 42 já produziram ou estão produzindo castanhas. Entre 1986 até 2002 foram 36 cidade produtoras de castanha, já no período de 2003 até 2013 registra-se apenas 32 cidades participantes do mercado interno do Estado de Rondônia.

Figura 34 – Castanheira no limpo



Fonte: Dados da Pesquisa.

É impressionante constatar que no interim de 2010 a 2013 mais de vinte cidades deixaram de apresenta registro de produção, são elas: Buritis, Campo Novo de Rondônia, Alto Paraiso, Ariquemes, Cacaulândia, Vale do Anari, Governador Jorge Teixeira, Jaru, Theobroma, Alvorada d'Oeste, Ministro Andreaza, Novo Horizonte d'Oeste, Rolim de Moura, Pimenta Bueno, Cerejeiras, Colorado d'Oeste, Santa Luzia d'Oeste, Primavera de Rondônia e Cujubim. Vale ressaltar que o resultado da safra 2014 ainda não se encontra disponível pelos órgãos oficiais.

Porém, durante as atividades de estudo de campos foi constatado produção em Alvorada d'Oeste de 14 toneladas informada pelo C001, que foram comercializadas para o

Estado do Mato Grosso e o mesmo volume foi garantido no ano anterior. Na cidade de Buritis foi observada carga de castanha estocada. O entrevistado C002 informou que o volume tem caído, mesmo assim ainda conseguiu negociar 7 toneladas em 2015, em 2014 foram 12 toneladas, mas já chegou a negociar 35 toneladas na safra de 2008.

O avanço da agricultura de extensão e da pecuária vem provocando a diminuição dos castanhais, mesmo quando deixam a castanheira em região de pastagem ou “área limpa”. A Figura 53 retrata o cenário expresso pelos 90,24% dos entrevistados que afirmaram “*elas não produzem mais*”, pois não acontece a necessária polinização.

Foi atestada por 12,69% dos participantes da pesquisa a existência de corte da Castanha-da-Amazônia (chamada também de Castanheira ou Cedro Bola) para construção de mourões, régua de curral, ponte, terça de construção e até mesmo construção de residência na zona rural. Vale informar que o preço praticado é entre R\$2.000,00 a R\$3.000,00 por árvore. “*Trata-se de serviço rápido e dinheiro garantido dá menos trabalho do que quebra do ouriço, o pessoal não tem consciência do crime que estão cometendo*”, nas palavras do entrevistado C019.

Figura 35 – Carga de Castanha-da-Amazônia em trânsito para a exportação



Fonte: Dados da Pesquisa.

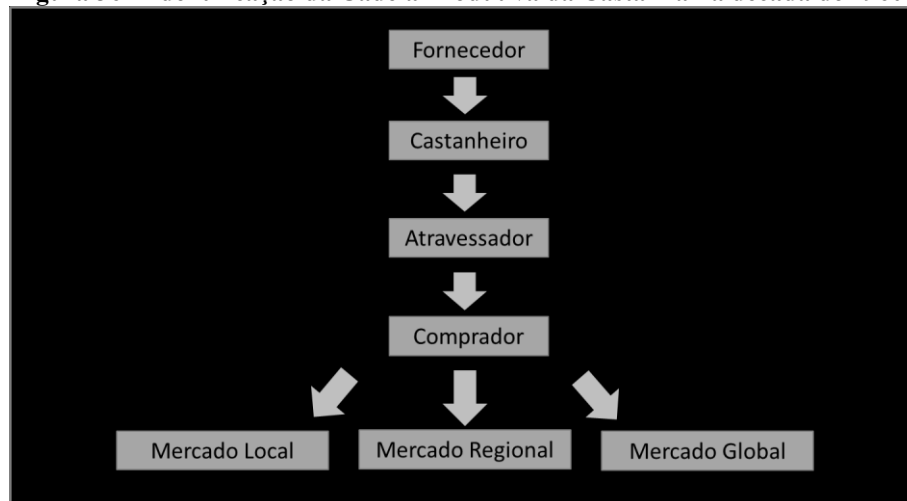
Além das cargas transportadas pelas embarcações, o outro meio muito utilizado para atender a exportação é o transporte rodoviário. Na Figura 35, contém o registro da carga de mais de 30 toneladas ou 425 sacos de 72 kg, com destino às cidades de Riberalta e Cochabamba, na Bolívia.

4.2 Identificação dos segmentos da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia em Rondônia - Brasil

As descrições tratadas na Figura 36 e Figura 37 referem-se aos achados oriundos das pesquisas teóricas sustentadas através do referencial teórico e empírico, já discutido no capítulo dois desta dissertação, seguido pela apropriação dos conceitos conjuntamente com a filtragem dos dados colhidos no estudo de campo.

Iniciou-se a configuração tomando por base inicial o consumidor final, assim, tem-se o esboço conforme Figura 36 sem conceder tratamento, ou seja, aponta a existência dos elos principais, cuja a existência exige a necessária sub-existência de outros elementos que possuam a função de agregadores do conjunto.

Figura 36 – Identificação da Cadeia Produtiva da Castanha na década de 1960



Fonte: Dados da Pesquisa.

Discutindo de maneira direta observa-se a presença de cinco níveis hierárquicos. No topo encontra-se o fornecedor de insumo que desenvolve papel ímpar na exploração dos castanhais. Além disso, eles podem ser o fornecedor de gêneros alimentícios, instrumentos de trabalhos por meio de aviamento de mercadoria ou de adiantamento de parte da safra. O castanheiro descrito na Figura 37 é o agente responsável por entrar na floresta e nos piques em busca de castanha. A primeira etapa do processo é providenciar o amontoamento dos ouriços e prover a quebra utilizando instrumento de corte (facão, terçado ou machadinha), juntar as sementes, castanha, em sacos ou balaies e retirar da trilha e depositar na beira de uma vicinal ou na beira do igarapé.

Às vezes a retirada da carga de castanha da beira do igarapé, rio e da estrada fica por conta do comprador. É interessante destacar que o atravessador e o comprador em muitos momentos são confundidos, mas suas participações são distintas. Em grande parte das

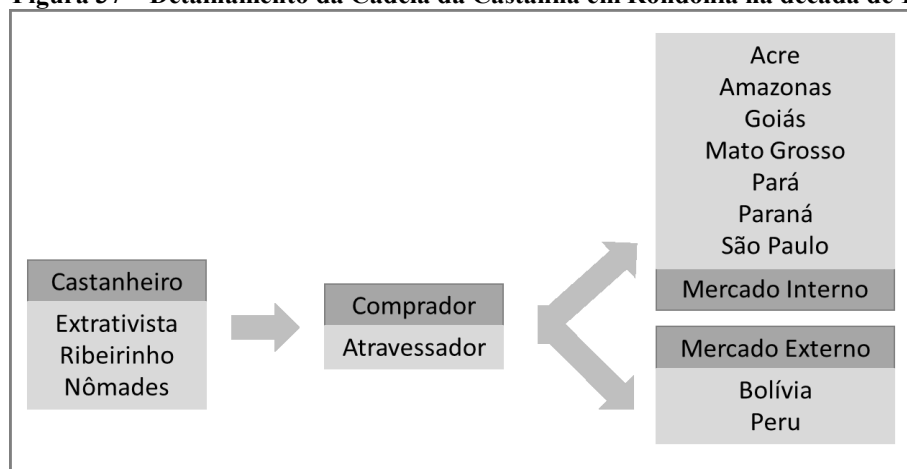
observações realizadas na atividade de campo foi possível constatar que o atravessador é o mesmo comprador local, ele atua como agente concentrador de estoque para o comprador. O primeiro tratamento aplicado à castanha ocorre nessa fase, em que o atravessador recebe a carga de castanha do extrativista, depois a deposita para secagem e limpeza das grandes impurezas, como pedaços de ouriços, materiais diversos. Ao longo desta etapa, também é feita a seleção, por conseguinte são separadas as sementes impróprias para o comércio.

O atravessador recebe adiantamento de parte da encomenda para garantir a compra junto aos extrativistas, o valor que ele recebe nesta participação não é inferior a 10% do valor de mercado da lata de castanha. O comprador compra em quantidade superior a 500 latas de castanha *in natura*. É ele quem possui o contato direto com as indústrias beneficiadoras e processadoras, quando não as representa. A destinação para a indústria de beneficiamento, indústria de processamento e para exportação passa a ser a função do comprador.

Dentre os compradores pode-se subclassificá-los em: Institucional, Empresarial e Oportunista. O primeiro é representado pelas associações de extrativistas e cooperativas, já para o segundo grupo lida como os compradores que já possuem contratos com as indústrias, compradores esses que são representantes informais de outras organizações e, por último, os compradores investidores, são aqueles que investem na compra aguardando o melhor preço.

O Mercado Interno trata-se do formato negocial utilizado pelos compradores de outros centros atacadistas como: Acre, Amazonas, Goiás, Mato Grosso, Pará, Paraná e São Paulo. O comprador adquire a Castanha-da-Amazônia em Rondônia para atender à demanda do mercado nacional. A castanha é fornecida em casca e o principal período de compra é o mês de dezembro devido às festas natalinas.

Figura 37 – Detalhamento da Cadeia da Castanha em Rondônia na década de 1960



Fonte: Dados da Pesquisa

Assim, em conformidade com a Figura 37, pode-se afirmar a existência de três mercados distintos, a saber: o mercado local encarregado de suprir os usuários finais locais com os produtos típicos da região, esse consumidor compra a castanha na forma como o produto vem da floresta, o volume é negociado por quilograma. O padrão lata é utilizado somente entre o extrativista e o atravessador e com alguns compradores, boas partes dos compradores negociam o produto em quilogramas. Esta mudança no padrão de medida ocorre devido ao seu comprador (indústria ou exportação) somente realizar negócios nestas novas especificações.

Outro mercado, que denominamos de regional, designa as operações ocorridas dentro do mesmo espaço geográfico que compõe o Estado de Rondônia, tratamento para ser absorvido internamente ou destinado a outros Estados no Território Nacional. Neste aspecto encontram-se as empresas tratadas no subcapítulo 4.2.3, que agregam novo elo na construção da cadeia produtiva, por consequência são elas as responsáveis por atribuir a demanda do mercado consumidor regional.

Ainda há o mercado consumidor global como um modelo pelo qual as produções são destinadas para a exportação conforme as Tabelas 8 a 11. Este segmento da cadeia produtiva necessita de *expertise* de forma a ser capaz de atender às exigências das agências de controle. O produto recebe um tratamento refinado, nesta fase o produto já foi lavado, secado, desidratado, descascado e acondicionado em embalagens que atendem aos padrões internacionais de boas práticas de manuseio de alimentos perecíveis. Este estágio está contemplado com o máximo de valor agregado possível, seja ele tecnológico ou mesmo estratégico por parte da organização.

4.2.1 Estados Produtores de Castanha-da-Amazônia e suas Produções

As Unidades da Federação pertencentes ao Bioma Amazônico são produtoras de Castanha-da-Amazônia, exceto os Estados de Tocantins e Maranhão. O Acre é na média o maior produtor tomando a liderança do Amazonas sem levar em conta a extensão geográfica de ambos, conforme descrito na Tabela 6. Ocorreu queda na produção coletada de castanha na ordem de 9,11% em relação aos últimos dois anos de colheita.

Os Estados do Amapá e Roraima estão conseguindo aumentar o seu volume de coleta do produto no patamar de 10% e 68% respectivamente. Rondônia vem demonstrando queda significativa na sua capacidade de produção extrativa da Castanha-da-Amazônia, embora hoje seja oferecido melhor preço tanto pelos compradores quanto pelas indústrias beneficiadoras – estas com o objetivo de atender aos contratos de exportação.

Tabela 6 – Produção coletada de Castanha-da-Amazônia em Toneladas

Estado	Safra 2011	%	Safra 2012	%	Safra 2013	%
Acre	14.035	33,30	14.088	36,30	13.599	35,50
Amazonas	14.661	34,78	10.478	27,00	11.785	30,76
Pará	7.192	17,06	10.449	26,93	9.023	23,56
Rondônia	3.523	8,36	1.715	4,42	1.689	4,41
Mato Grosso	2.234	5,30	1.538	3,96	1.596	4,17
Amapá	401	0,95	426	1,10	438	1,14
Roraima	105	0,25	112	0,29	171	0,46
Total	42.151	100,00	38.806	100,00	38.301	100,00

Fonte: IBGE, adaptado pelo autor.

4.2.2 Indústrias de Processamento e Beneficiamento da Castanha em Rondônia

Em Rondônia são poucas as empresas que lidam diretamente com a comercialização, beneficiamento e processamento da Castanha-da-Amazônia. O posicionamento destes atores responsáveis pelo processamento e beneficiamento da *Bertholleteia excelsa* é fundamental para o desenvolvimento e sustentação da cadeia produtiva da castanha. Em Rondônia, podemos relacionar cinco organizações que tem a castanha como um dos seus elementos de negócio.

A atuação das empresas “Oliveira & Marilac Ltda. – EPP” e “Floresta Produtos Naturais Ltda. – ME” é somente no processo de seleção e beneficiamento da castanha, as organizações ainda não possuem tecnologia para o aproveitamento e criação de novos produtos e subprodutos oriundos da Castanha-da-Amazônia. Contudo ambas as empresas atuam na exploração do mercado atacadista da castanha permitindo a popularização do produto no mercado interno.

As duas indústrias de sorvete, “Telma Q. Coutinho - Indústria e Comércio de Sorvetes Ltda” e “Mega Bom Indústria e Comércio de Sorvetes Ltda.” embora realizem o processamento da castanha como insumo do seu produto final, elas já adquirem a matéria prima devidamente beneficiada – descascada. Embora que a quantidade consumida de castanha seja significativa elas atuam no próximo segmento da cadeia produtiva após o beneficiamento.

Vale ressaltar que somente a empresa “Inovam Brasil Importação e Exportação Ltda. – ME”, com sede em Ji-Paraná, realmente realiza o processamento e transformação da Castanha-da-Amazônia em outros produtos e subprodutos. A “Inovam” merece destaque dentre as empresas já tratadas até aqui, devido sua preocupação em garantir os procedimentos dos órgãos fiscalizadores que concede a certificação para exportação. A certificação do Ministério da Agricultura para comercializar no mercado interno nacional, no comércio exterior para exportação; e comércio exportador para a União Europeia.

Tabela 7 – Principais atores em Rondônia

Organização	Histórico
Telma Q. Coutinho - Indústria e Comércio de Sorvetes Ltda	opera com o nome fantasia Sorvetes Dullin, empresa criada em 1975 no município de Porto Velho/RO e possui filial no Estado do Acre, sua gestão é familiar. Indústria do setor alimentício de sorvetes, somente nos últimos cinco anos lançou uma linha de sorvete a base de castanha do Pará. A marca está distribuída no Estado de Rondônia e Acre por meio das redes de supermercados e do canal de distribuição desenvolvido pela Dullin junto às farmácias, padarias, sorveterias, lojas de conveniências e pequenos comércios
Oliveira & Marilac Ltda. - EPP	Empresa de gestão familiar, criada no ano de 1999 e sediada no município de Ji-Paraná/RO. Na atualidade conhecida pelo nome fantasia Castanha Rondônia, iniciou suas atividades mercantis sob o nome fantasia Maquina Marília e posteriormente adotou sob o nome fantasia Cerealista Uberabão. A empresa desenvolve se nicho de mercado na comercialização de cereais em grãos em geral incluindo a castanha <i>in natura</i> , que ainda é o capital principal da entidade. A organização modernizou-se em 2010 implantando novo seguimento de castanha processada e desidratada embalada a vácuo, inteiras, quebradas, fatiadas ou trituradas. O seu abastecimento é distribuído em 60%, 30% e 10% originários dos Estados de Rondônia, Acre e Mato Grosso respectivamente, a capacidade de operação é entre 15 a 30 toneladas de castanha beneficiadas, o produto está disponível nas redes de supermercados na capital e no interior de Rondônia.
Floresta Produtos Naturais Ltda. – ME	Fundada no município de Ariquemes/RO no ano de 2003, trabalha como o nome fantasia Produtos da Amazônia. O produto Castanha-da-Amazônia é apresentado embalado a vácuo e desidratada inteiras ou quebradas, utiliza como canal de distribuição redes de supermercados em todo o Estado de Rondônia.
Inovam Brasil Importação e Exportação Ltda. – ME	Atua com o nome fantasia Inovam Brasil, foi criada em 2004 no município de Ji-Paraná sob a razão social Da Lamarta e Cia Ltda. ME. Atua na venda de castanha desidratada embalada a vácuo, inteiras, quebradas, fatiadas ou trituradas, castanha de caju, pistache, sementes de abóbora, amêndoas, amendoim, gordura vegetal e óleos vegetais essenciais brutos, para aplicação no seguimento alimentício, farmacêutico e cosmético. Os produtos são distribuídos por meio de representantes comerciais, que atuam nos Estados de Minas Gerais, São Paulo, Goiás e Paraná. Ela é a única empresa do Estado de Rondônia com cadastro de exportadores no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, para promover a exportação da Castanha-da-Amazônia para a União Europeia.
Mega Bom Indústria e Comércio de Sorvetes Ltda.	fundada no ano de 2007 na cidade de Cacoal/RO com o nome fantasia Sorveteria Mega Bom. A empresa criou uma linha de soverte de castanha comercializada em potes de 2 litros, seus produtos são facilmente encontrados nas redes de supermercados, padarias, lojas de conveniência.

Fonte: Dados da Pesquisa

Das empresas aqui listadas, foi consultada sua razão social na base de dados da Receita Federal do Brasil, utilizando como elemento de busca o CNPJ informado nas embalagens dos produtos comercializados pelas respectivas marcas.

4.2.3 Mercado Interno

A determinação do comportamento no mercado interno da cadeia produtiva da castanha é estabelecida por influência do mercado externo. É relevante conhecer os atores listados na Tabela 8. São somente aqueles devidamente registrados junto ao Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento, embora existam outros atores que participam e interagem na cadeia, mas não possuem seu registro oficializado dentro das normativas de controle da *aflatoxina* e seus contaminantes.

Tabela 8 – Cadastro dos atores do Mercado interno da Castanha

Tipo	Razão Social / Nome Fantasia	Localidade	Fundação
Indústria	CIEX comércio Indústria e Exportação Ltda. / CIEX Ltda.	Manaus/AM	1966
Indústria	Caiba Indústria e Comércio S.A / Usina Caiba	Óbidos/PA	1966
Indústria	CIEX Comércio Indústria e Exportação Ltda. / Usina Americana	Manaus/AM	1966
Produtor	Agropecuária Aruanã S.A / Fazenda Aruanã	Itacoatiara/AM	1971
Indústria	Agtal a Guedes Torrefação de Amendoim Ltda.	Rio de Janeiro/RJ	1972
Indústria	Mundial exportadora Comercial Ltda. – EPP	Óbidos/PA	1987
Indústria	Exportadora Florezano Ltda. / Grupo Florezano	Oriximiná/PA	1988
Indústria	Jorge Mutran Exportadora de Castanha Ltda. – ME	Belém/PA	1989
Indústria	Carino Ingredientes Ltda. I	Marília/SP	1993
Indústria	Manibom Alimentos Ltda. I / Maribom	Marília/SP	1997
Indústria	Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Estado do Acre Ltda. / COOPEACRE	Rio Branco/AC	2001
Indústria	Simonini Indústria e Comércio de Produtos Alimentícios Ltda.	Alumínio/SP	2001
Comércio	Realizar Alliance Comércio, Importação e Exportação Ltda.	Ribeirão Preto/SP	2003
Indústria	J. L. A. Felício Importação e Exportação – ME/ OLAM – Óleos da Amazônia	Rio Branco/AC	2003
Indústria	Inovam Brasil Importação e exportação Ltda. ME / Inovam Brasil	Ji-Paraná/RO	2004
Indústria	Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Estado do Acre Ltda. / COOPEACRE Filial 1	Brasileia/AC	2006
Indústria	Caia do Brasil Ltda.– ME	Iporá/GO	2006
Indústria	Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Estado do Acre Ltda. / COOPEACRE Filial 2	Rio Branco/AC	2008
Indústria	Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Estado do Acre Ltda. / COOPEACRE Filial 3	Xapuri/AC	2009
Indústria	Econut Comércio de Produtos Naturais Ltda. - EPP	Itacoatiara/AM	2010
Indústria	V. M Nutbras Importação, Exportação e Comércio Atacadista de Produtos Alimentícios Ltda./ V. M. Nutbras	Oriximiná/PA	2013
Indústria	Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Estado do Acre Ltda. / COOPEACRE Filial 4	Sena Madureira/AC	2013
Indústria	RAP – Indústria e Comércio de Alimentos Ltda. Filial.	Óbidos/PA	2014

Fonte: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, adaptado pelo autor.

Há participação incontestavelmente de empresas atacadistas na capitalização da distribuição da Castanha-da-Amazônia junto às redes de supermercados, indústrias de processamentos de castanha, rede de lojas de conveniência, indústria de sorvetes, indústria de higiene pessoal e incluindo indústria de cosméticos. O produto principal é a castanha beneficiada ou com algum tipo de manufatura para atender às especificidades do mercado consumidor.

A predominância das empresas localizadas na Região Norte é de 75% e os outros 25% são sediada na Região Sudeste do país, observa-se que 35 % das empresas foram constituídas nos últimos 10 anos, já 45 % foram criadas a mais de dezoito anos. Nota-se que 25 % dos atores é controlada por uma única organização. A RAP – Indústria e Comércio de Alimentos Ltda., possui sua matriz na cidade de São Paulo, que foi fundada em 1999. Ela constitui(u?) sua filial em Óbidos / PA em 2014, consolidando seu posicionamento econômico. Empresa vinculada à Mundial Exportadora comercial Ltda., com sede em Óbidos / PA desde 1987. Aruanã e Econut pertencem ao mesmo grupo empresarial.

4.2.4 Empresas Exportadoras

Conforme afirma Araújo, Peralta, *et. al.* (2010) o mercado dos gêneros alimentícios, em função de sua sazonalidade conduz para o mercado temporal, por isso é também considerado oligopólio devido às barreiras existentes para o ingresso de novos agentes exploradores ou mesmo investidores.

Tabela 9 – Exportação Brasil - Bolívia

Brasil - Razão Social / Nome Fantasia / Criação	Bolívia - Razão Social / Nome Fantasia / Local
J.C. Garrido Limpas Imp. Exp. – ME J. S. Imp. Exp. / 2011	Procesadora Boliviana de Alimentos PROBAL / Cochabamba
J. Fernandes Neto – ME J. F. Neto / 1980	Beneficiadora de Almendras Urkupiña S.R.L. Urkupiña / Ribeiralta
W. V. da Cunha Importação e Exportação Agroguajará / 2010	Beneficiadora de Almendras Urkupiña S.R.L. Urkupiña / Ribeiralta
Cassimiro José Carreiro Filho Imp. e Exp. – ME1997	Não Identificado

Fonte: Dados da Pesquisa.

Em Guajará-Mirim existem apenas quatro empresas exportadoras que mantêm relação comercial com a Bolívia, conforme consta na Tabela 9. O principal produto é a Castanha-da-Amazônia *in natura*, não é utilizado nenhum recurso tecnológico. As organizações em questão possuem registro junto à unidade de Divisão de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – responsável pela fiscalização e emissão da certidão fitossanitária –, que fica localizada nas proximidades do porto oficial de Guajará-

Mirim. Nesta etapa de comercialização a castanha é somente acondicionada em sacos com capacidade de 72 quilogramas para atender às exigências do comprador das cidades bolivianas de Cochabamba e Riberalta.

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, através da Instrução Normativa nº 66 de 16/09/2003, na qual estabelece diretrizes no que se refere ao controle sobre contaminantes por *aflotoxinas* e outros patógenos que possam estar presente na Castanha-da-Amazônia. Desse modo, são descritas em três tabelas: uma contendo os cadastros dos participantes do mercado interno vide Tabela 8; a outra com dados referentes aos exportadores em geral, conforme descrito na Tabela 11; e ainda aquela que relaciona os exportadores exclusivos para atender a União Europeia com está categorizado na Tabela 10.

O mercado comum europeu é o mais seletivo e exigente, pois para que as empresas possam atender a este mercado necessitam cumprir todas as exigências fitossanitárias, as leis sanitárias de alimentos, e as leis de segurança de alimentos, e as exigências específicas do país importador. As empresas exportadoras além de atender às exigências do MAPA, devem ainda necessariamente responder eficazmente à política da União Europeia de proteção à saúde por toda a extensão da cadeia produtiva agroalimentar. Primordialmente se comprometendo a fornecer alimentos seguros e nutritivos para consumo humano, garantir de maneira excelente a sustentação das plantas, apresentar em suas embalagens esclarecimentos acertados sobre o produto e sua origem.

Tabela 10 – Cadastro dos Exportadores de Castanha para a União Europeia

Tipo	Razão Social / Nome Fantasia	Localidade	Fundação
Indústria	CIEX Comércio Indústria e Exportação Ltda. / Usina Americana	Manaus/AM	1966
Indústria	Caiba Indústria e Comércio S.A / Usina Caiba	Óbidos/PA	1966
Indústria	Mundial Exportadora Comercial Ltda. – EPP	Óbidos/PA	1987
Indústria	Exportadora Florezano Ltda. / Grupo Florezano	Oriximiná/PA	1988
Indústria	Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Estado do Acre Ltda. / COOPEACRE	Rio Branco/AC	2001
Indústria	Inovam Brasil Importação e exportação Ltda. ME / Inovam Brasil	Ji-Paraná/RO	2004
Indústria	Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Estado do Acre Ltda. / COOPEACRE Filial 1	Brasileia/AC	2006
Indústria	Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Estado do Acre Ltda. / COOPEACRE Filial 3	Xapuri/AC	2009
Indústria	V. M Nutbras Importação, Exportação e Comércio Atacadista de Produtos Alimentícios Ltda./ V. M. Nutbras	Oriximiná/PA	2013
Indústria	RAP – Indústria e Comércio de Alimentos Ltda. Filial	Óbidos/PA	2014

Fonte: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, adaptado pelo autor.

Comparando as Tabela 10 e Tabela 11, fica evidente o grau de exigência na promoção de exportação para a União Europeia, mas também permite observar a presença de 40% de

exportadores com foco em explorar outros mercados. Vale dizer é relevante evocar que o mercado mundial de castanha e amêndoas são concentrados no Velho Continente.

Tabela 11 – Cadastro de Exportadores da Castanha

Tipo	Razão Social / Nome Fantasia	Localidade	Fundação
Indústria	CIEX comércio Indústria e Exportação Ltda. / CIEX Ltda.	Manaus/AM	1966
Indústria	CIEX Comércio Indústria e Exportação Ltda. / Usina Americana	Manaus/AM	1966
Indústria	Caiba Indústria e Comércio S.A / Usina Caiba	Óbidos/PA	1966
Indústria	Agtal a Guedes Torrefação de Amendoim Ltda.	Rio de Janeiro/RJ	1972
Indústria	Mundial exportadora Comercial Ltda. – EPP	Óbidos/PA	1987
Indústria	Exportadora Florezano Ltda. / Grupo Florezano	Oriximiná/PA	1988
Indústria	Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Estado do Acre Ltda. / COOPEACRE	Rio Branco/AC	2001
Comércio	Realizar Alliance Comércio, Importação e Exportação Ltda.	Ribeirão Preto/SP	2003
Indústria	Inovam Brasil Importação e exportação Ltda. ME / Inovam Brasil	Ji-Paraná/RO	2004
Indústria	Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Estado do Acre Ltda. / COOPEACRE Filial 1	Brasileia/AC	2006
Indústria	Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Estado do Acre Ltda. / COOPEACRE Filial 3	Xapuri/AC	2009
Indústria	Econut Comércio de Produtos Naturais Ltda. - EPP	Itacoatiara/AM	2010
Indústria	V. M Nutbras Importação, Exportação e Comércio Atacadista de Produtos Alimentícios Ltda./ V. M. Nutbras	Oriximiná/PA	2013
Indústria	RAP – Indústria e Comércio de Alimentos Ltda. Filial	Óbidos/PA	2014

Fonte: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, adaptado pelo autor.

4.2.5 Panorama do Mercado da Castanha-da-Amazônia

Como tratado por Embrapa (2004) ainda são poucos os estudos quanto ao dimensionamento do negócio agroambiental da Castanha-da-Amazônia. Grandes partes da produção das castanhas ainda são oriundas do processo de extrativismo, pois são poucas as produções em escala comercial. A maior parte da colheita tem seu destino certo à exportação. No mercado mundial o Brasil detém 3/4 do segmento correspondendo a 26.000 toneladas de Castanha-do-Brasil, somando a produção dos Estados do Acre, Amazonas e Pará.

No contexto abordado por Pennacchio (2013), a partir de 1995 a Bolívia passou a superar produção brasileira, a saída anual de 10.000 toneladas de castanha para Bolívia ocorre de forma questionável não observando as legislações fiscais e sanitárias. A produção brasileira obedece a dois fluxos: consumo interno (65%) e a exportação (35%). Os compradores externos mais significativos no ano de 2012 foram: Bolívia (*in natura*), Estados Unidos, *Honk Kong*, Europa e Austrália (beneficiada). Promovendo a movimentação de 11.200 toneladas, auferindo U\$ 25,2 milhões acréscimo de 77,5% em relação ao ano de 2011.

Figura 38 – Castanha-da-Amazônia pelo mundo



Fonte: http://www.discoverlife.org/mp/20m?act=make_map

Mediante pesquisa realizada no sitio da Discoverifile está registrada na Figura 38 que a ocorrência de pesquisas envolvendo a *Bertholletia excelsa* ao redor do mundo é pequena se for comparada a outras culturas da flora doméstica como, por exemplo, o café conforme a descrição da Figura 38, seguida da Tabela 11. Com o auxílio da Tabela 12 e Tabela 13, é possível estabelecer novos cenários que estão se construindo no mercado mundial da amêndoa.

A Figura 38 contém em sua descritiva 607 ocorrências em 01/04/2015 envolvendo pesquisas com a Castanha-da-Amazônia. A grande maioria dos estudos está ocorrendo na região endêmica da espécie. Como as pesquisas do *Missouri Botanical Garden em Trinidad & Tobago* nas coordenadas 16.2°N - 61.7°W e 11°N - 61° W, nos Estados Unidos da América nas seguintes localizações 38.583°N - 91.217°W, e 38.61°N - 90.27°W em *Saint Louis City – Missouri*, também nas localizações 47.3° N - 120.8° W e 48.3°N 12.12°W, em Washington – Washington. Já o *Herbarium of The New York Botanical Garden*, apontam as localizações 22.6°N - 83.7°W em *Santa Cruz de los Pinos, Retiro - Pinar del Río – Cuba*, e na China, nas coordenadas 34.5°N – 105°E em Taiwan na Estação Experimental Agrícola de Chiayi. A *Flora of Singapore, Raffles Museum*, na 1.4°N - 103.8°E *Raffles Museum, Nation University of Singapore em Singapura*. O *National Museum of Natural History Smithsonian Institution Botany Collections* juntamente com o *Kew Royal Botanic Gardens, Kew na Malaysia* na coordenadas 1.4°N – 114.3°E, em Singapura.

Tabela 12 – Registro de espécimes

Entidade	Caso
<i>Global Biodiversity Information Facility</i>	275
<i>The New York Botanical Garden - Herbarium</i>	121
<i>Andes to Amazon Biodiversity Program</i>	82
<i>Missouri Botanical Garden</i>	44
<i>Missouri Botanical Garden</i>	42
<i>Instituto de Ciencias Naturales</i>	9
<i>Herbario Amazónico Colombiano</i>	6
<i>Field Museum of Natural History (Botany) Seed Plant Collection</i>	5
<i>Herbarium Berolinense</i>	4
<i>The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München</i>	3
<i>Herbier de la Guyane</i>	3
<i>National Museum of Natural History Smithsonian Institution Botany Collections</i>	3
<i>Kew Royal Botanic Gardens</i>	3
<i>SysTax - Herbaria</i>	1
<i>National Herbarium Nederland</i>	1
<i>Base de dados para la xiloteca del Instituto de Biología de la UNAM</i>	1
<i>Rapid Assessment Program (RAP) Biodiversity Survey Database</i>	1
<i>iNaturalist</i>	1
<i>Phanerogamic Botanical Collections (S)</i>	1
<i>Flora of Singapore, Raffles Museum</i>	1

Fonte: http://www.discoverlife.org/mp/20m?act=make_map. adaptado pelo autor.

Outra organização a *Global Biodiversity Information Facility – Free and Open Access to Biodiversity Data*, sediada em Copenhagem – Dinamarca, dispõe de banco de dados on-line para verificação de ocorrência de espécies. Fazendo uso dessa ferramenta de pesquisa foi possível coletar os seguintes valores descritos na Tabela 12. Nela estão identificadas as regiões de predominância de estudos e museus de espécies através de observação humana. Foram registrados 182 casos quando este levantamento foi desenvolvido em 31/03/2015.

Tabela 13 – Região estudada

Apontamento	Dose
Brasil	53,30%
Bolívia	22,53%
Peru	10,99%
Venezuela	4,95%
Guiana	1,65%
França	1,65%
Guiana Francesa	1,65%
Estados Unidos	1,10%
Suriname	1,10%
Colômbia	0,55%
Gana	0,55%

Fonte: <http://www.gbif.org/>. adaptado pelo autor.

Foram refinadas as informações da Tabela 12 através da construção da Tabela 13, na qual foram distribuídas as principais organizações que desenvolvem pesquisas envolvendo a Castanha-da-Amazônia. O banco de dados consultado é predominantemente de estudos botânicos, mas estudos exitosos de experimentação não foram localizados, isto não é indicio

para desacreditar na possibilidade de novos centros produtores de castanha possam estar surgindo nas próximas décadas.

Tabela 14 – Instituições Pesquisadoras

Instituições	Países
<i>The New York Botanical Garden</i>	New York / USA
<i>Andes to Amazon Biodiversity Program</i>	Lima / Peru – Texas / USA
<i>Missouri Botanical Garden</i>	Missouri / USA
<i>Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia</i>	Manaus / Brasil
<i>Field Museum of Natural History</i>	Chicago / USA
<i>Jardim Botânico do Rio de Janeiro</i>	Rio de Janeiro / Brasil
<i>Botanische Staatssammlung München</i>	München / Alemanha
<i>L'Herbier de Guyane</i>	Cayenne / Guiana Francesa
<i>Kew Royal Botanic Gardens</i>	Surrey / Reino Unido
<i>University of Ghana – Ghana Herbarium</i>	Accra / Gana
<i>Universidad de Antioquia - Herbario</i>	Medellín / Colombia

Fonte: <http://www.gbif.org/>. adaptado pelo autor.

Apenas quatro instituições são responsáveis por 90,96% das pesquisas que envolvem a *Bertholletia excelsa*. O *The New York Botanical Garden*, 50,85% - *Andes to Amazon Biodiversity Program*, 17,51%, é (tá confuso: quem é?) um programa de pesquisa financiada pelo *Botanical Research Institute of Texas* e desenvolvido conjuntamente entre o Peru e o Estados Unidos. O *Missouri Botanical Garden*, 14,12% - Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, 8,47%, as demais instituições são responsáveis por 9,04%.

4.3 Identificação dos *Stakeholders* e as interações existentes na Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia em Rondônia

Dentre o grupo de *stakeholders* os elencados anteriormente são os mais perceptíveis devidos estarem ligados diretamente à organização, doravante será tratado dos outros grupos existentes e que compõem a Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia. Eles são grupos de *stakeholders* que influenciam consideravelmente a cadeia produtiva.

Trata-se das organizações, nesta fração foi obtida apenas uma única entrevista, mas a quantidade apontada não invalida o processo de análise. Os *stakeholders* que são representados pelo governo e seus aparelhos governamentais foram representados em 4,76% das ocorrências. Os órgãos públicos tratados na investigação como *stakeholders* nivelam-se em 11,11%. E por fim o grupo designado como diversos equivale a 20,63% do universo da pesquisa, desse grupo em especial participam vários entes atuantes como *stakeholders externos*.

Média de experiência atuando no mercado da Castanha-da-Amazônia é de 29 anos. O C011 tanto é o mais novo dos entrevistados como também está há apenas três anos envolvido

com a negociação do produto. E os mais experientes são C009, C012, C013 e C10 tendo mais de 60 anos de experiência.

4.4 Comparação da configuração da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia nos últimos 10 anos

Estudos em Elias (2008) explica que a análise das empresas deve ocorrer por dentro da cadeia produtiva à qual ela pertença, com a aplicação de óticas metódicas sobre o estudo da cadeia produtiva, a partir disso observa-se as ligações e ramificações com outras cadeias produtivas. A aceitação da empresa no elo da cadeia produtiva é sempre definida pela comunidade na qual ela está inserida e a sociedade define a importância das organizações.

A fim de estabelecer uma relação causal adequada para a construção da comparação da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia, tomou-se o cuidado de subdividir em três novos elementos, propiciando a elaboração dos desenhos do sistema produtivo. O desdobramento dos recortes temporais garante evitar compor uma visão míope do estudo. O desenvolvimento econômico do Estado de Rondônia sofreu várias transformações seguindo a definição de mesorregião adotada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. É latente o progresso industrial que vem tomando fôlego no leste rondoniense, enquanto a mesorregião Madeira-Mamoré ainda mantém os mesmos traços característicos desde a sua ocupação: a mudança estrutural foi pouco significativa.

4.4.1 Configuração da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia na década de 1960

Antes de iniciar a discussão sobre a configuração da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia, se faz necessário compreender o recorte geográfico no qual atualmente é denominado Estado de Rondônia. Anteriormente já recebeu outras duas denominações. Inicialmente através do Decreto Lei nº 5.812 de 13/09/1943 foi criado o Território Federal do Guaporé, desmembrando parte do Estado do Amazonas e Mato Grosso. O território foi dividido e constituído por apenas duas cidades apenas, Porto Velho, a capital, e a cidade de Guajará-Mirim, de acordo com a Figura 39. Porto Velho e Guajará-Mirim são os dois municípios mais antigos do Território federal do Guaporé, do Território Federal de Rondônia e do Estado de Rondônia.

A necessidade de manter o povoamento da Região Norte do Brasil, respeitando os inúmeros aglomerados de ocupações populacionais ocorridos após a distribuição dos cabos de telégrafos. Assim, em 1956 o Governo Federal renomeia o Território Federal do Guaporé em Território Federal de Rondônia, conjuntamente com a nova nomenclatura também são criados os municípios de Vilhena, Pimenta Bueno, Cacoal, Ji-Paraná e Ariquemes. As constituições

destes municípios, representada na Figura 39, ocorrem com os desmembramentos do espaço territorial do município de Porto Velho e Guajará-Mirim.

Figura 39 – Mapa do Território Federal do Guaporé



Fonte: IBGE, 2002.

A extração da castanha do meio da floresta ainda é realizada pelos seringueiros, o apanhador embrenhava nos seringais para extrair o látex. E durante o trabalho no pique ele já providenciava o amontoamento dos ouriços, depois providenciava o corte para tirar as castanhas. A coleta da castanha torna-se uma renda extra a ser negociada com o seringalista ou patrão como é conhecido o dono da colocação do seringal. Na Tabela 15, estão listados todos os seringais que anunciavam em jornais da época as propriedades em busca de pessoas para trabalhar nos seringais. Geralmente o caboclo somente conseguia realizar o aviamento de mantimentos, querosene e o que ele precisasse para ficar na colocação durante o período de extração da borracha.

Como já foram apresentados no referencial empírico, desde a década de 1960 até 1984, os seringais eram grandes áreas de terras controladas por seringalistas ou patrões. As ocupações desses espaços denominavam-se colocações, assim, os seringais não estavam

restritos a pontos geográficos, mas sim a quantidades de pés de seringas; e os castanhais seguiam a mesma lógica.

Tabela 15 – Seringais e Castanhais

Seringais / Castanhais	Proprietário
São Luiz / Água Branca	Manoel Lucindo da Silva
Igarapé Branco	Severino Rodrigues Cavalcante
Perseverança	Severino Rodrigues Cavalcante
Abacateiro	Severino Rodrigues Cavalcante
Rio Pacaás Novos	Manuel Manussakis
Conrado	Conrado Farias
Porto Olga/ Cabixi / Remanso	Herman Herreira
Santa Cruz / Corumbiara	Herman Herreira
Paraty	Raimundo Miranda Cunha
Independência	Arlindo de Freitas
São Miguel / Cautarinho	João Suriadakis
São Domingos / Guaporé	João Suriadakis
Mequéns	João Suriadakis
Triunfo / Perpetuo Socorro	Peres, Vieira & Cia
Boa Esperança	Peres, Vieira & Cia
Terra Firme / Pão de Ouro	Manuel Manussakis
Rio Negro / Ouro Negro	Manuel Manussakis
Santa Terezinha / Igarapé	Manuel Manussakis
Igarapé do Monte	Manuel Manussakis

Fonte: O Imparcial, adaptado pelo autor.

No Estado de Rondônia, as grandes áreas de seringais e castanhais hoje são reservas biológicas, parque estadual, parque federal, terras indígenas, floresta nacional e incluindo colocações que deixaram de existir em virtude da exploração agrícola e agropecuária. Ressalta-se que alguns dos seringais tornaram-se municípios como identificados na Tabela 16.

Tabela 16 – Seringais que se tornaram municípios

Seringal	Município
Corumbiara	Corumbiara
São Domingos	São Domingos do Guaporé
São Miguel	São Miguel do Guaporé
Cabixi	Cabixi

Fonte: Dados da Pesquisa

A venda da castanha pelo seringueiro ajudava a abater sua dívida junto ao patrão. O patrão ou o seringalista providenciava a venda para os compradores que vinham de Manaus e Belém e Marabá. Os seringalistas possuíam suas casas de negócios em Guajará-Mirim e Abunã. Também tinha seringalista que trabalhava só com a colocação do seringal e quando comprava castanha logo já repassava para os donos das vendas. Como são retratados por Santiago (1961), os preços da castanha são definidos por dois comerciantes locais, sendo que estes comerciantes foram os responsáveis pela implantação de futuras usinas de beneficiamento.

Na década de 1960 o número de produtos que eram retirados da floresta, de forma extrativa predatória, garantia o mercado extremamente concorrido. Pois, os patrões dos seringais também pagavam pelo couro de animais silvestres abatidos, penas, carne de caça, casca de árvores medicinais, raízes medicinais, óleos essenciais, resinas vegetais, sementes, sorva, cumarú, copaíba, peles silvestres, ipecacuanha e borracha.

De acordo com os depoimentos, os preços praticados pelo patrão na compra das mercadorias do caboclo ribeirinho, que trabalhava no seringal, eram irrisórios; entretanto, os produtos que o padrão fornecia por meio de aviamento para o seringueiro eram de valores exorbitantes.

Tabela 17–Anúncios de empresas brasileiras compradoras de castanha
Anúncios de compra de Castanha do Brasil

CIEX S.A – Companhia de Importação e Exportação
Bolbrás Indústria S.A – Indústria e Comércio
Expol S.A – Importações, Exportações, Indústria e Comércio
YokanaBozzo S.A – Importações, Exportações, Indústria e Comércio
Indústria e Comércio Rondônia Exportadora S. A – Rondex
Guairá – Indústria e Comércio Importação e Exportação Ltda.
Albert V. Yokana& Cia Ltda
CIMEX – Cia de Importação e Exportação
Saul Bennesby & Cia Ltda
Jorge Vassilakis – Representação e Comércio
Vassilakis, Comércio e Indústria S.A
João Suriadakis Ltda
Bentes Melo & Cia
Jacob & Cia
Comércio Importação e Exportação Ltda
J. Barbosa
Casa Brasil Bolívia
Pedro Gvazdanovic
Sebastião Clímaco Filho

Fonte: O Imparcial, adaptado pelo autor.

Assim como no Brasil a Bolívia também possui compradores interessados em atuar no cenário da Castanha-da-Amazônia. Os principais negociantes bolivianos que anunciavam no jornal da região estão listados na Tabela 18. O volume de compradores brasileiros em Guajará-Mirim que eram anunciantes no jornal local é grande se comparado com os quantitativos de compradores bolivianos.

Entretanto, com o fim dos escritórios de compra de castanha e o fechamento das empresas beneficiadoras em Guajará-Mirim, permitiu o avanço da indústria boliviana de beneficiamento da castanha. As indústrias de beneficiamentos de castanha sediam-se na cidade de Riberalta na Província do Beni. Atualmente a principal matriz econômica de Riberalta é a safra da Castanha-da-Amazônia.

Tabela 18 – Anúncios de empresas bolivianas compradoras de castanha

Anúncio de compra de castanha – Bolívia
Casa Espoz
Oswaldo Vaca Dies Sucesores S. R Ltda.
Angel Roca Salvatierra
Seiler & Cía. – Industria
Comercial e Industrial Exportadora del Noroeste Hecker & Cía.
Sonnenschin Hermanos
Bailon Herrera
Ave Salas & Cía.

Fonte: O Imparcial, adaptado pelo autor.

A Indústria e Comércio Rondônia Exportadora RONDEX, inaugurada em 29/01/1978, foi à segunda empresa de beneficiamento de castanha registrada na cidade de Guajará-Mirim. Os sócios fundadores são os principais compradores locais de castanha conforme descrito no Subcapítulo 2.2 e representado pela Figura 9, desta dissertação. Na Figura 40 está registrada a fachada do prédio localizado na avenida Dr. Lewerger em Guajará-Mirim, atualmente o espaço está em desuso, mas a empresa ainda esta ativa junto a Receita Federal.

Embora a empresa tenha sido criada em 1968, somente em 1976 foi o primeiro ano em que a empresa beneficiou e comercializou seu produto, nos anos anteriores ela apenas fornecia serviços para outras empresas. No referido ano produziu 250 toneladas de castanha beneficiadas, o que correspondia a um quarto de sua capacidade instalada. Encerra suas atividades de processamento de castanha após o fechamento dos seringais pelo Governo Federal.

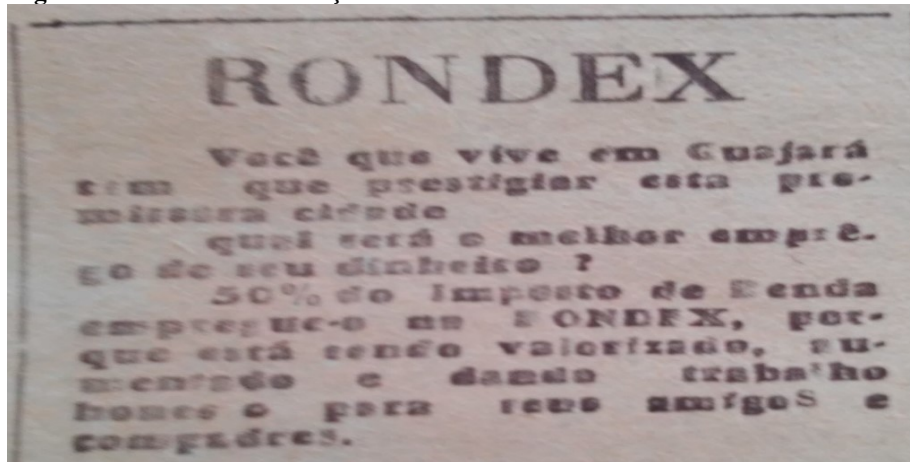
Figura 40 – Prédio das instalações da RONDEX em Guajará-Mirim

Fonte: Acervo coletado pelo autor em visita técnica

A RONDEX possuía em sua linha de trabalho aproximadamente 110 pessoas contratadas diretamente e 220 famílias para trabalhar nas bancas de descascamento das

castanhas. O responsável pela banca somente recebia pela amêndoa retirada inteira, as sementes que quebradas ou lascadas não eram pagas para o operador da banca, mas a empresa a comercializava do mesmo modo. Com o fechamento dos seringais por parte do Governo Federal a aquisição de castanha fica impossibilitada e a quantidade existente não seria suficiente para manter o ritmo de produção. O alto custo operacional para se adquirir a Castanha-da-Amazônia em outro Estado ou mesmo importar legalmente da Bolívia levaram ao encerramento das atividades de processamento por parte da RONDEX em 1983.

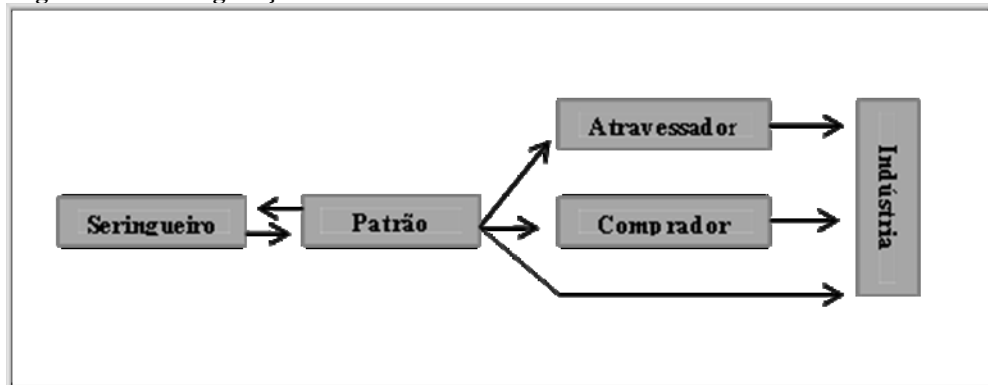
Figura 41 – Anúncio de atração de investimentos da RONDEX



Fonte: O Imparcial

Os estudos permitiram conduzir a confecção do desenho representado na Figura 42, descrevendo assim a cadeia produtiva da Castanha-da-Amazônia que impulsionava o mercado de forma linear. No referido modelo apenas considerou os elos mais fortes da cadeia, ao passo que se ponderou pelo lançamento da realidade retratada pelos entrevistados e nas pesquisas documentais. Na Figura 42 foi retratada a relação da cadeia produtiva existente após o fechamento dos escritórios de compras e das indústrias beneficiadoras.

Figura 42 – Configuração da Cadeia da Castanha em Rondônia na década de 1960

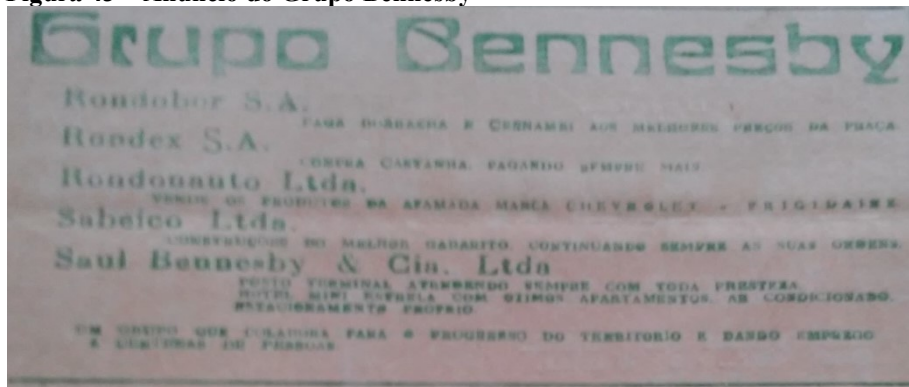


Fonte: Dados da Pesquisa.

Os dados coletados durante o processo de revisão juntamente com o estudo de campo permitiram a construção do diagrama representado na Figura 42. A Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia na década de 1960 até 1984 era estabelecida nos elos iniciais: a relação do patrão (seringalista) com o seringueiro (coletor). Logo, o seringueiro somente poderia realizar negócios com o seu patrão, assim o processo de exploração era duplo: de início, explorado na venda da sua mão-de-obra e, logo depois, no processo negocial dos demais produtos que fornecia ao seringalista.

O comprador, atravessador e o patrão em muitos casos eram as mesmas pessoas, como é possível verificar nas Figuras 11, 12 e 42 e 43. As cargas de castanhas eram destinadas para atender à demanda da indústria de beneficiamento local, nessa ocasião ocorria fluxo de importação de castanha na Bolívia em raros casos pelos meios legais.

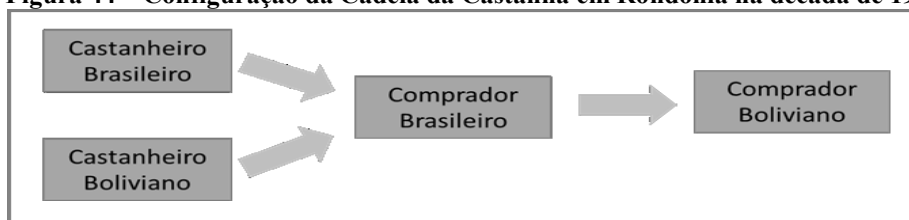
Figura 43 – Anúncio do Grupo Bennesby



Fonte: O Imparcial

Com o fechamento dos seringais e a expansão das plantas industriais de beneficiamento e processamento de castanha, de modo assemelhado ao que era empregado pela indústria brasileira, passou a ocorrer a inversão do fluxo da carga de castanha. As castanhas que outrora eram negociadas no mercado brasileiro passam então a atender o mercado boliviano, na Figura 44. Os pontos de produção distantes da área de fronteira passam a ser explorados pelas empresas operadoras dos portos de Manaus e Belém, que já operavam anteriormente, porém com menor participação.

Figura 44 – Configuração da Cadeia da Castanha em Rondônia na década de 1984



Fonte: Dados da Pesquisa.

O castanheiro boliviano prefere negociar sua produção de castanha com os compradores brasileiros devido à padronização da unidade de medida, que se expressa em lata redonda de 20 litros, cuja capacidade é correspondente a doze quilogramas de castanha *in natura*. Na época os compradores bolivianos adotaram a caixa de 20 quilogramas - construída de madeira – objetivando causar variação na capacidade a seu favor. Isso ocorria tanto na compra (com mais capacidade) quanto na venda (peso real).

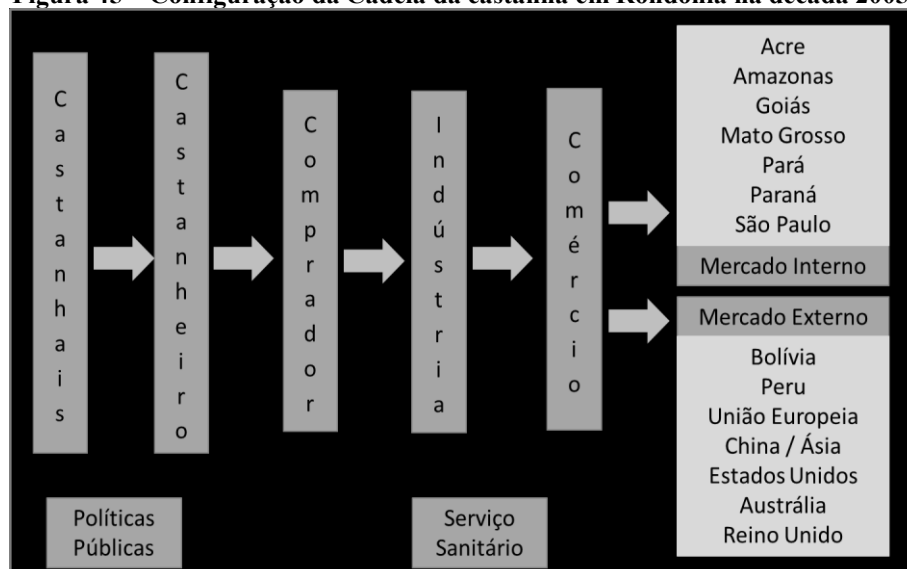
A cadeia produtiva na década de 1990 começa a tomar novo formato de fluxo quando os compradores de castanha dos mercados regionais dos Estados Mato Grosso, Acre e Amazonas intensificam sua presença em Rondônia, arrematando volumes consideráveis – estas rotas existem até os dias atuais.

4.5 Demonstração das mudanças ocorridas nos últimos 10 anos

No entendimento de Santos (2011) e Silva (2012) o extrativismo de produtos florestais não-madeiráveis, dentre eles a “Castanha-da-Amazônia”, possui uma função social de aproveitamento para a comunidade que a explora.

4.5.1 Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia na década de 2005

Figura 45 – Configuração da Cadeia da castanha em Rondônia na década 2005



Fonte: Dados da Pesquisa.

No ano de 2005 como registrados na Figura 45 o mercado consumidor da Castanha-da-Amazônia já demonstra elementos de competitividade bem limitada, a concorrência está presente no papel dos compradores. Eles (os compradores bolivianos) passam a utilizar vários representantes para realizar compras nos mesmos setores de forma a garantir o maior volume

de negociação possível. Com o objetivo atender aos contratos de exportação, este modelo ainda mantém-se até os dias atuais.

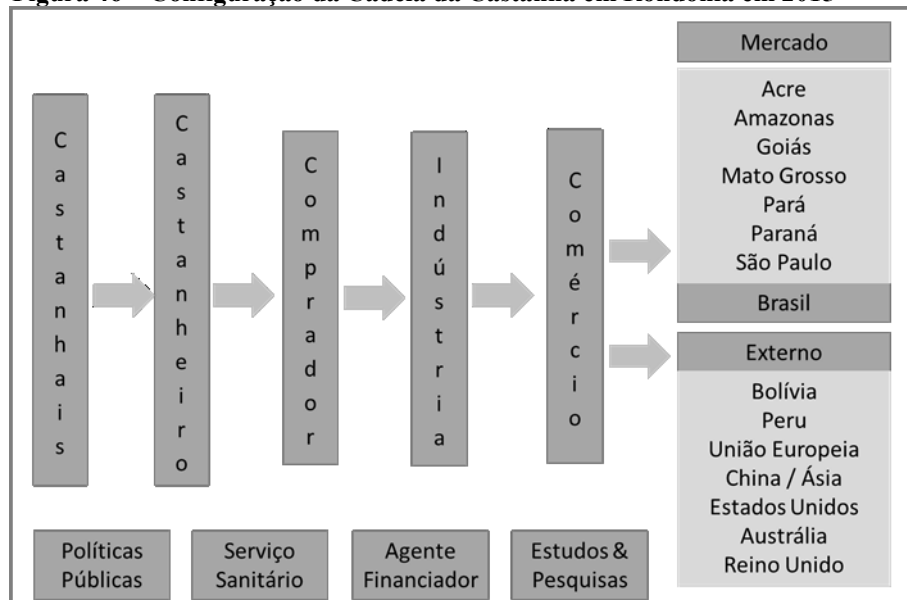
Com a implantação das beneficiadoras de castanha localizadas na região central de Rondônia, o fluxo de comercialização da castanha passa a ter novos destinos, promovendo novos cenários para o processo extrativista dentro do Estado. São insipientes as políticas públicas desenvolvidas pelos governos locais na esfera estadual e municipal, diferentemente do que ocorre nos Estados do Amazonas e Acre.

A presença dos atores dos serviços de fiscalização (em geral e de vigilância fitossanitária) é fundamental. Devido à necessidade de realização de boas práticas de manejo e manuseio de produtos de origem agroflorestral, este fato é o diferencial da Região Amazônica. Vale dizer, que os agentes financiadores embora presentes ainda não enxergam as potencialidades do setor. Acrescenta-se a isso que muito timidamente as pesquisa vem surgindo.

4.5.2 Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia em RO em 2015

O desenho da cadeia produtiva da castanha observado no ano de 2015, representada na Figura 46, não apresenta disparidade em relação ao modelo praticado na última década, conforme a Figura 45.

Figura 46 – Configuração da Cadeia da Castanha em Rondônia em 2015



Fonte: Dados da Pesquisa.

A entrada de novos agentes compradores é limitada; e a implantação de indústria de beneficiamento é onerosa e conseguir permear espaço da colocação de novos produtos em um

segmento de mercado consumidor onde a regra do jogo é ditada pelos oligopólios do setor alimentício, também não é tarefa nada fácil. A Figura 46 e a Tabela 19 permitem visualizar a atual configuração da cadeia produtiva da Castanha-da-Amazônia em Rondônia.

A demanda por novo produto que visa atender a base de consumo no seguimento de indústria do entretenimento e aprendizagem, conseqüentemente o que inicialmente era o principal produto oriundo da floresta passa ser expectador diante do processo exploratório extrativista direcionado para a Castanha-da-Amazônia.

Tabela 19 – Especificação da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia em Rondônia

Classificação	Descrição
Castanhais	Alvorada d'Oeste; Ariquemes; Buritis; Cacoal; Costa Marques; Guajará-Mirim; Ji-Paraná; Machadinho d'Oeste; Nova Mamoré; Presidente Médici; Porto Velho; São Francisco do Guaporé; São Miguel do Guaporé; Seringueiras.
Castanheiros	E001; E002; E003; E004; E005; E006; E007; E008; E009; E010; E011; E012; E013; E014.
Compradores	C001, C002, C003, C004, C005, C006, C007, C008, C009, C010, C011, C012, C013, C014, C015, C016, C017, C018, C019, C020, C021, C022, C023
Indústrias	I001, Inovan; Oliveira & Marilac Ltda. – EPP; Floresta Produtos Naturais Ltda. – ME
Comércio	Dullim; Mega Bom; Redes de Supermercados; Lojas de Conveniências.
Mercado	Interno (Brasil) – Acre; Amazonas; Goiás; Mato Grosso; Pará; Paraná; São Paulo.
	Externo (Exportação) – Austrália; Bolívia; China; Estados Unidos; Peru; Reino Unido; União Europeia.
Serviço Sanitário	Vigilância Sanitária e MAPA
Agente Financiador	Banco do Brasil; Banco Basa; BNDES.
Políticas Públicas	PRONAF; PAA; PCPMBIO.
Estudos & Pesquisas	UNIR; Embrapa; Emater.

Fonte: Dados da Pesquisa

Existem poucas políticas públicas no sentido de fomentar e promover fontes de créditos para financiamentos florestais disponibilizados atualmente segundo o BNDS são: Fundo Constitucional de Financiamento do Norte – FNO com foco específico na Biodiversidade, no apoio a Empreendimentos Sustentáveis; Fundo Constitucional de Financiamento do Norte – FNO Biodiversidade, com escopo no apoio à Regularização e Recuperação de Áreas de Reserva Legal e Áreas de Preservação Permanentes Degradadas; Fundo Constitucional de Financiamento do Norte – FNO Amazônia Sustentável e ainda o BNDS Florestal.

Para atuação no seguimento de energias alternativas e eliminação da desertificação foi criado pelo BNDS o Fundo Clima, trata-se de um programa de crédito que foi constituído por três subprogramas: BNDES Fundo Clima – Subprograma Energias Renováveis; BNDES

Fundo Clima – Subprograma Carvão Vegetal; BNDES Fundo Clima – Subprograma Combate à Desertificação. A elaboração do modelo em questão visa justamente desenvolver ações para poder atender às especificidades para melhoria dos fatores que não apoiados adequadamente podem incorrer em sérios prejuízos para o clima.

O Poder Executivo Federal disponibilizou por meio do BNDS o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF, desmembrados em seis distintos subprogramas para apoiar as mais diversas necessidades das populações extrativistas, povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos pescadores artesanais, etc.: PRONAF Floresta; PRONAF Agroecologia; PRONAF ECO- Seringueira; PRONAF ECO-Dendê; PRONAF Semiárido; e PRONAF Agroindústria. As fontes de financiamento de empreendimentos para exploração de produtos florestais podem ser qualquer produto oriundo da floresta, do gênero PFM (madeirável) ou PFNM (não-madeirável) conforme categorização descrita pela *Food and Agriculture Organization* – FAO.

O avanço da agricultura extensiva a novos patamares de produção no nível de economia em escala proporciona à região um sinal de vulnerabilidade para a biodiversidade. A pretensão de expandir as regiões produtivas de soja e arroz é realizada de forma quase predatória, os grandes investimentos sejam eles com origem de base de fomentos ou mesmo de financiamento próprios pelos grandes produtores de *commodities* agrícolas ou pecuárias de corte ou leiteira. Todos os modelos de empreendimentos citados nesse parágrafo possuem um ponto em comum: a produção é desenvolvida no formato de produção para atender o mercado de exportação – então os produtos decorrentes afetam diretamente a balança comercial brasileira. A Região Norte do Brasil ainda é muito venerável ao processo de exploração mineral descontrolado. O processo semi-artesanal de extrativismo mineral causa grandes danos a toda composição do bioma afetando diretamente a ictiofauna e ictioflora; entretanto, de forma mais branda, quando realizam o desvio dos igarapés e, de modo mais nocivo, quando utiliza o mercúrio como catalizador para facilitar o manejo do minério de ouro.

O modelo de cadeia produtiva descrito neste estudo seguiu apenas as abordagens pragmáticas, assim, dentre de todos os produtos oriundos da castanheira não estão relacionados os serviços que poderão surgir com a aplicação dos conceitos de recursos naturais não extrativos. A especificidade da “Castanha-da-Amazônia” e de sua importância social e econômica para as comunidades tradicionais, extrativista, ribeirinhas e sociedade que vivem nas imediações dos castanhais.

5 CONSIDERAÇÕES

Para este capítulo, aponta-se a experimentação que se desenvolveu apoiada no problema de pesquisa. O trabalho de campo foi composto por entrevista semiestruturada e observações registradas em diário de campo com os indivíduos categorizados como *stakeholders* pertencentes à Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia. A utilização da Teoria dos *Stakeholders* permitiu observar pequenas ações que apontam para possível ocorrência de elementos comprovadores, mesmo ainda um pouco distante da realidade, dessa perspectiva. No entanto ficou comprovado que os elos da cadeia produtiva da Castanha-da-Amazônia no formato observado na atualidade trazem a evidência da fragilidade operacional. Após análise dos dados da pesquisa também é possível constatar a desarticulação das ações das classes de *stakeholders* pesquisados.

Além deste modelo de produção, existe outro modelo talvez mais primitivo que remete ao cenário mercantilista herdado; trata-se justamente do aspecto da comercialização, em que existem novos atores envolvidos no serviço de extração do ouriço no meio da floresta. Tem-se ainda a ação do atravessador que realiza a compra, seleciona, acondiciona para a secagem e depois revende para outros atores ligados aos diversos segmentos do negócio. Este último capítulo vem retratar o achego resultante da investigação. Esta pesquisa se debruçou sobre o questionamento propulsor deste trabalho e seu objetivo de entender qual a configuração da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia no Estado de Rondônia–Brasil, propondo demonstrar suas interações e as mudanças ocorridas nos últimos 10 anos. Para tanto se estabeleceram três objetivos específicos, instanciados sobre o método qualitativo.

O estudo foi iniciado consultando-se as bases bibliográficas dos teóricos atuais, contemplando as palavras-chave referentes ao tema. Na sequência, averiguou-se a forma de distinguir os *stakeholders* e suas inter-relações, compreendendo a estrutura da cadeia produtiva e identificando os elos que a compõem no Estado de Rondônia.

A produção de Castanha-da-Amazônia no Estado de Rondônia vem apresentando constantes quedas, sendo que as oscilações promovidas pela sazonalidade do produto não têm sido o ponto preponderante para esta diminuição, pois se observa que 42,24% das cidades participantes reduziram sua produção na região. Essa desistência em produzir e coletar Castanha-da-Amazônia está ligada à inclinação para outras atividades produtivas, que proporcionam melhores rendimentos com menor incremento de trabalho. O modelo do mercado da castanha é oligopólio, porém, em alguns elos da cadeia, observa-se a predominância de monopólio, cuja ocorrência tende a deixar a cadeia produtiva levemente

fragilizada. A entrada de novos atores no mercado da Castanha-da-Amazônia propicia competitividade pelo produto, garantido assim melhor preço a ser praticado pelos compradores. Até a década de 2010 os preços basicamente eram ditados pelo mercado boliviano ou, no âmbito nacional, pelo mercado amazonense. Já no mercado rondoniense, constatou-se que alguns compradores têm reclamado de dificuldade nas negociações com as indústrias existentes.

Constata-se, assim, debilidade da cadeia produtiva de acordo com o modelo observado, sendo possível perceber as ações desarticuladas das classes dos *stakeholders*. A aparente dicotomia contida nas proposições foi utilizada como base para refutar que as duas proposições apresentadas são, na verdade, complementares. Desse modo, aplicou-se conjuntamente pelo viés da Teoria dos *Stakeholders*, que permitiu a aplicação da Análise de *Filière* para estudar a Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia. Constatou-se que o desenvolvimento organizacional da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia em Rondônia–Brasil ocorrerá em sua totalidade quando todos os atores compreenderem seu papel e comprometerem-se com a estruturação dos elos dessa cadeia.

5.1 Contribuições

Os debates decorrentes deste estudo buscam colaborar na construção do conhecimento a respeito das relações dos interessados (*stakeholders*) com a Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia, bem como a construção de estratégias organizacionais. Busca ainda abrir possibilidades de novas pesquisas semelhantes aplicando referenciais teóricos e metodológicos estudados, objetivando incentivar novas perspectivas dos *stakeholders* no diagnóstico da cadeia produtiva com a instalação de indústrias de beneficiamento e processamento de Castanha-da-Amazônia no Estado de Rondônia–Brasil.

Com o presente estudo, buscou-se estimular a percepção da aplicabilidade a respeito do fenômeno da Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia, sua importância estratégica para o desenvolvimento local e regional e conceituação das inter-relações dos *stakeholders*, assim como sua valia no processo de governança das organizações, devendo os eventos serem estudados utilizando-se o modelo abordado nesta pesquisa ou ajustado para prática em outros fenômenos semelhantes. A Região Norte deve utilizar seus patrimônios naturais como diferencial competitivo, apropriando-se dos elementos raros e endêmicos, para proporcionar desenvolvimento social, ambiental, econômico e institucional, juntamente com a produção de novos conhecimentos científicos.

BIBLIOGRAFIA

- AMADO, João da Silva. A Técnica de Análise de Conteúdo. **Revista de Enfermagem Referência [on-line]**, Coimbra, v. 5, p. 53 - 63, nov 2000. Disponível em <www.esenfc.pt/ui/index.php?module=rr&target=publicationDetails&pesquisa=&id_artigo=2049&id_revista=5&id_edicao=20>. Acesso em: 07 nov. 2014.
- ANDRADE, Raphael Gava de. **Classificação das castanhas do Brasil por origem e seleção de suas amêndoas utilizando visão computacional**. São Carlos: USP-São Carlos, 2010. 92 p
- ARAÚJO, Luce Mary Vespasiano S. et al. **Economia e mercados**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.
- AZEVEDO, Denise Barros de. et al. Complexidade e abordagem sistêmica: identificando similaridades entre a Teoria dos Stakeholders e o processo de gestão ambiental. **Gestão Contemporânea [online]**, Porto Alegre, v. 10, n. 13, p. 11 - 23, jan / jun 2013.
- BABBIE, Earl. **Métodos de pesquisas de Survey**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- BARBOSA, Marcelo Augusto Mendes. **Análise dos Custos gerado com e sem a Implantação de Boas Práticas na Cadeia Produtiva da Castanha-do-Brasil: um estudo comparativo nas Reservas Chico Mendes no Acre e Rio Ouro Preto em Rondônia**. Porto Velho: UNIR, 2011. Dissertação de Mestrado.
- BARBOSA, Ricardo de Abreu; BATAGLIA, Walter. A evolução das correntes explicativas da vantagem competitiva. **Revista Gestão e Planejamento [on-line]**, Salvador, v. 11, n. 2, p. 192 - 211, jul / dez 2010.
- BASSO, Leonardo Fernando Cruz; KIMURA, Herbert. O conceito de risco na visão baseada em recursos (RVB): uma análise exploratória. **Revista de Administração Mackenzie [on-line]**, São Paulo, v. 11, n. 5, p. 82 - 105, set / out 2010.
- BATALHA, Mário Otávio; SILVA, Andrea Lago da. Gerenciamento de sistemas agroindustriais: definições, especificidades e correntes metodológicas. In: BATALHA, Mário Otávio. **Gestão Agroindustrial**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2011. Cap. 1, p. 1 - 62. 5. reimp.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BAYMA, Márcio Muniz Albano. et al. Aspectos da cadeia produtiva da castanha-do-brasil no estado do Acre, Brasil. **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi - Ciências Naturais [online]**, Belém, v. 9, n. 2, p. 417 - 426, maio / ago 2014.

BENTES-GAMA, Michelliny de Matos. et al. Análise Econômica de Sistemas Agroflorestais na Amazônia Ocidental, Machadinho d'Oeste-RO. **Revista Árvore**, Viçosa-MG, v. 29, p. 401-411, 2005.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Secretaria de Defesa Agropecuária, Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Vegetal. **Cadastro de Exportadores - Mercado Interno**. Brasília: [s.n.], 2014. Disponível em <http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/vegetal/cadastro_exportadores_DIPOV/Castanha%20do%20Brasil%20-%20Mercado%20Interno%20-%202012-08-2014.pdf>. Acesso em: 05 set. 2015.

_____. _____. _____. _____. **Cadastro de Exportadores - Exportadores**. Brasília: [s.n.], 2015. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/vegetal/cadastro_exportadores_DIPOV/Castanha%20do%20Brasil%20-%20Exportadores%20-%202023-09-2015.pdf>. Acesso em: 05 set. 2015.

_____. _____. _____. _____. **Cadastro de Exportadores - Mercado Interno**. Brasília: [s.n.], 2015. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/vegetal/cadastro_exportadores_DIPOV/Castanha%20do%20Brasil%20-%20Mercado%20Interno%20-%202015_09_15.pdf>. Acesso em: 05 set. 2015.

_____. _____. _____. _____. **Cadastro de Exportadores - União Europeia**. Brasília: [s.n.], 2015. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/vegetal/cadastro_exportadores_DIPOV/Castanha%20do%20Brasil%20-%20Exportadores%20UE%20-%202023-09-2015.pdf>. Acesso em: 05 set. 2015.

_____. _____. _____. _____. **Cadastro de Exportadores - Mercado Interno**. Brasília: [s.n.], 2013. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/vegetal/cadastro_exportadores_DIPOV/Castanha%20do%20Brasil%20-%20Mercado%20Interno%20-%202006-06-2013.pdf>. Acesso em: 05 set. 2015.

_____. Decreto Lei nº 5.812, de 13 de setembro de 1943. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del5812.htm> Acessado em: 04 out. 2014.

_____. Decreto Lei nº 6.550, de 31 de maio de 1944. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del6550.htm#art2>. Acessado em: 04 out. 2014.

_____. Lei nº 2.731, de 17 de fevereiro de 1956. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-2731-17-fevereiro-1956-355081-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acessado em: 04 out. 2014.

_____. Lei Complementar nº41, de 22 de dezembro de 1981. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/LCP/Lcp41.htm>. Acessado em: 04 out. 2014.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. MÉTODO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 5, p. 611 - 614, set / out 2004.

CARVALHO, Daniela Moreira de; PRÉVOT, Frédéric; MACHADO, João Armando. Dessimon. O uso da teoria da visão baseada em recursos em propriedades rurais: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Administração [on-line]**, São Paulo, v. 49, n. 3, p. 506 - 518, jul. / ago. / set. 2014.

CARVALHO, Maria Cecília M. de, (org); **Construindo o saber: técnicas de metodologia científica**. Campinas: Papirus, 1988.

CORADINI, Cristiane; SABINO, Michelle de Stefano; COSTA, Benny Kramer. Teoria dos Stakeholders – Estado da Arte produzido no Brasil. **XIII SEMEAD - Sustentabilidade Ambiental nas Organizações Seminário em Administração**, São Paulo, setembro 2010. 1 - 13. Disponível em <http://www.ead.fea.usp.br/sem_ead/13semead/resultado/trabalhosPDF/1061.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2014.

CORTEZ, Marcelo Gonçalves. **Sistema sociais de produção da castanha da Amazônia (Bertholletia excelsa Bonpl.) no município de Manicoré/AM**. Manaus: UFAM, 2011. Dissertação de Mestrado.

COSTA, Joanne Régis. et al. Aspectos silviculturais da castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa*) em sistemas agroflorestais na Amazônia Central. **Acta Amazonica [online]**, Manaus, v. 39, n. 4, p. 843 - 850, 2009.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRUBELLATE, João Marcelo; PASCUCCI, Lucilaine; GRAVE, Paulo Sérgio. Contribuições para uma visão baseada em recursos legítimos. **Revista Administração de Empresas [on-line]**, v. 48, n. 4, p. 8 - 19, out / dez 2008.

DIAS, Ricardo Resende. **Um modelo de formação e organização de cadeias de agronegócios**. UFRGS. Porto Alegre, p. 127. 2000. Dissertação de Mestrado.

DICKEN, Paul. **Construtive Empiricism: Epistemology and Philosophy of Science**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2010.

Discover life, Global Biodiversity Information Facility Disponível em: <http://www.discoverlife.org/mp/20m?act=make_map> Acesso em: 01 abr. 2015.

ELIAS, Sandro Al-Alam. **Relações entre uma organização agroindustrial da cadeia de celulose e seus stakeholders**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 147 p. Dissertação de Mestrado.

EMBRAPA. **Manual Segurança e Qualidade para a Cultura da Castanha-do-Brasil**. Brasília: Embrapa / SEDE, 2004.

_____. **Castanha-do-brasil (Bertholletia excelsa Humb. & Bonpl.) - Cintia Rodrigues de Souza [et. al.]**. Embrapa Amazônia Ocidental. Manaus, p. 22. 2008.

ERPEN, João Carlos. **Redes de Comercialização da Castanha da Amazônia na Fronteira de Rondônia - Brasil e Beni - Bolívia**. Porto Velho: UNIR, 2013. 70 p. Dissertação de Mestrado.

FAO. **Fruit-bearing forest trees - Forestry paper 34**. Rome: FAO, v. M-32, 1982.

_____. **Non-Wood Forest Products - 5 - Edible nuts**. Rome: FAO, 1995.

FASSIN, Yves. The Stakeholders Model Refined. **Journal of Business Ethics [online]**, Houten - Netherlands, v. 84, p. 113 - 135, springer, 2008 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1007/s10551-008-9677-4>>. Acesso em: 07 nov. 2014.

FELBERG, Ilana. et al. Soy and Brazil nut beverage: processing, composition, sensory, and color evaluation. **Food Science and Technology [online]**, Campinas, v. 29, n. 3, p. 609 - 617, 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-20612009000300024>>. Acesso em: 08 nov. 2014.

FERREIRA, Liane Marise Moreira; TONINI, Helio. Comportamentoda castanha-do-brasil (Bertholletia excelsa) e da cupiúba (Goupia glabra) em sistema agrosilvicultural na região de confiança, Cantá - Roraima. **Acta Amazonica [online]**, Manaus, v. 39, n. 4, p. 835 - 842,

2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0044-59672009000400012>>. Acesso em: 06 ago. 2014.

FREEMAN, R. Edward. et al. **Stakeholders Theory: the state of the art**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

FURLANETTO, Egidio L.; CÂNDIDO, Gesinaldo A. Metodologia para estruturação de cadeias de suprimentos. **Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental [online]**, Campina Grande, v.10, n.3, p.772-776, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbeaa/v10n3/v10n3a34.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2014.

GAMA, Michelliny de Matos Bentes. **Análise técnica e econômica e sistemas agroflorestais em Machadinho d'Oeste, Rondônia**. Viçosa: UFV, 2003. Tese (Doutorado).

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

Global Biodiversity Information Facility – Free and Open Access to Biodiversity Data. Disponível em: <<http://www.gbif.org/>>. Acesso em: 31 mar. 2015.

GONÇALVES, Caio Márcio. **Administração no agronegócio**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

HADDAD, Camila Jorge; BONELLI, Matheus Fortes; PRADO, Otávio. O. **Projeto Castanha-do-Brasil**. FGV. São Paulo, p. 34. 2006. Disponível em <http://gvpesquisa.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/conexao-local/03_cl_2006_castanhadoamapa.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2014.

HASENCLEVER, Lia; ZISSIMOS, Isleide. A Evolução das Configurações Produtivas Locais no Brasil: Uma Revisão da Literatura. **Estudos Economicos [online]**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 407 - 433, jul / set 2006. Disponível em <www.revistas.usp.br/ee/article/download/35879/38596>. Acesso em: 08 nov. 2014.

HAYASHI JUNIOR, Paulo; BARANIUK, James Alexandre; BULGACOV, Sergio. Mudanças de conteúdo estratégico em pequenas empresas de massas alimentícias. **Revista de Administração Contemporânea [on-line]**, Curitiba, v. 10, n. 3, p. 159 - 179, jul. / set. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1415-65552006000300009>>. Acesso em: 03 ago. 2014.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, Roberto. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama; MENEZES, Antônio José Elias Amorim de; MAUÉS Marcia Motta. Castanheira-do-pará: os desafios do extrativismo para plantios agrícolas. **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Naturais**, Belém, v. 9, n. 2, p. 293-306, maio-ago 2014.

IBGE. **Produção da extração vegetal e da silvicultura - PEVS 1986**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 1, 1988. ISBN 0103-8435. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_1986_v1.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. **Produção da extração vegetal e da silvicultura - PEVS 1987**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 2, 1989. ISBN 0103-8435. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_1987_v2.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. **Produção da extração vegetal e da silvicultura - PEVS 1988**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 3, 1993. ISBN 0103-8435. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_1988_v3.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. **Produção da extração vegetal e da silvicultura - PEVS 1989**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 4, 1993. ISBN 0103-8435. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_1989_v4.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. **Produção da extração vegetal e da silvicultura - PEVS 1990**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 5, 1993. ISBN 0103-8435. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_1990_v5.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. **Produção da extração vegetal e da silvicultura - PEVS 1991**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 6, 1994. ISBN 0103-8435. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_1991_v6.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. **Produção da extração vegetal e da silvicultura - PEVS 1992**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 7, 1994. ISBN 0103-8435. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_1992_v7.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. **Produção da extração vegetal e da silvicultura - PEVS 1993**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 8, 1996. ISBN 0103-8435. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_1993_v8.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. **Produção da extração vegetal e da silvicultura - PEVS 1994**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 9, 1996. ISBN 0103-8435. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_1994_v9.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. **Produção da extração vegetal e da silvicultura - PEVS 1995**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 10, 1998. ISBN 0103-8435. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_1995_v10.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. **Produção da extração vegetal e da silvicultura - PEVS 1996**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 11, 1999. ISBN 0103-8435. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_1996_v11.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. **Produção da extração vegetal e da silvicultura - PEVS 1997**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 12, 2000. ISBN 0103-8435. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_1997_v12.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. **Produção da extração vegetal e da silvicultura - PEVS 1998**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 13, 2001. ISBN 0103-8435. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_1998_v13.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. **Produção da extração vegetal e da silvicultura - PEVS 1999**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 14, 2001. ISBN 0103-8435. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_1999_v14.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. **Produção da extração vegetal e da silvicultura - PEVS 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 15, 2001. ISBN 0103-8435. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_2000_v15.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. **Produção da extração vegetal e da silvicultura - PEVS 2001**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 16, 2001. ISBN 0103-8436. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_2001_v16.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. **Produção da extração vegetal e da silvicultura - PEVS 2002**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 17, 2002. ISBN 0103-8436. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_2002_v17.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. **Produção da extração vegetal e da silvicultura - PEVS 2003**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 18, 2003. ISBN 0103-8436. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_2003_v16.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. **Produção da extração vegetal e da silvicultura - PEVS 2004**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 19, 2004. ISBN 0103-8436. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_2001_v19.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. **Produção da extração vegetal e da silvicultura - PEVS 2005**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 20, 2005. ISBN 0103-8436. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_2005_v20.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. **Produção da extração vegetal e da silvicultura - PEVS 2006**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 21, 2006. ISBN 0103-8436. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_2006_v21.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. **Produção da extração vegetal e da silvicultura - PEVS 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 22, 2007. ISBN 0103-8436. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_2007_v22.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. **Produção da extração vegetal e da silvicultura - PEVS 2008**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 23, 2008. ISBN 0103-8436. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_2008_v123.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. **Produção da extração vegetal e da silvicultura - PEVS 2009**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 24, 2009. ISBN 0103-8436. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_2009_v24.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. **Produção da extração vegetal e da silvicultura - PEVS 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 25, 2010. ISBN 0103-8436. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_2010_v25.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. **Produção da extração vegetal e da silvicultura - PEVS 2011**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 26, 2011. ISBN 0103-8436. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_2011_v26.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. **Produção da extração vegetal e da silvicultura - PEVS 2012**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 27, 2012. ISBN 0103-8436. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_2012_v27.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. **Produção da extração vegetal e da silvicultura - PEVS 2013**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 28, 2013. ISBN 0103-8436. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_2013_v28.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015.

JONES, Gareth R.. **Teoria das organizações**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2010.

KRETZER, Jucélio; MENEZES, Emílio Araújo. A importância da Visão Baseada em Recursos na aplicação da vantagem competitiva. **Revista de economia Mackenzie [on-line]**, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 63 - 87, 2006.

LADEIRA, Daniela Lopes. **Teoria dos Stakeholders no contexto da governança corporativa: um estudo de caso**. Belo Horizonte: Universidade FUMEC - Faculdade de Ciências Empresariais, 2009. 104 p. Dissertação de Mestrado.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LUNZ, Aurenny Maria Pereira; MELO, Antonio Willian Flores de. Monitoramento e avaliação dos principais desenhos de sistemas agroflorestais multietratos do Projeto RECA. **EMBRAPA - Pesquisa em Adamento - nº134**, Rio Branco, dez 1998. p. 1 - 4.

MELO, Janilene Vasconcelos. **Processos de sensemaking e sensegiving para atakeholders internos e externos: o caso do PROMOEX no Tribunal de Contas do Estado de Rondônia**. Porto Alegre: UFRGS, 2013. 152 p. Tese (Doutorado).

_____. PEDROZO Eugênio Ávila,. Criação de sentido para stakeholders em um contexto estratégico. **Revista de Administração e Negócio da Amazônia [on-line]**, Porto Velho, v. 4, n. 3, p. 156 - 170, set / dez 2012.

MENDOZA, José Luíz Durán. **Nicolás Suárez "El Rey de la Goma"** Tomo 1, Primera época. Hasta la Batalla de Bahia 1903. La Paz: La Maravilla, 2014.

MENEGUETTI, Naila Fernanda Sbsczk Pereira. **A evolução das dimensões do macromarketing expandido no processo de extrativo da castanha-da-Amazônia: o caso do assentamento Canaã, no município de Ariquemes-RO**. Porto Velho: UNIR, 2014. 92 p. Dissertação de Mestrado.

MORI, Scott A. The Brazil Nut Industry - Past, Present, and Future. **The New York Botanical Garden**, New York, 1992. Disponível em: <<http://www.nybg.org/bsci/braznut/>>. Acesso em: 17 abr. 2014.

_____. A família da Castanha-do-Pará: Símbolo do Rio Negro. In: VARELLA, D. **Florestas do Rio Negro**. São Paulo: Companhia das Letras - Unip, v. Capítulo 4, 2001. p. 119 - 141.

NELSON, Drew; FUJIWARA, Luis. Projeto Castanha-do-Brasil Estado do Amapá. In: BARBOZA, Hélio Batista & SPINK, Peter (org) **20 Experiências de Gestão Pública e Cidadania**. 1. ed. São Paulo: FGV, 2002. p. 1 -16.

OLIVEIRA, Denize Cristina de. Análise de Conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. **Revista de Enfermagem - UERJ**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 569 - 576, out / dez 2008.

PACHECO, Ariane Mendonça. **Selênio e Aflatoxinas em Castanhas-do-Brasil (Bertholletia excelsa H.B.K) e qualidade de produtos derivados**. Florianópolis: UFSC, 2007. 144 p.

PAES-DE-SOUZA, Mariluce. Análise da Estrutura da Cadeia Produtiva do Agronegócio Leite no Estado de Rondônia. In: SILVA NETO, José Moreira da. **Handbook de Estudos: organizacionais, socioeconômicos & socioambientais**. Porto Velho: Edufro, 2007. p. 169 - 192.

PAES-DE-SOUZA, Mariluce; SILVA Tania N. Organizational and interorganizational relationships in the Justa Trama Agroecological Cotton Production Chain-Network. **Research Journal. Review of Research Journal [online]**, 3, n. I, oct 2013. 1 - 20. Disponível em: <[http://ror.isrj.org/Upload edData/440.pdf](http://ror.isrj.org/Upload%20Data/440.pdf)>; <<http://dx.doi.org/10.9780/2249894X/312013/440>>. Acesso em: 26 fev. 2014.

PAIVA, Paulo Marcelo Veras de. **A coleta intensiva e a agricultura itinerante são ameaças para os castanhais da reserva extrativista do Rio Cajari?** Macapá: FUFA, 2009. 86 p.

PAVÃO, Yeda Maria Pereira; SEHNEM, Simone; HOFFMANN, Valmir Emil. Análise dos recursos organizacionais que sustentam a vantagem competitiva. **Revista Administração [on-line]**, São Paulo, v. 46, n. 3, p. 228 - 242, jul. / ago./set. 2011.

PEDROZO, Eugênio Ávila. et al. Produtos Florestais Não Madeiráveis (PFNMS): as Filières do Açaí e da Castanha da Amazônia. **Revista de Administração e Negócios da Amazônia - RARA**, Porto Velho, v. 3, n. 2, p. 88 - 112, mai / ago 2011.

PEIXOTO, Aristeu Mendes. **Enciclopédia Agrícola Brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, v. 2 C-D, 1998. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=RCyZWhMgTiAC&pg=PT229&lpg=PT229&dq=B.+nobilis+Miers&source=bl&ots=ss77cZFgqO&sig=j379qNA0a3YEoPxy54rTQ_RddLU&hl=pt-BR&sa=X&ei=dh4bVfayE8usUc-ihJAF&ved=0CD0Q6AEwBA#v=onepage&q=B.%20nobilis%20Miers&f=false>. Acesso em: 05 abr. 2015.

PEIXOTO, Esmaily Negreiros. **Cooperativa central de comercialização extrativista - COOPERACRE e as políticas públicas de incentivo à produção da castanha-da-amazônia no estado do Acre**. Porto Velho: UNIR, 2014. 105 p. Dissertação de Mestrado.

PENNACCHIO, Humberto Lobo. **Proposta de preços mínimos safra 2013/2014 - Produtos da sociobiodiversidade - Volume III**. Companhia Nacional de Abastecimento - CONAB. Brasília, p. 155. 2013.

PIERANTI, Octavio Penna. A metodologia historiográfica na pesquisa em administração: uma discussão acerca de princípios e de sua aplicabilidade no Brasil contemporâneo. **Caderno EBAPE.BR [on-line]**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 01 - 12, mar 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1679-39512008000100010>>. Acesso em: 13 abr. 2015.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Caderno de Pesquisa**, v. 114, p. 179 - 195, nov 2001.

REIS, Eslei Justiniano dos. **Cadeia Extrativa da Castanha-da-Amazônia: análise sob a perspectiva de redes sociais**. Porto Velho: UNIR, 2014. Dissertação de Mestrado.

RIBEIRO, Maria Beatriz Nogueira. **Ecologia, manejo e sustentabilidade da exploração da castanha-da-Amazônia (*Bertholletia excelsa*) pelos índios Kayapó, sudeste da Amazônia**. Manaus: INPA, 2011. 142 p.

SANTIAGO, Emilio Rodrigues. **O Imparcial**, Guajará-Mirim, 3 jan. 1960.

_____. _____. p. 1 – 13, 7 set 1960.

_____. _____. p. 1 – 12, 7 set 1961.

_____. _____. p. 1 – 4, 03 mar 1963.

_____. _____. p. 1 – 4, 27 abril 1975.

_____. _____. p. 1 – 4, 29 jan 1978.

SANTOS, Raquel Rodrigues dos. **O extrativismo de castanha-do-brasil *Bertholletia excelsa* (humbl. & Bonpl.) no rio Madeira, Rondônia: bases para uma gestão ambiental participativa**. São Carlos: UFSCar, 2011. 151 p.

SCIENTIFIC AMERICAN SUPPLEMENTE N°598. The Brazil Nut. **Scientific American Supplemente n°598**, New York, 18 June 1887. 9558.

SIENA, Osma. **Metodologia da pesquisa científica**: elementos para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos. Porto Velho: [s.n.], 2007.

SIENA, Osma. et al. Sustentabilidade dos Produtos Florestais Não-Madeiráveis (PFNM) do Estado de Rondônia. **RARA - Revista de Administração e Negócios da Amazônia - [versão impressa]**, Porto Velho, v. II, n. 1, p. 4 - 47, 2011.

SILVA, Neima Quele Almeida da. **Análise institucional do conceito de Reserva Extrativista**: perspectiva dos atores sociais em Rondônia. Porto Velho: UNIR, 2012. Dissertação de Mestrado.

SILVA, Reginaldo Ferreira da; ASCHERI José Luiz Ramirez; SOUZA, Joana Maria Leite de. Influência do processo de beneficiamento na qualidade de amêndoas de castanha-do-brasil. **Ciência agrotecnica**, Lavras, v. 34, n. 2, p. 445-450, mar/abr 2010.

SILVA, Ramiro Vieira da; LEITE Haroldo Cristóvam Teixeira; RODRIGUEZ, Tomás Daniel Menéndez. Cadeia Produtiva de hidropônicos: um estudo da eficiência do elo denominado sistemas produtivos no município de Porto Velho/RO, utilizando o índice de Malmquist. In: SILVA NETO, José Moreira da. **Handbook de resultados das pesquisas. PPGA/NUCS /UNIR**. Porto Velho: Edufro, v. I, 2009. p. 98 - 103.

SILVA, Simão Corrêa da. **Sistemas agroflorestais na Amazônia**: Fitossociologia, Socioeconomia, Análise de Risco, comercialização e tendência de preços dos produtos. Lavras: UFLA, 2013. Tese (Doutorado).

SOUZA FILHO, Theophilo Alves de. et al. Sustentabilidade Socioambiental e os Stakes na Cadeia Produtiva da Castanha-da-Amazônia. **XXXVIII Encontro da ANPAD [online]**, Rio de Janeiro, 13 a 17 setembro 2014. 1 - 13. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/~anpad/eventos.php?cod_evento=1&cod_evento_edicao=73&cod_edicao_subsecao=1084&cod_edicao_trabalho=17660>. Acesso em: 22 mai. 2015.

SOUZA FILHO, Theophilo Alves de; PEDROZO, Eugênio Ávila; PAES-de-SOUZA Mariluce. Produtos Florestais Não-Madeiráveis (PFNMs) da Amazônia: uma visão autóctone da cadeia-rede da castanha-da-amazônia no estado de Rondônia. **Revista de Administração e Negócios da Amazônia - RARA**, Porto Velho, v. 3, n. 2, p. 58 - 74, mai / ago 2011.

SOUZA, Maria Luzenira de; MENEZES, Hilary Castle de. Extrusão de misturas de castanha do Brasil com mandioca. **Ciência e Tecnologia de Alimentos [online]**, Campinas, v. 28, n. 2,

p. 451 - 462, abr. / jun. 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-20612008000200029>>. Acesso em: 11 fev. 2014.

SOUZA, Sinval Oliveira. **Desenho e análise da cadeia produtiva dos vinhos finos da serra gaucha**. Porto Alegre: UFRGS, 2001. 181 p. Dissertação de Mestrado.

TEIXEIRA, Juliana Cristina; NASCIMENTO, Marco César Ribeiro; CARRIERI, Alexandre de Pádua. Triangulação entre métodos na administração: gerando conversações paradigmáticas ou mera validações "convergentes"? **Revista Administração Pública [on-line]**, Rio de Janeiro, v. 46, n. 1, p. 191 - 220, jan / fev 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-76122012000100010>>. Acesso em: 05 mar. 2015.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

TIGRE, Paulo Bastos. **Gestão da inovação: a economia da tecnologia no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

TONDOLO, Vilmar Antonio Gonçalves; BITENCOURT, Cláudia Cristina. Uma perspectiva baseada em recursos no agronegócio cooperativo. **Revista de Administração de Empresas RAE-eletrônica [on-line]**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. Art. 3, jan / jun 2008.

TONINI, Helio; KAMINSKI Paulo Emilio; COSTA, Patricia da. Relação da produção de sementes de castanha-do-brasil com características morfométricas da copa e índices de competição. **Pesquisa agropecuária brasileira**, Brasília, v. 43, n. 11, p. 1509-1516, nov 2008.

_____. PEDROZO, Cássia Ângelo. Variações anuais na produção de frutos e sementes de castanheira-do-brasil (*Bertholletia excelsa* Bonpl., Lecythidaceae) em florestas nativas de Roraima. **Revista Árvore**, Viçosa-MG, v. 38, n. 1, p. 133-144, 2014.

TORRES, Lucas Hoerlle. **Teoria do Stakeholders: um estudo da aplicação do princípio de equidade do stakeholders**. Porto Alegre: UFRGS, 2013. 122 p. Dissertação de Mestrado.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

_____. **Métodos de coleta de dados no campo**. São Paulo: Atlas, 2009.

APÊNDICE – A –

Roteiro de Entrevista

Ao realizar a visita haja com urbanidade e polidez, mesmo seguindo o rol de perguntas abaixo listadas, construa um ambiente de diálogo, fornecendo inicialmente as informações fundamentais sobre a visita e sua importância para a construção do conhecimento científico no qual o tema da pesquisa está inserida.

Nome?

Idade?

Escolaridade?

Experiência no trato com as Castanha-da-Amazônia?

Localidade de atuação (coleta ou comercialização)?

Condições de negociação?

Preço praticado na compra e preço praticado na venda?

O resultado de sua safra de Castanha-da-Amazônia nos últimos 5 anos?

Conhece outros negociadores de Castanha-da-Amazônia?

O que você condiciona a variação da produção de castanha de um ano para o outro?

Qual a rede de negociantes da castanha?